



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNACULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

LILIANE VIANA LIMA

**A MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS FALADO NO CEARÁ:
UMA ANÁLISE BASEADA NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL**

**FORTALEZA
2019**

LILIANE VIANA LIMA

A MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS FALADO NO CEARÁ:
UMA ANÁLISE BASEADA NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata.

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L698m Lima, Liliâne Viana Lima.
A modalidade facultativa no português falado no Ceará : uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional / Liliâne Viana Lima Lima. – 2019.
178 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Nadja Paulino Pessoa Prata.
1. Modalidade facultativa. 2. Gramática Discursivo-Funcional. 3. Português falado no Ceará. I.
Título.

CDD 900

LILIANE VIANA LIMA

A MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS FALADO NO CEARÁ:
UMA ANÁLISE BASEADA NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata.

Aprovada em: 03/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos
Universidade Estadual Paulista (UNESP-São José do Rio Preto)



Profa. Dra. Marcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

A minha mãe, meu maior apoio em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

À Profª. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata, pela acolhida e pelo incentivo dos meus passos durante todo o mestrado. Agradeço pela atenção, pela amizade e, sobretudo, por ter acreditado em mim. Muito obrigada!

À professora participante da banca examinadora, profª. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, que me apoiou nesta pesquisa. Agradeço pelas contribuições dadas a este trabalho, desde a qualificação até a defesa.

À professora Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos, presente também na banca de defesa, pelas relevantes contribuições e sugestões de pesquisa. Agradeço pela disponibilidade e pelo tempo dedicado à leitura deste trabalho.

A todos os professores do mestrado, pela minha formação em Linguística e pela descoberta de novos rumos para a minha vida profissional.

Aos meus colegas de turma, pelas sugestões, conversas e críticas construtivas recebidas durante a construção deste trabalho, em especial aos colegas Juliana Liberato Nobre, José Victor Melo de Lima, Francisca Felipe Sousa Sampaio e Mayara Arruda Martins, pela presença, amizade e apoio desde o início desta caminhada na Pós-Graduação em Linguística.

À minha amiga Adriana Negreiros de Almeida Morais, que sempre me apoiou e me ajudou com seus conselhos, conversas calorosas, sugestões e apoio incondicional.

À minha mãe, Joanete Inácio Viana, por ser a minha maior incentivadora em todos os aspectos, por ter me dado amor, valores éticos e morais e por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida.

À minha madrinha, Maria Carmelita Vieira da Cruz, por ter me instruído desde a infância pelo amor à Língua Portuguesa e à minha tia Silvia Helena Inácio Fernandes, por estar sempre presente em minha vida desde a infância até o presente momento.

Ao meu marido, Francisco Heide Pereira Lima, pelo apoio dado desde os meses de preparação para o teste de seleção, conversas, auxílio na construção do tema e ter acreditado no potencial que, muitas vezes, eu acreditava não ter e não me deixou fraquejar no último momento.

A Deus, que me concedeu a capacidade de viver.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a manifestação da modalidade facultativa no português brasileiro falado no Ceará tendo em vista os níveis e camadas da Gramática Discursivo-Funcional, com o objetivo de mostrar o papel dos Componentes Contextual e Gramatical para a expressão da categoria. De acordo com a GDF e embasados na ideia de que a modalidade facultativa está ligada às noções de condições físicas/circunstanciais, habilidades e capacidades (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), partimos do pressuposto que o Componente Contextual interage com o Componente Gramatical trazendo informações relevantes para a manifestação da modalidade facultativa. Utilizamos uma amostra do *corpus* do PROFALA, referentes à fala do cearense, composto por 60 entrevistas do tipo DID a fim de analisar como a modalidade facultativa se manifesta no português falado no Ceará. Nossa descrição, de cunho quali-quantitativo, se deu da seguinte forma: a) leitura das entrevistas para a identificação dos modalizadores facultativos; b) análise das incidências da modalidade facultativa; c) tratamento quantitativo das ocorrências com o *software* de análise estatística SPSS, a fim de codificar e quantificar os casos encontrados; d) interpretação dos resultados quantitativos à luz dos princípios teóricos funcionalistas, mais especificamente da GDF. Após o cruzamento dos resultados obtidos, verificamos a existência de relações significativas: (i) quanto aos elementos do Componente Contextual, vimos que a categoria ‘sexo’ foi a mais expressiva estatisticamente, mantendo relações com ‘condições de realidade’, ‘classes de palavras’ e ‘tempo verbal’; (ii) quanto ao Nível Interpessoal, discorimos sobre o parâmetro [+ inclusivo], o mais utilizado pelos falantes; (iii) No Nível Representacional, vimos a predileção pela modalidade facultativa orientada-para-o-participante, sobretudo quanto ao subtipo ‘adquirida’, além da utilização expressiva da polaridade negativa; (iv) quanto ao Nível Morfosintático, os resultados mostraram que a modalidade facultativa no português falado no Ceará expressa-se prioritariamente por meio de ‘palavras’, especialmente, pelo verbo ‘poder’. Portanto, com a discussão dos resultados finais encontrados, esperamos contribuir com a descrição e análise da modalidade facultativa no português falado no Ceará.

Palavras-chaves: Gramática Discursivo-Funcional; Modalidade Facultativa; Português Falado no Ceará.

ABSTRACT

The objective of this paper is to investigate the manifestation of the facultative modality in Brazilian Portuguese spoken in Ceará in view of the levels and layers of the Discursive-Functional Grammar, in order to show the role of the Contextual and Grammatical Components for the expression of the category. According to GDF and based on the idea that the optional modality is linked to the notions of physical / circumstantial conditions, abilities and capacities (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), we assume that the Contextual Component interacts with the Grammatical Component bringing relevant information for the manifestation of the optional modality. We used a sample of the PROFALA corpus, referring to the speech of Ceará, composed of 60 DID interviews in order to analyze how the facultative modality manifests itself in the Portuguese spoken in Ceará. Our qualitative and quantitative description was as follows: a) reading the interviews for the identification of the facultative modalizers; b) analysis of the incidence of the facultative modality; c) quantitative treatment of occurrences with SPSS statistical analysis software, in order to codify and quantify the cases found; d) interpretation of quantitative results in the light of functionalist theoretical principles, more specifically GDF. After crossing the results obtained, we verified the existence of significant relations: (i) as for the components of the Context Component, we saw that the 'sex' category was the most statistically significant, maintaining relations with 'reality conditions,' word classes 'and' tense '; (ii) regarding the Interpersonal Level, we discuss about the [+ inclusive] parameter, the most used by the speakers; (iii) At the Representational Level, we saw the predilection for the facultative modality oriented to the participant, especially regarding the 'acquired' subtype, besides the expressive use of negative polarity; (iv) Regarding the Morphosyntactic Level, the results showed that the optional modality in Portuguese spoken in Ceará is expressed primarily by means of 'words', especially by the verb 'poder'. Therefore, with the discussion of the final results found, we hope to contribute with the description and analysis of the facultative modality in Portuguese spoken in Ceará.

Keywords: Discursive-Functional Grammar; Facultative Modality; Portuguese Spoken in Ceará.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de produção do Ato Discursivo na GDF	27
Figura 2 - Organização geral da GDF	28
Figura 3 - Esboço modificado da GDF proposto por Connolly (2014)	31
Figura 4 - Organização do Nível Interpessoal	34
Figura 5 - Organização do Nível Representacional	36
Figura 6 - Parâmetro [+inclusivo] para a posição do falante no valor instaurado pela modalidade facultativa no corpus	90
Figura 7 - Parâmetro [±inclusivo]	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - A modalidade facultativa em relação à categoria ‘sexo’	81
Tabela 2 - Distribuição das ocorrências de modalidade facultativa de acordo com a variável ‘idade’	83
Tabela 3 - A modalidade facultativa em relação à categoria ‘escolaridade’	84
Tabela 4 - Comportamento / Posição do falante quanto ao valor facultativo	86
Tabela 5 - Condições de realidade na construção da modalidade facultativa no português falado no Cariri.....	94
Tabela 6 - Alvo da modalidade facultativa.....	97
Tabela 7 - Modalidade facultativa orientada-para-o-participante.....	100
Tabela 8 - Polaridade do valor facultativo instaurado no discurso.....	102
Tabela 9 - Tipologia dos estados-de-coisas relativos à modalidade facultativa no português falado no Cariri.....	107
Tabela 10 - Tipo de expressão linguística.....	112
Tabela 11 - Classes de palavras	115
Tabela 12 - Tempos verbais associados à expressão da modalidade facultativa no português falado no Cariri.....	123
Tabela 13 - Modos verbais associados à modalidade facultativa no português falado no Cariri	125
Tabela 14 - Cruzamento entre ‘Sexo’ e ‘Condições de realidade’	132
Tabela 15 - Cruzamento de dados entre ‘Sexo’ e ‘Tipo de unidade linguística’.....	134
Tabela 16 - Cruzamento de dados entre ‘Sexo’ e ‘Classes de palavras’	135
Tabela 17 - Cruzamento de dados entre ‘Sexo’ e ‘Modo verbal’	136
Tabela 18 - Cruzamento de dados entre ‘Escolaridade’ e ‘Tipo de expressão linguística’	137
Tabela 19 - Cruzamento entre ‘Comportamento /Posição do falante’ e ‘Alvo da modalidade facultativa’	140
Tabela 20 - Cruzamento de dados entre ‘Posição do falante’ e ‘Modalidade facultativa orientada-para-o- participante’	141
Tabela 21 - Cruzamento entre ‘Condições de realidade’ e ‘Polaridade’	142
Tabela 22 - Cruzamento de dados entre ‘Alvo’ e ‘Modalidade facultativa orientada-para-o- Participante’	143
Tabela 23 - Cruzamento de dados entre ‘alvo da modalidade facultativa’ e ‘tipologia dos	

estados-de-coisas'	144
Tabela 24 - Cruzamento entre 'Modalidade facultativa orientada-para-o-participante' e 'Tipologia dos estados-de-coisas'	146
Tabela 25 - Cruzamento de dados entre 'Modalidade facultativa orientada-para-o- -participante' e 'Polaridade'	148
Tabela 26 - Cruzamento de dados entre 'Tipologia dos EC' e 'Polaridade'	150
Tabela 27 - Cruzamento de dados entre 'Condições de realidade' e 'Modo verbal'	152
Tabela 28 - Cruzamento de dados entre 'Polaridade' e 'Modo Verbal'	154
Tabela 29 - Cruzamento de dados entre 'Tipo de expressão linguística' e 'Modo verbal'	156
Tabela 30 - Cruzamento de dados entre 'Sexo' e 'Tempo verbal'	175
Tabela 31 - Cruzamento de dados entre 'Condições de realidade' e 'Tempo verbal'	176
Tabela 32 - Cruzamento de dados entre 'Tipologia dos estados-de-coisas' e 'Classes de Palavras'	176

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipologia dos Estados-de-coisas	40
Quadro 2 - Expressões dinâmicas propostas por Carretero (1991)	51
Quadro 3 - Principais formas de expressão da modalidade facultativa para a língua espanhola	54
Quadro 4 - Organização da tipologia modal a partir da GDF	58
Quadro 5 - Síntese tipológica da modalidade facultativa.....	62
Quadro 6 - Distribuição das entrevistas escolhidas do PROFALA para constituição do nosso corpus.....	69
Quadro 7 - Categorias de análise do corpus referente ao Componente Contextual	72
Quadro 8 - Categorias de análise do corpus referente ao Componente Gramatical	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DOC	Documentador
EC	Estado-de-coisas
ELOC	Estudo da Língua Oral do Cariri
EMC	Extended Model of Context
GDF	Gramática Discursivo-Funcional
GF	Gramática Funcional
INF	Informante
MFOE	Modalidade Facultativa orientada-para-o-evento
MFOP	Modalidade facultativa orientada-para-o-participante
PROFALA	Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações
PALOPs	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL.....	24
2.1	A arquitetura da gramática discursivo-funcional	25
2.1.1	<i>O Componente Contextual.....</i>	29
2.1.2	<i>O Componente Gramatical.....</i>	33
2.2	A interação entre os componentes e os níveis de organização linguística...41	
2.3	Síntese conclusiva	44
3	MODALIDADE FACULTATIVA NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	46
3.1	A modalidade na perspectiva da gramática discursivo-funcional	55
3.2	A expressão da modalidade facultativa: aspectos gerais	59
4	METODOLOGIA.....	64
4.1	Seleção, constituição e delimitação do <i>corpus</i>	65
4.2	Procedimentos e categorias de análise	70
4.3	Dificuldades de análise	74
4.4	Síntese	79
5	ANÁLISE DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS FALADO NO CEARÁ	80
5.1	As categorias de análise referentes ao componente contextual.....	80
5.1.1	<i>Sexo</i>	80
5.1.2	<i>Idade</i>	83
5.1.3	<i>Escolaridade</i>	84
5.2	As categorias de análise referentes ao nível interpessoal	85
5.2.1	<i>Comportamento / posição do falante em relação ao valor facultativo instaurado</i>	86
5.3	As categorias de análise referentes ao nível representacional.....	93
5.3.1	<i>Condições de realidade relacionadas à modalidade facultativa no português falado no Ceará</i>	94
5.3.2	<i>O alvo da avaliação modal.....</i>	97
5.4	As categorias de análise referentes ao nível morfossintático	111
5.4.1	<i>A manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará ...</i>	112
5.4.2	<i>As classes de palavras para a manifestação da modalidade facultativa</i>	

	<i>no português falado no Ceará</i>	115
5.5	A inter-relação entre as categorias de análise	129
5.5.1	<i>A inter-relação do Componente Contextual com o Componente Gramatical</i>	129
5.5.2	<i>A Inter-relação entre os Níveis do Componente Gramatical</i>	138
5.6	Síntese conclusiva	157
6	CONCLUSÃO	159
	REFERÊNCIAS	164
	APÊNDICE A -VALORES DO <i>QUI-QUADRADO</i> PARA OS CRUZAMENTOS ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS	172
	APÊNDICE B - TABELAS 30, 31 E 32 COM CRUZAMENTOS ENTRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	175

1 INTRODUÇÃO

A modalidade é uma categoria rica e complexa, que, desde a Lógica aristotélica até os estudos linguísticos atuais, causa certa inquietude em sua análise, possivelmente porque ela não se mostra tão visivelmente marcada quanto outras como tempo, número e gênero, por exemplo, que possuem aspectos morfológicos específicos para sua caracterização (PALMER, 2001, p. 01) ou em razão da profusão de análises diversas acerca de sua expressão.

Essa variedade de pontos de vista, bastante característica do estudo científico, se traduz em riqueza de detalhamento nos contextos mais variados possíveis. Isso é justamente o que nos trouxe o interesse para a modalidade, uma vez que, por meio dela, podemos deixar as marcas de nossa subjetividade, expressar nossas crenças, ou mesmo falar sobre capacidades nossas ou de outras pessoas, além de nos comprometer ou não com o que estamos informando. Em sendo assim, observamos que o âmbito da modalidade, por mais que seja estudado, detalhado e analisado, sempre trará em si uma série de possibilidades para a expressividade linguística, em especial a modalidade facultativa¹, foco desta pesquisa.

É inegável a presença de alguns conceitos oriundos da Lógica quando nos debruçamos sobre a análise da modalidade em Linguística. No entanto, precisamos ter em mente que “o campo da modalidade linguística será necessariamente diferente do campo da modalidade lógica, apesar de as relações existentes: “inspirar-se em” não poderia significar “fazer coincidir” (CERVONI, 1989, p. 61)². Isto posto, faremos, neste capítulo, um breve panorama dos estudos acerca da modalidade, seus principais marcos históricos e autores a fim de situarmo-nos frente a eles e assim fazer conhecido o nosso objeto de estudos da melhor forma possível e, ao fim de nossa explanação, esperamos que fique mais evidente a necessidade de se fazer uma análise da modalidade facultativa no português brasileiro falado no Ceará, cuja amostra para esta análise é o português da região do Cariri, uma localidade dotada de uma riqueza histórica e linguística inestimável para a cultura cearense e brasileira, como por exemplo a sedição de Juazeiro ou “guerra de 1914”, a ascensão do Padre Cícero como um líder religioso e político³ e até mesmo a área em questão ser considerada “de

¹ Doravante utilizaremos o termo “modalidade facultativa” a fim de entrar em consonância com o nosso aparato teórico-metodológico, o da Gramática Discursivo-Funcional.

² Grifos do autor.

³ Tal fato, posteriormente, tornou a região bastante visada em relação ao turismo religioso e às visitas de romeiros, que, por vezes, acabavam fazendo morada na localidade.

refrigério e salvação” (SOUSA, 2015, p. 25) por pessoas que se instalavam lá fugindo da seca que assola o Nordeste brasileiro.

Tomamos como foco de análise os aspectos referentes à modalidade facultativa no português oral falado no Ceará, de modo que identificamos as maneiras pelas quais os falantes se utilizam desta categoria para falar acerca de suas habilidades e capacidades, além de relatarem condições físicas ou circunstanciais de eventos diversos. Com isso, podemos observar o nosso objeto principal: a modalidade facultativa.

De todos os pontos de vista existentes acerca dos estudos de modalidade, focaremos em um, não apenas de ser uma das teorias funcionalistas sobre o processo de interação entre Falante e Ouvinte, mas também por esta teoria buscar compreender como as unidades linguísticas se organizam em relação ao mundo descrito linguisticamente pelos falantes, além das intenções comunicativas com que elas são produzidas, o que coincide com a nossa proposta de investigação. Sendo assim, utilizaremos como base teórica principal de nossa pesquisa a Gramática Discursivo-Funcional⁴ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), por ela mostrar-se como uma teoria gramatical que busca interligar informações linguísticas, contextuais e cognitivas na produção de enunciados, sem, no entanto, ser uma prescrição de modelos desses enunciados, mas sim uma descrição deles em seu contexto discursivo (HENGEVELD, MACKENZIE, 2008, p. 07).

A partir do momento em que optamos por adotar um ponto de vista baseado na GDF, automaticamente abrimos a possibilidade de analisarmos os modalizadores facultativos tendo em vista o seu escopo de atuação e o contexto real de produção/interpretação de tais elementos com base nas entrevistas com compõem o *corpus* linguístico do PROFALA, nosso banco de dados selecionado para a análise da categoria no português falado no Ceará

Hengeveld (1989) já nos dava indicações do que posteriormente seria a GDF, mostrando que as predicções, usadas na Gramática Funcional para representar expressões linguísticas possuem duas funções distintas: uma descritiva e uma contedística, de modo que uma predicção não apenas dá uma descrição da situação externa a que o falante se refere em seu ato de fala, ela também representa o conteúdo proposicional ou unidade de mensagem processada dentro desse ato de fala⁵ (HENGEVELD, 1989, p. 127). A partir disso

⁴ GDF.

⁵ Texto original: “Predications, used in Functional Grammar to represent linguistic expressions, have two different functions: a DESCRIPTIVE function and a CONTENT function. A predication not only gives a description of the external situation the speaker refers to within his speech act, it also represents the propositional content or message unit processed within that speech act”, tradução nossa. (grifos dos autores)

ele, desenha dois níveis de análise da cláusula: o Nível Representacional, cuja preocupação é com o evento propriamente dito, em que um estado-de-coisas é descrito de maneira a que o ouvinte possa compreender o que é real ou hipotetizar a situação à qual o falante se refere; e o Nível Interpessoal, referente à apresentação da situação, de forma que o ouvinte seja capaz de reconhecer a intenção comunicativa do falante. Posteriormente seriam agregados a esses níveis outros dois, referentes à organização morfossintática e fonológica da produção dos enunciados: os níveis Morfossintático e Fonológico, respectivamente.

A noção de divisão da gramática em camadas proposta pela GDF não é uma ideia atual, pois, em meados da década de 1980, autores como Foley e Van Valin (1984) já faziam análises da estrutura da cláusula concebendo-a como uma estrutura dotada de três camadas sobrepostas (a saber: *núcleos*, *core* e *periphery*), cada uma com seus próprios conjuntos de operadores, o que serviria para uma caracterização da modalidade tendo em vista o escopo de atuação do modalizador em propostas posteriores como o da Gramática Funcional e da Gramática Discursivo-Funcional. Levando em consideração essas noções, Verstraete (2001, p. 1511) nos explica, por exemplo, que os chamados modais não epistêmicos, “como os que expressam obrigação, permissão, habilidade e volição são considerados operadores centrais porque sua função é interna para a camada *core* da cláusula”, ou seja, esses operadores, na realidade, buscam qualificar a relação existente entre um núcleo argumento e um predicado.

Um dos principais avanços da GDF é também o de considerar quatro componentes como essenciais à compreensão do Ato Discursivo, dos quais três não são propriamente verbais, ou seja, não formulam ou codificam a expressão linguística: o Componente Conceitual, responsável pela intenção comunicativa do Falante, o Componente Contextual que traz em si as informações pragmáticas que auxiliam o desenvolvimento das intenções comunicativas do Falante, permeando todo o ato discursivo, o Componente de Saída⁶, responsável pela articulação do discurso. Os três aliam-se ao Componente Gramatical, que contém os níveis de organização, a fim de produzir a comunicação. Todos esses componentes são de vital importância para uma compreensão de como se dá a interação verbal. Dentre eles é importante destacar o papel do Componente Contextual enquanto catalisador das intenções evidenciadas no Componente Conceitual e que permeia a todo momento o Componente Gramatical, dando ao Falante e ao Ouvinte elementos discursivos e situacionais para a produção do ato comunicativo. Com as informações vindas do

⁶ Alguns estudiosos traduzem este termo como “Componente de Expressão” (SOUZA, 2009). No entanto, utilizaremos o termo “Componente de Saída” em conformidade com o texto original de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Componente Contextual e unidas à intenção do falante (Componente Conceitual), há a interação destes com o Componente Gramatical em dois grandes passos, a Formulação e a Codificação, cada qual com dois níveis próprios de organização. Os níveis Interpessoal e Representacional, sendo integrantes da Formulação e os níveis Morfossintático e Fonológico, responsáveis pela Codificação. No Nível Representacional, por exemplo, mais especificamente na camada dos estados-de-coisas, podemos perceber que a modalidade facultativa é considerada alvo de avaliação em dois momentos: como “modalidade orientada-para-o-evento” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 174-176) e como “modalidade orientada-para-o-participante” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212-213), que designam respectivamente: a) um EC em termos físicos ou circunstanciais, possibilitando as condições de sua ocorrência; e b) uma habilidade de um participante se engajar no EC designado pelo predicado. Algumas línguas, inclusive, distinguem essas habilidades em intrínseca (ser capaz de) e adquirida (saber como) como ocorrem nas línguas espanhola e portuguesa.

Em relação à língua portuguesa, especificamente a usada no Brasil, os estudos referentes à modalidade facultativa ainda estão relativamente escassos, pois parte deles focam na literatura de autoajuda, justamente por esse tipo de discurso caracterizar-se pela motivação pessoal e busca de habilidades e capacidades que, por vezes, o leitor acredita que não possui. Nagamura (2011), por exemplo, faz um comparativo entre a autoajuda geral e a autoajuda da saúde e, mesmo não se centrando propriamente na modalidade facultativa, a considera como termo relevante em seus resultados. Bastos e Brunelli (2012), num estudo contrastivo entre português e espanhol, com base na análise do verbo “poder” em obras de autoajuda, chegaram à conclusão de que, embora geralmente ele seja considerado predominantemente como um modal epistêmico, dado o contexto da autoajuda ele comporta-se predominantemente como um modal facultativo orientado-para-o-participante. Neves (2016, p. 160), ao considerar a modalidade desse tipo como “disposicional ou habilitativa”, uma vez que se refere à “disposição, habilitação, capacitação (no fundo, uma possibilidade deôntica)”, aproxima seu ponto de vista ao de Palmer (2001), relegando a modalidade dinâmica ou facultativa um subgrupo no âmbito das modalidades.

Diante do exposto, observamos que, ainda hoje, a modalidade facultativa não é alvo de uma análise específica, visto que ela foi colocada em segundo plano nos estudos linguísticos e, atualmente, sobretudo com o advento da GDF, ela tomou uma nova feição e foi definitivamente inserida no campo dos artifícios de que o falante pode valer-se para expressar sua atitude diante do EC, traduzindo suas capacidades e habilidades inerentes ou

adquiridas de ações ou eventos anteriores. Sendo assim, a nossa pesquisa se justifica na medida em que há ainda a necessidade de discussão desta categoria em língua portuguesa, com a finalidade de analisar e descrever sua manifestação em outros contextos de uso. Assim, esperamos contribuir para a descrição e análise da modalidade facultativa no português brasileiro, especificamente o usado na região do Cariri, no Ceará, buscando o enriquecimento da teoria e análise linguística que permeia nossa pesquisa. Desse modo e tendo por base os pressupostos de nosso aparato teórico, a GDF, formulamos o seguinte objetivo geral que irá permear todo este trabalho: *Investigar a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará, tendo em vista os níveis e camadas da GDF, com o objetivo de mostrar o papel dos Componentes Contextual e Gramatical para a expressão da categoria.*

Para que este seja descrito e analisado, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a) Mostrar a relação entre o Componente Contextual e cada nível do Componente Gramatical (Nível Interpessoal, Nível Representacional e Nível Morfossintático⁷) para a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará;
- b) Analisar e descrever os aspectos relativos ao Nível Interpessoal que podem proporcionar, nos níveis Representacional e Morfossintático, o surgimento da modalidade facultativa no português falado no Ceará;
- c) Analisar e descrever os aspectos relativos ao Nível Representacional que proporcionem a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará;
- d) Identificar, analisar e descrever os aspectos relativos ao Nível Morfossintático que codificam a modalidade facultativa no português falado no Ceará;
- e) Identificar o(s) alvo(s) da avaliação modal facultativa (escopo) no português falado no Ceará.

Partindo de tal análise, o problema-chave de nossa pesquisa assenta-se no modo pelo qual o Componente Contextual relaciona-se com o Componente Gramatical definindo quais operações proporcionam a manifestação da modalidade facultativa no português falado

⁷ Essa pesquisa não trabalhará com o Nível Fonológico. Cada nível será analisado separadamente e, em seguida, faremos um estudo de suas inter-relações entre si, bem como com o Componente Contextual.

no Ceará. Para tanto, seguimos a linha de nossos objetivos e formulamos a seguinte questão central: *Qual o papel dos componentes Contextual e Gramatical na manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará tendo em vista os níveis e camadas da GDF?*

Decorrentes desta, surgem naturalmente questões específicas:

- a) Qual o papel do Componente Contextual ao se relacionar com cada nível do Componente Gramatical (níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático) para a manifestação da categoria modalidade facultativa no português falado no Ceará?
- b) Em que medida os aspectos relativos ao Nível Interpessoal podem condicionar a Formulação no Nível Representacional e a Codificação Morfossintática para a expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará?
- c) Quais elementos do Nível Representacional são relevantes para a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará?
- d) Quais aspectos relativos ao Nível Morfossintático contribuem para a expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará?
- e) Qual o tipo de alvo da avaliação modal facultativa (escopo) é mais frequente no português falado no Ceará?

Conforme observamos, o fenômeno da modalidade é tão complexo quanto o estudo de sua tipologia, de tal modo que ainda não há uma caracterização específica de seus aspectos e quais os elementos que podem proporcionar o surgimento da modalidade facultativa nas línguas: afinal, por mais que nos aprofundemos em sua análise, dificilmente seus recursos serão esgotados em virtude dos aspectos inovadores da língua e a sua constante mutabilidade. Buscamos, portanto, confirmar o funcionamento da teoria de nosso trabalho a ideia de que o Nível Representacional concentra a Formulação da modalidade facultativa no enunciado tendo em vista o Componente Contextual (contexto mental e sociodiscursivo) e o Nível Interpessoal do Componente Gramatical, que serão determinantes para a manifestação da modalidade facultativa no português falado do Ceará, codificada no Nível Morfossintático, verificando, portanto, quais são as regularidades existentes no sistema que proporcionam a manifestação e expressão de nossa categoria em estudo.

Decorrentes dessa ideia inicial do que esperamos encontrar na fala do Ceará, ressaltamos como hipóteses secundárias a seguir, buscando um meio de responder os questionamentos e pautar nossa análise em noções prévias do que esperamos encontrar:

- a) As informações oriundas do Componente Contextual influenciam diretamente as formas linguísticas elaboradas nos níveis do Componente Gramatical para a instauração da modalidade facultativa no português brasileiro;
- b) Os aspectos relativos ao Nível Interpessoal (‘comportamento/posição do falante em relação ao valor facultativo instaurado quanto a inclusão ou não-inclusão do falante na instauração da modalidade facultativa’ e os ‘Participantes’⁸ do ato comunicativo) interagem com os níveis Representacional e Morfossintático, uma vez que orientam as escolhas do Falante no que diz respeito ao valor e/ou sub-valor, o tipo de fonte e o tipo de alvo, bem como a expressão linguística preferida para a manifestação da modalidade facultativa no português brasileiro;
- c) As informações sobre o tipo de Ilocução e sobre a posição do falante diante do valor facultativo instaurado irão determinar a orientação da modalidade facultativa, de modo que as categorias modalidade facultativa orientada-para-o-participante e modalidade facultativa orientada-para-o-evento estabelecerão quais as expressões linguísticas, sintagmas e palavras utilizados para expressar a categoria no português falado no Ceará.
- d) A expressão da modalidade facultativa no português brasileiro mais usada é a de “verbo”, a qual mantém intrínseca relação com as categorias de tempo/modo, que estão a serviço dos valores facultativos instaurados, o que contribui para a construção da ‘imagem’ dos participantes da interação social por meio da linguagem;
- e) O alvo mais recorrente das entrevistas utilizadas como *corpus* para o estudo da modalidade facultativa no português falado no Ceará é o orientado-para-o-participante, pois atribui a alguém uma capacidade/habilidade para executar

⁸ Os Participantes no evento de fala também estão representados no Componente Contextual, onde todas as suas propriedades gramaticamente relevantes estão listadas. Estes podem ser copiados como operadores para o Participante, Falante ou Ouvinte apropriado, em cada Ato Discursivo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 85, tradução nossa). Texto original: “the Participants in the speech event are also represented in the Contextual Component, where all their grammatically relevant properties are listed. These can be copied as operators onto the appropriate Participant, Speaker or Addressee, in each Discourse Act.

ações necessárias em sociedade, o que de alguma forma contribui para a (des) construção ou manutenção da imagem do outro durante o processo interativo de uso da língua (português brasileiro).

No tocante à metodologia, usamos o *corpus* PROFALA, elaborado e organizado no âmbito da Universidade Federal do Ceará. Para nossa análise, utilizamos uma amostra de 60 inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), seguindo a seleção elaborada por Carvalho (2007). Para a análise quantitativa, utilizamos o *software* SPSS a fim de verificar a frequência, o cruzamento das categorias de análise a fim de identificar quais seriam estatisticamente significativas para a expressão da modalidade facultativa no português do Ceará, de cada uma das 167 ocorrências encontradas.

Em relação à organização textual-discursiva, esta dissertação conta com três grandes eixos, a saber: (i) Fundamentação teórica; (ii) Metodologia; (iii) Análise dos dados encontrados, os quais estão divididos nos capítulos que se seguem.

No capítulo *Gramática Discursivo-Funcional*, tratamos do modelo *top down* de arquitetura da GDF, categorizando cada Componente que a integra e especificando nossas categorias de análise dos componentes Gramatical e Contextual, focos de nossa pesquisa, além da relevância do Componente Contextual trazida pela GDF.

No capítulo *Modalidade Facultativa nos estudos linguísticos*, fizemos um percurso histórico e analítico das principais propostas tipológicas acerca da modalidade e situando o lugar da modalidade facultativa nos estudos das tipologias modais, mais especificamente segundo a proposta da GDF.

No capítulo *Metodologia*, fizemos a delimitação de nosso universo de pesquisa e a apresentação de nosso *corpus* e das categorias de análise elaboradas para este trabalho, assim como os procedimentos da pesquisa.

No capítulo *Análise da Modalidade Facultativa no Português Falado no Ceará*, ambientamos os resultados obtidos por meio da análise quali-quantitativa das 167 ocorrências de modalidade facultativa encontradas no *corpus* e das co-determinações para o surgimento e a expressão da modalidade facultativa. Apresentamos também os resultados da inter-relação entre as categorias de análise propostas para este trabalho e, em seguida, elencamos as principais dificuldades encontradas durante a categorização da modalidade facultativa em nossa amostra.

Por fim, na *Conclusão*, apresentamos a interpretação final dos resultados de nossa pesquisa e propostas para trabalhos posteriores sobre a modalidade facultativa em língua portuguesa.

2 GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Independentemente de sua vertente, todo estudo que deseje se considerar funcionalista contém em si duas premissas que precisam ser levadas em conta: a visão da língua como um instrumento de interação social e as análises com base no uso real da língua (PEZATTI, 2011, p. 165-168). Tais pontos são essenciais e permearão toda a nossa pesquisa, que tomará como base o funcionalismo holandês, mais especificamente o postulado pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Kees Hengeveld e J. Lachlan Mackenzie (2008). Ela compartilha com sua predecessora, a Gramática Funcional (GF), de Simon Dik (1997), e outras gramáticas funcionais, como a Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiesen (2004), e a Gramática de Papel e Referência, de Van Valin e LaPolla (1997), algumas semelhanças, como por exemplo a visão do enunciado estratificada em camadas.

No entanto, há também uma série de distinções que fazem da GDF um aparato essencial para o nosso estudo.

A GDF, segundo os autores da proposta, busca ocupar uma posição intermediária entre as abordagens radicais formalistas e funcionalistas de análise. Sendo assim, vê o usuário da língua como conhecedor das unidades linguísticas e do caminho em que estas unidades podem ser utilizadas. No entanto, a postura adotada pela Gramática Discursivo-Funcional em relação ao conhecimento das unidades linguísticas é distinta das ideias formalistas, conforme podemos observar a seguir:

[...] este conhecimento das unidades e sua combinação é instrumental na comunicação interpessoal e surgiu como um processo histórico: as formas que serviam bem aos Falantes através dos tempos foram sedimentadas no repertório agora disponível para os usuários da língua e são bem adaptadas aos seus propósitos. (HEGENVELD; MACKENZIE, 2008, p. 27).⁹

Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram a Gramática Funcional, de Dik (1997), como a antecessora da GDF, pois ambas põem em evidência os paralelos com a produção da língua, ou seja, concebem a língua como estratificada em camadas. No entanto, a diferença básica entre ambas está em sua arquitetura, pois, ao passo que a GF toma como objeto básico de interesse a oração, a GDF utiliza como unidade essencial de estudos o Ato

⁹ “[...] this knowledge of units and their combination is instrumental in interpersonal communication and has arisen as a result of historical processes: forms that have served Speakers well through the ages have sedimented into the repertory now available to language users and are well-adapted to their purposes” ((HEGENVELD; MACKENZIE, 2008, p. 27, tradução nossa)

Discursivo. Além disso, outra distinção básica encontrada entre ambas é o percurso analítico: enquanto a GF busca fazer uma análise de estratificação ascendente (*bottom-up*), a GDF adota o ponto de vista descendente (*top down*) de produção do enunciado linguístico, dadas as questões de adequação psicolinguística e estudos mais recentes na área de produção da linguagem e processamento da fala.

A Gramática Discursivo-Funcional diferencia-se da Gramática Funcional por separar os níveis Interpessoal e Representacional, além de buscar a investigação da complexidade interacional dentro de uma determinada língua. Quando o Componente Gramatical recebe informações dos componentes Conceitual e Contextual, o processo de produção do ato comunicativo se dá em camadas em quatro níveis. O Interpessoal, como vimos anteriormente, foi ampliado e, na GDF, passa a lidar diretamente com os aspectos formais das unidades linguísticas que desempenham papéis na interação verbal. O Nível Representacional, por sua vez, foca sua atenção na descrição das categorias semânticas. Embora à *prima facie* possa haver alguma semelhança entre esses níveis, ambos são distintos e independentes um do outro, o que lhes permite uma grande variedade de interação verbal. O Nível Morfosintático analisa as unidades linguísticas nos termos de seus constituintes sintáticos. Por fim, o Nível Fonológico, também específico da linguagem, contém representações fonológicas segmentais e suprasegmentais do ato discursivo. Com isso, a GDF pode nos ofertar um quadro estruturado no qual será possível enunciar e testar hipóteses linguísticas, porque ela oferece uma perspectiva geral sobre os fenômenos linguísticos, que compreende quatro níveis de análise sendo integrados a um modelo de quatro componentes do usuário da língua natural¹⁰ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008. p. 41).

2.1 A arquitetura da gramática discursivo-funcional

A GDF é uma teoria gramatical que, diferentemente de outras, procura refletir as evidências psicolinguísticas em sua arquitetura básica (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 02). Sendo assim, temos duas grandes operações atuantes que, conseqüentemente, influenciam todos os componentes e níveis de organização: as operações de Formulação e as de Codificação, responsáveis pela distinção do modelo *top down* de construção dos enunciados, concepção típica da GDF. Para que haja a operação da Formulação, há a

¹⁰ Texto original: “(...) FDG will offer a structured framework within which it will be possible to enunciate and test linguistic hypotheses. Because FDG provides an overall perspective on linguistic phenomena, comprising four levels of analysis, and being integrated into a four-component model of the natural language user (...)”, tradução nossa.

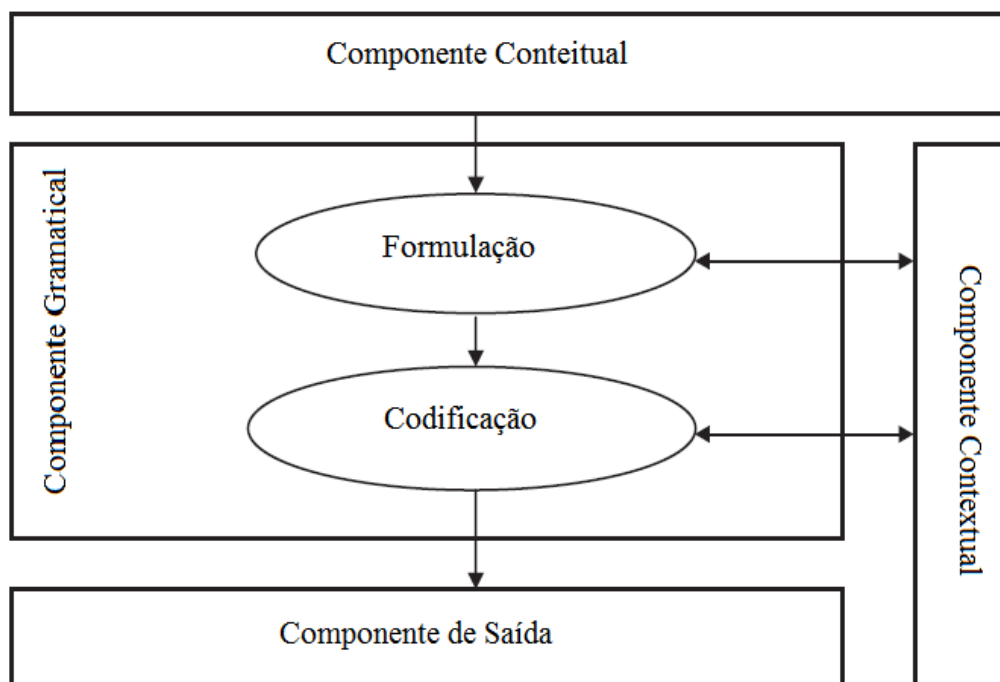
necessidade de três pontos interligados: (i) a seleção de quadros (*frames*) apropriados para os Níveis Interpessoal e Representacional, (ii) a inserção de lexemas apropriados e (iii) a aplicação de operadores simbolizando as distinções gramaticais requeridas na língua em análise (no nosso caso, a língua portuguesa em sua variedade brasileira). Por outro lado, para que ocorra a operação da Codificação, é preciso que se tenham os seguintes processos: (i) a seleção de moldes (*templates*) apropriados para os níveis Morfossintático e Fonológico, (ii) a inserção de morfemas livres e limitados e (iii) a aplicação de operadores que desempenham um papel na articulação do enunciado propriamente dito.

Sua unidade básica de análise, diferentemente de outras teorias que consideravam as sentenças, as frases e outras unidades menores, é o Ato Discursivo, por se combinar tanto em estruturas maiores, como os Moves, quanto em fragmentos de cláusulas gramaticais, frases e palavras.¹¹ Sendo assim, é necessário um modelo gramatical que seja capaz de identificar e mapear o Ato Discursivo em unidades morfossintáticas diversas, partindo da análise pragmática até a análise fonológica. Justamente por isso a abordagem da GDF é considerada *top down*, ou seja, de cima para baixo. Em outras palavras, a sua configuração partiria do pressuposto de que toda e qualquer expressão linguística teria como ponto de partida a intenção do falante e de chegada a articulação do enunciado propriamente dito. Sendo assim, a eficiência de tal gramática seria muito maior na medida em que sua organização refletiria a produção do Ato Discursivo pelo falante

De posse da perspectiva da GDF e de suas principais operações (Formulação e Codificação), podemos analisar a Figura 1, que nos mostra a articulação básica entre seus componentes. Veremos que o Componente Gramatical, no qual ocorrem a Formulação e a Codificação, está ligado a outros três componentes não gramaticais: o Componente Conceitual, o Contextual e o de Saída.

¹¹ Vale ressaltar, inclusive, que a noção de “sentença” não se aplica na GDF (HENGEVELD, MACKENZIE, 2008, p. 17).

Figura 1 - Modelo de produção do Ato Discursivo na GDF



Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 06, tradução nossa).

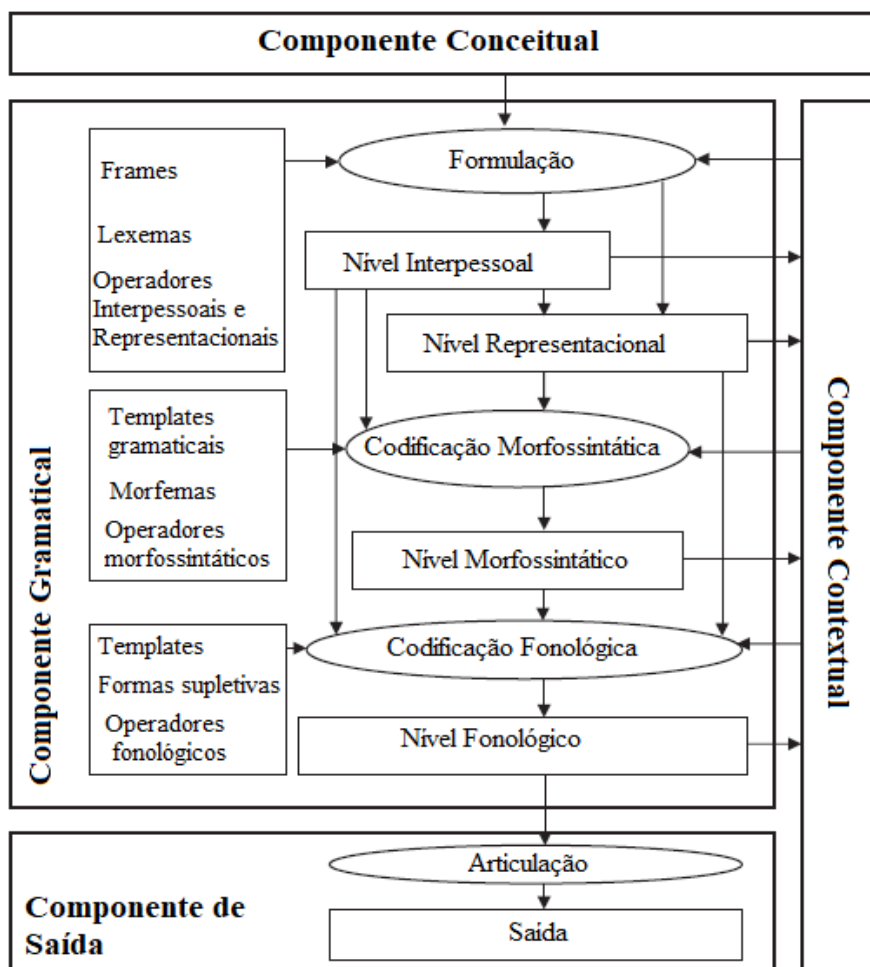
O Componente Conceitual é considerado a fonte subjacente do Componente Gramatical como um todo e inclui os aspectos cognitivos que afetam a intenção comunicativa imediata. Consequentemente, é responsável pelo desenvolvimento de uma intenção comunicativa relevante para o atual evento de fala e as concepções associadas a respeito de eventos extralinguísticos. Como podemos observar, o Componente Conceitual segue em direção à Formulação, que, por sua vez, irá influenciar a Codificação e, após isso, tais informações, ao chegarem no Componente de Saída, geram as manifestações acústicas e/ou ortográficas oriundas do Componente Gramatical, como explicam os autores.

A Formulação e a Codificação, no entanto, não passam apenas por essa relação; elas também afetam e são afetadas pelo Componente Contextual, o qual nada mais é do que o domínio do discurso durante o processo da interação entre os usuários da língua, permitindo-lhes tomar posse de dois níveis de informação: a) a informação recebida do componente gramatical em um enunciado particular, e b) as informações sobre a interação e o que seria relevante para o seu progresso, conforme observamos pelo uso das setas bidirecionais na Figura 1, demonstrando que o Componente Contextual influencia e é influenciado pelas operações dentro do Componente Gramatical (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

No Componente Gramatical, há uma série de níveis e camadas que são propostos no intuito de explicar como é produzido o enunciado pelo falante. Sendo assim, o conteúdo que inicia na mente do falante, por meio do Componente Conceitual, passa para a operação de Formulação, dentro do Componente Gramatical, que, por sua vez, irá derivar em dois níveis de organização responsáveis, respectivamente, pela categorização pragmática e semântica. Estas informações servirão à Codificação, que trará em si uma organização específica (HENGEVELD; MACKENZIE, 2009) e fará a utilização de línguas específicas para que, enfim, possa surgir o enunciado linguístico no Componente de Saída.

Além disso, as escolhas do Falante podem mudar o impacto que cada uma destas formas linguísticas possui na comunicação, independentemente da língua utilizada. Teremos uma noção mais ampla de como se dá a elaboração de um enunciado linguístico pelo falante na Figura 2:

Figura 2 - Organização geral da GDF



Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 13, tradução nossa).

Com base na Figura 2, podemos compreender o funcionamento do Componente Gramatical, desde a interação com o Componente Conceitual até a produção do enunciado. Sendo o Componente Gramatical o centro da arquitetura da GDF, observamos claramente que, conseqüentemente, ele também é o cerne da análise linguística. As operações de Formulação e Codificação, nesse modelo, acabam se desenvolvendo e se organizam em quatro níveis básicos de organização: o Nível Interpessoal, responsável pela análise dos aspectos do contexto pragmático das unidades; o Nível Representacional, em que essas unidades são analisadas de acordo com os valores semânticos; o Nível Morfossintático, com a análise dos constituintes sintáticos das unidades e, por fim, o Nível Fonológico, que possui as representações segmentais, suprasegmentais e fonológicas de um enunciado, considerado a maior unidade fonológica da proposta. Todos esses quatro níveis são de natureza puramente gramatical (linguística) e concebidos numa estrutura organizada em camadas.

Isto posto, detalharemos, a partir de agora, dois dos principais Componentes responsáveis pela comunicação verbal com base na GDF, a saber: o Componente Contextual e o Componente Gramatical, uma vez que auxiliarão no estabelecimento das categorias de análise propostas para esta pesquisa.

2.1.1 O Componente Contextual

De acordo com Connolly (2007; 2014) e Hengeveld e Mackenzie (2014), podemos considerar elementos relevantes para o Contexto, entre outros fatores: a) as entidades animadas e inanimadas, juntamente com seus atributos físicos e atividades; b) a localização no tempo e no espaço; c) os Participantes do discurso, juntamente com seus atributos sociais, psicológicos e atividades; d) o grau de formalidade do discurso; e) o propósito e o resultado do discurso.

Sendo assim, nosso estudo se pautará nesses aspectos relativos ao Componente Contextual a fim de encontrarmos indícios de surgimento da modalidade facultativa em língua portuguesa, uma vez que todo ato comunicativo sempre ocorre em um contexto e, portanto, identificar como se dá a utilização dos recursos linguísticos implantados na comunicação real e a conseqüente identificação dos aspectos contextuais determinantes para a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará, especificamente na região do Cariri.

Conforme observamos nas Figuras 1 e 2, o Componente Contextual é externo ao Componente Gramatical e é considerado um dos três componentes não gramaticais que

interagem com os níveis do Componente Gramatical, trazendo informações relevantes para o prosseguimento da comunicação entre os Participantes do Ato Discursivo.

Sendo assim, ele é “uma descrição do conteúdo e forma do discurso precedente e do contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala e das relações sociais entre os participantes” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 06). Portanto, informações relevantes como relações de poder entre os participantes, idade, espaço e outras situações somente terão importância na medida em que elas possam ampliar e dar continuidade à interação verbal, ou seja: os aspectos textuais relevantes serão apenas os que repercutem (quanto à codificação) na gramática.

Propostas teóricas mais atuais, entretanto, já mostram uma leve tendência a apresentar o contexto em uma visão menos estrita, buscando, por exemplo, estender o Componente Contextual a contextos socioculturais, contextos multimodais e representações mentais (CONNOLLY, 2007, 2014; RIJKOFF, 2008; CORNISH, 2007; HENGEVELD e MACKENZIE, 2014, entre outros). Sendo assim, faz-se necessário buscar compreender exatamente o que é o contexto em uma análise funcionalista que busca compreender o Ato Discursivo como unidade básica de comunicação.

Já sabemos que a GDF analisa a expressão linguística, enquanto enunciado, com base em níveis e camadas, organizadas desde a intenção do falante, até se chegar ao Componente de Saída, onde, finalmente, temos a expressão linguística. O Componente Contextual entra como um coadjuvante nessa cena, ora modificando as expressões, ora sendo modificado por elas, de modo que ele é o que proporciona o andamento da comunicação, transforma informações novas em velhas, buscando refletir as restrições impostas pelas necessidades comunicativas da linguagem.

Chegamos, então, à conclusão de que o Componente Contextual traz dois tipos principais de informação (ALTURO, KEIZER E PAYTARÓ, 2014, p. 193-194): a) as informações imediatas ou de curto prazo com informações vindas do Componente Gramatical e relativas a enunciados particulares; e b) informações de longo prazo que atuam sobre a interação em andamento. De posse dessas informações, podemos analisar como se dá a estrutura interna do Componente Gramatical para a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará, foco de nosso estudo e da produção de enunciados linguísticos. Além disso, estudos mais recentes sobre o Componente Contextual apontam uma ampliação de definições, aprofundando o que encontramos na GDF (2008). Dentre estes, destacaremos Connolly (2007; 2014) e Hengeveld e Mackenzie (2014).

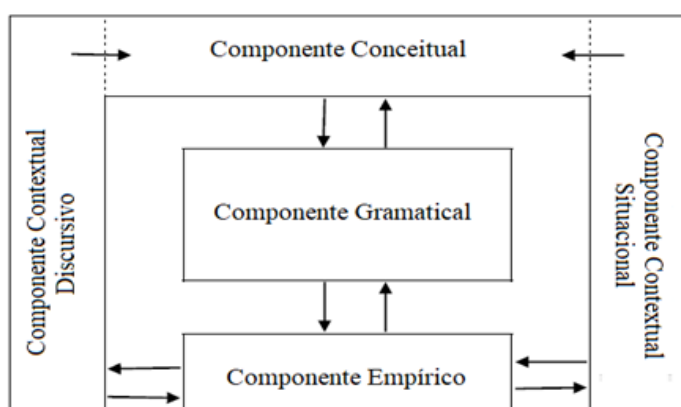
Connolly (2007, 2014) nos dá um detalhamento da arquitetura do Componente Contextual exposto na GDF, nomeando sua teoria como “Modelo Estendido de Contexto”¹². Segundo o EMC¹³, o contexto pode ser dividido em discursivo e situacional, em que aquele pode subdividir-se em linguístico e não-verbal, este em físico e sociocultural. Cada uma dessas subdivisões pode ser ainda repartida de acordo com as seguintes dicotomias:

- a) **Estreito** (ambiente imediato da comunicação) ou **amplo** (estendendo-se além do entorno imediato);
- b) **Mental** (existente dentro das mentes dos Participantes do discurso) ou **extramental** (fornecido pelo universo externo).

Inserindo sua teoria dentro da GDF, ele procura uma “reformulação” da arquitetura proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), ampliando a noção para três subdivisões que deveriam estar inseridas no contexto a fim de oferecer um tratamento adequado para os aspetos multimodais que o permeiam.

O Componente Gramatical, segundo Connolly (2014), recebe e envia informações para o Componente Empírico (equivalente ao Componente de Saída) e para o Componente Conceitual. Para o autor, esta seria a arquitetura ideal proposta para o Componente Contextual, pois acabaria juntando o Componente Conceitual e o Contextual em um mesmo âmbito e estaria, em seguida, subdividido em três partes, ampliado de acordo com o modelo descrito na Figura 3:

Figura 3 - Esboço modificado da GDF proposto por Connolly (2014)



Fonte: CONNOLLY (2014, p. 233, tradução nossa)

¹² Extended Model of Context (EMC).

¹³ Utilizamos a sigla em inglês a fim de evitar confusão terminológica com outras siglas homônimas.

A organização proposta pelo autor coloca o Componente de Conteúdo, referente ao Componente Conceitual da GDF acrescido de aspectos afetivos e sociais embutidos nas intenções comunicativas: (i) o Componente Contextual Discursivo, que possuiria a função de oferecer material verbal e não-verbal a partir do co-texto (contexto linguístico mais estreito, referindo-se apenas ao discurso atual) ou do inter-texto (contexto linguístico mais amplo, estendendo-se a outros discursos); e (ii) o Componente Contextual Situacional, fornecendo informações relevantes de natureza não discursiva.

Sua teoria justifica-se tendo em vista que o Componente Contextual da GDF se destina apenas à aplicação no contexto interacional, restringindo-se a fatores que tenham efeitos sistemáticos nas escolhas gramaticais durante o ato discursivo. Para ele, tal visão vai de encontro ao EMC por lidar apenas com a gramática, afinal “a longo prazo, os componentes contextuais discursivo e situacional precisam ser capazes de lidar não apenas com a gramática, mas com o discurso”¹⁴ (CONNOLLY, 2014, p. 238).

Por outro lado, Hengeveld e Mackenzie (2014) nos mostram uma outra visão para a ampliação da arquitetura do Componente Contextual. Partindo do pressuposto de que ele deve ser visto como um companheiro para o Componente Gramatical, ambos se espelham um no outro e, ao passo que este possui seus níveis de organização, o Componente Contextual também teria seus níveis, chamados pelos autores de *estratos* os quais trariam dois tipos de informação: a situacional, correspondente aos níveis da Formulação (níveis Interpessoal e Representacional), e a discursiva, disponível nos quatro níveis organizacionais do Componente Gramatical.

As indicações presentes no Componente Contextual em relação às informações situacionais são, segundo os autores:

- a) **Situação de fala:** os participantes do discurso, o tempo e o lugar da interação;
- b) **Mundo físico:** as entidades percebidas e suas propriedades.

As informações discursivas que podemos obter por meio do Componente Contextual são:

- a) **Nível Interpessoal:** atos executados no discurso anterior;
- b) **Nível Representacional:** as entidades indicadas no discurso anterior;

¹⁴ This implies that, in the longer term, the Discoursal and Situational Context Components need to be able to cope not just with grammar but with discourse. (Tradução nossa).

c) **Nível Morfossintático:** as unidades morfossintáticas produzidas anteriormente;

d) **Nível Fonológico:** o contexto das unidades fonológicas produzidas anteriormente no discurso.

Observamos, desse modo, que há um encadeamento de informações linguísticas e não linguísticas no intercâmbio entre os componentes Contextual e Gramatical. Por isso, “os estratos dentro do Componente Contextual são apenas um pequeno passo para assumir que as representações dentro do Componente Contextual usam os mesmos símbolos que os usados no Componente Gramatical”¹⁵ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2014, p. 211-212, tradução nossa) fazendo de ambos, portanto, duas faces de uma mesma moeda, em que um reflete as informações do outro.

Veremos, na seção seguinte, como estas informações do Componente Contextual se comportam quando estão em contato com o Componente Gramatical em cada um dos seus níveis de organização nas operações de Formulação e Codificação para a produção do enunciado linguístico.

2.1.2 O Componente Gramatical

Como dito, o Componente Gramatical possui duas operações principais, a Formulação é responsável pelos níveis Interpessoal e Representacional, e a Codificação, responsável pelos níveis Morfossintático e Fonológico.

2.1.1.1 O Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal trata dos aspectos formais de uma unidade linguística que desempenha seu papel na interação entre Falante e Ouvinte, a qual se dá hierarquicamente de acordo com a Figura 4:

¹⁵ Texto original: the Strata within the Contextual Component are organized in parallel with the Levels within the Grammatical Component, it is just a small step to assuming that the representations within the Contextual Component use the same symbols as those used in the Grammatical Component.

imperativas, proibitivas, optativas, imprecativas, hortativas, desortativas, admontivas, comissivas, suplicativas e admirativas. Entretanto, a enumeração destas doze por nossa base teórica não quer dizer, necessariamente, que todas elas precisem aparecer em todas as línguas, de modo que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 71), a gramática inglesa contém seis destas.

Em vista disso, para a língua portuguesa, consideramos as seguintes ilocuções:

- a) **Declarativa**¹⁸: o enunciador informa o enunciatário¹⁹ sobre o Conteúdo Proposicional de sua enunciação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71).;
- b) **Interrogativa**²⁰: o enunciador solicita uma resposta do ouvinte acerca do conteúdo proposicional proferido (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71);
- c) **Imperativa**²¹: o enunciador põe-se em situação de controle para que o ouvinte execute o seu ato de fala (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71);
- d) **Mirativa**²²: o enunciador demonstra surpresa em seu enunciado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 72).

Selecionamos essas quatro com base em outros estudos de cunho funcionalista voltados para a língua portuguesa, como o de Menezes (2011, 2012), que as mencionam. Entretanto, não descartamos a possibilidade de encontrarmos outros tipos de ilocução em nosso *corpus*.

2.1.1.2 O Nível Representacional

Nesse nível, temos a descrição das unidades linguísticas nos termos das categorias semânticas representadas por elas, ou seja, em relação às formas com que a linguagem pode se relacionar com o mundo extralinguístico descrito por ela. Nesse sentido, o significado das unidades lexicais e unidades complexas isoladas passam a ter relevância a partir do momento em que são utilizados na comunicação.

¹⁸ Declarative (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71). Tradução nossa.

¹⁹ Enunciador e enunciatário são aqui considerados como os Participantes da interação verbal (P1 e P2), respectivamente, Falante e Ouvinte (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 84). Vale ressaltar que um dos nossos critérios de análise será como o Componente Contextual descreve a construção dos cenários e das relações sociais entre estes Participantes (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 06) para que haja a instauração da modalidade facultativa no discurso.

²⁰ Interrogative (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71, tradução nossa).

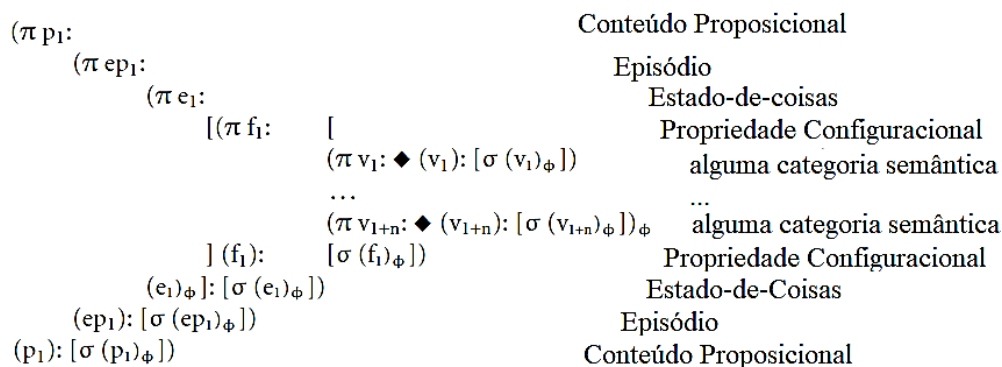
²¹ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71). Tradução nossa.

²² Mirative (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 72, tradução nossa).

Tais categorias semânticas são de diferentes tipos, a saber: os Conteúdos Proposicionais, que podem conter um ou mais Episódios, os quais, por sua vez, possuem uma ou mais descrições de Estados-de-Coisas, considerado o núcleo padrão da estrutura organizacional nesse nível. Estes, por sua vez, são caracterizados por uma ou mais propriedades configuracionais e outras categorias semânticas, como indivíduo, lugar, etc.

Sendo o ‘Conteúdo Proposicional’ a maior unidade de análise desse nível, ele é caracterizado por ser um constructo mental, avaliado nos termos da possibilidade de existência na mente daqueles que o enunciam e, portanto, não existem necessariamente no espaço/tempo, mas sim nas mentes daqueles que estão interagindo (os Participantes do ato comunicativo, P1 e P2), numa 3ª pessoa ou num domínio comum. Ele pode ser factual (partes de conhecimento ou crença sobre o mundo real ou não real), não factual (relativos a esperanças ou desejos em relação a um mundo “imaginário”). Tais noções de factualidade ou não-factualidade podem ser caracterizadas, ainda sob dois aspectos: atitudes proposicionais que nos indicam o grau de comprometimento do falante com a sua expressão (noções de certeza, dúvida ou descrença), ou em sua origem, relativas ao conhecimento comum compartilhado entre os Participantes, evidência sensorial ou inferência. Tal descrição pode ser sintetizada na Figura 5:

Figura 5 - Organização do Nível Representacional



Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 142, tradução nossa)

Na camada do Conteúdo Proposicional, encontramos noções que distinguem as condições de realidade da proposição. Dessa forma, há a possibilidade de encontrarmos traços de distinção entre *realis* e *irrealis* para a modalidade facultativa, por exemplo, já que um dos alvos de orientação desse tipo de modalidade é justamente o evento. Senso assim, “as condições de *realis* e *irrealis* não é uma subdivisão que se obtém na camada da modalidade orientada para a proposição, mas sim na camada da modalidade orientada para

o evento” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 154). Elas estão inseridas em um Conteúdo Proposicional, e tomam como escopo o EC, caracterizando-o como real ou irreal, dentro de um mundo hipotético. Trazendo essa noção para a modalidade facultativa, poderíamos encontrar essa distinção no momento em que o falante manifesta a modalidade facultativa orientada para um evento futuro, de modo que, em seu discurso, o tempo futuro, tipicamente concebido como *irrealis* e, conseqüentemente, inserido no contexto hipotético, expressa uma habilidade ou condição eventual.

O Episódio nos dá o sentido de continuidade temporal e localização dos EC, considerados entidades localizadas em um período relativo e podem ser avaliados em relação ao seu status de realidade (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.133). Conseqüentemente, ele encadeia coerentemente um ou mais estados-de coisas, podendo dar-lhe unidade ou continuidade no tempo. Justamente por esse motivo, é dentro do Episódio que encontramos a sequenciação temporal. Em português, por exemplo, os elementos de transição temporal (conjunções, preposições e alguns advérbios), poderiam ser utilizados com a finalidade de introduzir um novo EC ligado ao anterior na cadeia verbal e, assim, pode-se fazer um encadeamento de estados-de-coisas e, por exemplo, dar continuidade a uma narrativa que está sendo contada.

Os Estados-de-coisas, por sua vez, são localizados no tempo relativo e podem ser avaliados em seu status de realidade, ou seja, eventos que podem a) ocorrer, b) não acontecer e c) (não) ser o caso, tudo dentro de um determinado intervalo de tempo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 166). Os principais modificadores desta camada são referentes às noções de lugar, tempo relativo, frequência, realidade e causa, de modo que cada um possui uma contraparte gramatical na categoria operadora. E é dentro desta camada que surge a modalidade orientada-para-o-evento, caracterizada como um dos operadores na camada de descrição do estado-de-coisas responsável pela existência de possibilidades, obrigações gerais e afins sem que o falante mostre linguisticamente a responsabilidade por seu discurso²³. A modalidade orientada-para-o-evento pode ser de natureza facultativa, epistêmica, deôntica ou volitiva²⁴.

Além da modalidade, temos ainda outro operador relevante para a nossa pesquisa, referente à polaridade do estado-de-coisas, de modo que um valor positivo é

²³ De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 01), a adição da palavra ‘discurso’ ao modelo funcional deve ser compreendido na consciência da relevância que o discurso possui impactos sobre as formas linguísticas e, portanto, ele deve receber maior destaque na teoria.

²⁴ Nas seções seguintes detalharemos a questão da modalidade orientada-para-o-evento e orientada-para-o-participante.

considerado não marcado e, conseqüentemente, um valor negativo seria considerado marcado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Além da ‘polaridade básica’, que teria uma marcação quando aparece em negativas simples, há um número específico de valores que podem ser atribuídos à categoria. A GDF (2008) mostra como exemplo línguas como o Tidore, que pode ter até três negativas, as quais participam de uma construção com foco na negação dupla (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 178-179). A língua portuguesa, ao enunciar a tripla negação, faz-na tendo em vista aspectos como determinadas palavras de cunho negativo além de advérbios de negação e pronomes indefinidos (CAVASSIN, 1993, p. 68), podendo haver até mesmo a interferência da prosódia e entonação de determinado enunciado para que este seja considerado negativo. No entanto, geralmente os valores (negativo/positivo) binários e possuem relevância na medida em que podemos identificá-los com as noções de status de realidade (*realis/irrealis*) ou mesmo de capacidades e habilidades *ainda* não adquiridas pelo(s) participante(s) do discurso.

Em relação aos estados-de-coisas, podemos fazer algumas considerações a respeito da predicação, de modo que cada membro do conjunto definido pela propriedade particular ou relação designada pelo predicado designe uma função específica (DIK, 1997, p. 105). Por esse motivo, acreditamos também na relevância de buscar noções específicas de um EC e modos de ação, com base na Gramática Funcional (1997), mais especificamente em relação aos parâmetros semânticos que distinguem a sua Tipologia dos Estados-de-Coisas, cujos padrões principais são [+dinâmico], [+controle], [+télico], [+momentâneo], e [+experiência], com a finalidade de uma maior descrição de como esses EC são construídos e como é instaurada a modalidade facultativa no português falado no Ceará. Por isso, faz-se necessária a identificação de determinadas especificidades desses parâmetros com a finalidade de ampliar a análise dos conceitos presentes na GDF.²⁵

O parâmetro do dinamismo [+dinâmico], por exemplo, estaria associado à questão da permanência ou mudança das entidades que são apresentadas no EC, de modo que, quando apresentado como [-dinâmico] não haveria nenhum tipo de mudança nos intervalos de tempo do EC, e, quando apresentado com este parâmetro positivamente, [+dinâmico], ele envolveria, necessariamente, algum tipo de mudança ou em todo o EC, ou em um ponto determinado dele (DIK, 1997, p. 107). Vejamos os seguintes exemplos:

²⁵ Vale ressaltar que nossa intenção, por ora, será a identificação dos estados-de-coisas quanto aos parâmetros de [+dinâmico] e [+controle]. Por este motivo não deteremos nossa explanação nos demais parâmetros semânticos descritos por Dik (1997).

1. A substância era vermelha.²⁶

O exemplo (1) nos mostra um caso caracterizado como ‘situação’, pois o EC não possui dinamismo, ou seja, que não há nenhuma mudança de cor da substância. Entretanto, se disséssemos que a substância em questão estava vermelha por um período determinado de tempo, ou mesmo que, durante a descrição deste EC, ela ficou vermelha, teríamos o parâmetro [+dinâmico], como o exemplo (2):

2. A substância ficou avermelhada.²⁷

Além desse parâmetro, podemos dizer também que o traço [\pm controle] seria importante para nosso estudo, pois é necessária uma análise da expressão linguística como um todo para identificar se, por exemplo, as circunstâncias ou as habilidades as quais o falante se refere são controladas por ele, uma vez que a modalidade pode ter uma rientação orientação tanto para-o-participante quanto para-o-evento,. Segundo Dik (1997, p. 112), este parâmetro será positivo se puder ser controlado pela entidade do 1º argumento, ou seja, ela terá poderes sobre o acontecimento ou não acontecimento do EC. Vejamos:

3. João abriu a porta.²⁸

4. A árvore caiu.²⁹

Os enunciados (3) e (4) trazem, respectivamente, as noções positiva e negativa para o parâmetro semântico do controle, pois, em (3), ‘João’ poderia simplesmente ter decidido não abrir a porta, sendo ele o controlador deste EC. Em (4), a árvore por si só não tem o poder de decisão se iria ou não cair, sendo considerada, portanto, um estado-de-coisas [-controle].

A combinação de tais parâmetros permite-nos estabelecer os seguintes EC, de acordo com o Quadro 1:

²⁶ The substance was red. (Dik, 1997, p. 107. Tradução nossa)

²⁷ The substance reddened. (Dik, 1997. P. 107. Tradução nossa)

²⁸ John opened the door. (Dik, 1997, p. 112. Tradução nossa)

²⁹ The tree fell down. (Dik, 1997, p. 112)

Quadro 1 - Tipologia dos Estados-de-coisas

Parâmetro [\pm dinâmico]	Parâmetro [\pm controle]	
	[+controle]	[-controle]
[-dinâmico]	Posição	Estado
[+dinâmico]	Ação	Processo

Fonte: A própria autora, adaptado de Dik (1997, p. 114).

Assim, os EC podem ser divididos em:

a) Um EC [-dinâmico] ou uma situação pode ser de dois tipos:

i. Estado (se a entidade não tiver controle da ação):

5. João estava sentado na cadeira do pai.³⁰

ii. Posição (se há o controle por parte do 1º argumento):

6. João guardava seu dinheiro em uma meia velha.³¹

b) Um EC dinâmico ou ‘evento’, possui o traço [+ controle] e pode subdividir-se em:

i. Processo (se não houver o controle sobre o acontecimento):

7. O pássaro caiu.³²

ii. Ação (se o argumento tiver poderes/controla sobre o EC):

8. Ele atirou nisto.³³

As Propriedades Configuracionais, por fim, desempenham um papel crucial na construção das representações semânticas ao constituir o inventário de *frames* relevantes de predicação para uma língua e propriedades não configuracionais que hospedam os lexemas. Como operador das propriedades configuracionais, surge também a modalidade orientada para o participante, afetando a parte relacional do enunciado e referindo-se à relação existente entre um participante dentro de um estado-de-coisas e a realização potencial deste estado-de-coisas. Nesse contexto, a modalidade orientada-para-o-participante pode ser subdividida em três subcategorias principais: facultativa, deôntica ou volitiva.

Esses são os parâmetros que, ao chegarem na Codificação e serem inseridos no Nível Morfossintático, podem determinar a organização das marcas linguísticas recorrentes para a enunciação da modalidade facultativa.

³⁰ *John was sitting in his father's chair.* (DIK, 1997, p. 107). Tradução nossa.

³¹ *hn kept his money in an old sock.* (DIK, 1997, p. 107). Tradução nossa.

³² *The bird fell down.* (DIK, 1997, p. 105). Tradução nossa.

³³ *He shot at it.* (DIK, 1997, p. 105). Tradução nossa.

2.1.1.3 O Nível Morfossintático

Sendo o primeiro dos níveis relacionados à Codificação, o Nível Morfossintático é o responsável por receber as formulações pragmáticas e semânticas anteriores. As unidades linguísticas são analisadas em seus constituintes sintáticos de modo que quanto mais nos aprofundamos na estrutura *top down*, mais entramos em contato com a expressão linguística propriamente dita que emergirá por completo no Nível Fonológico.

A camada mais alta deste nível é a das Expressões Linguísticas, unidades que podem conter uma ou mais Cláusulas, que são analisadas por meio dos seus constituintes morfossintáticos. As Cláusulas são tidas como um quadro para a ordenação de camadas inferiores, como Sintagmas, Palavras e Morfemas, e se caracterizam por serem um agrupamento de um ou mais sintagmas, além de funcionarem como um domínio para vários processos morfossintáticos, já que codificam as informações trazidas pelos níveis superiores. Os Sintagmas, por sua vez, são encabeçados por itens lexicais transmitidos dos níveis Interpessoal e Representacional, cuja compreensão será distinta para cada língua. Por fim, as Palavras e Morfemas são o que podem diferir na medida em que o falante relaciona semanticamente suas palavras (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 301).

No momento em que a GDF coloca a Expressão Linguística no topo dos constituintes Morfossintáticos, cria-se a possibilidade de lidar com as categorias dos níveis inferiores, sob o escopo das estruturas linguísticas completas (SOUZA, 2009, p. 53). Além disso, observamos que, a partir de sua organização, essa estrutura mostra-se capaz de descrever consistentemente não apenas estruturas oracionais, como também sintagmas e identificar adequadamente como se dá a codificação linguística dos aspectos pragmáticos e semânticos vindos da Formulação (níveis Interpessoal e Representacional). Em outras palavras, podemos dizer que é a partir deste nível que passamos a questões específicas de cada língua e, portanto, podemos identificar, por exemplo, quais são os termos que, relacionados à expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará.

2.2 A interação entre os componentes e os níveis de organização linguística

Conforme apontado, as funções e designações de cada um dos níveis organizacionais do Componente Gramatical na GDF são bastante definidas, mas ao mesmo

tempo, eles também não agem sozinhos: todos dependem das suas inter-relações entre si para determinar o Ato Discursivo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 04).

Da mesma forma que os Níveis, os Componentes também interagem para que ocorra o fenômeno da linguagem, sobretudo o Componente Contextual que, de acordo com o que observamos na Figura 1, influencia o Componente Gramatical e, ao mesmo tempo, exerce seu influxo sobre ele, não apenas por estar ao seu lado, mas por trazer informações relevantes para dar prosseguimento à comunicação verbal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Dada a estrutura *top down*, o Componente Conceitual situado diretamente acima do Componente Gramatical, exerce seu influxo na operação da Formulação que, por sua vez, torna o Componente de Saída suscetível às operações do Nível Fonológico. O Componente Contextual, ao lado do Componente Gramatical, é capaz tanto de influenciar quanto de receber informações da Formulação e da Codificação. Isso ocorre em razão de o Componente Contextual ser o responsável por oferecer uma descrição completa do contexto em que o discurso está sendo produzido. Dessa forma, informações como tempo, espaço e antecedentes válidos que permitam a cadeia anafórica são partes integrantes dele. Outros fatores contextuais, como sexo, idade dos Participantes, nível de escolaridade, estilo e outros, seriam também da alçada deste componente na medida em que estas informações seriam relevantes para dar prosseguimento à comunicação verbal. Entretanto, é importante ressaltar que esses elementos terão relevâncias somente na medida em que eles forem de algum modo relevantes para as escolhas gramaticais durante a Formulação, ou seja, o sexo ou a idade de determinado falante, por exemplo, será importante somente se tiver alguma importância na determinação de enunciados durante aquele momento de interação linguística.

O Componente Contextual, portanto, como vemos, abarcaria dois tipos de informação: as imediatas, recebidas do Componente Gramatical sobre um enunciado particular e que precisam estar em constante atualização para as possíveis formas das declarações, e as informações de longo prazo, que dizem respeito à interação contínua. Como era de se esperar, sua influência sobre as camadas da Formulação e da Codificação Morfossintática é distinta, atuando de forma específica. No Nível Interpessoal, esse componente é responsável pela construção do registro do Conteúdo Comunicado (cf. Figura 3) que gradativamente é construído por meio dos tópicos, atribuídos a um Subato, servindo para indicar um EC. Acentuamos, no entanto, o fato de que as funções pragmáticas tendem a ter prioridade sobre as categorias semânticas do Nível Representacional, que, por sua vez, tendem a ser determinantes para a sistematização das camadas no Nível Morfossintático,

pois um destinatário não pode ser simultaneamente não marcado morfossintaticamente para o tópico e marcado por sua função semântica (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 94).

No Nível Morfossintático, a discussão gira em torno de como as línguas escolhem seus argumentos e qual se torna sujeito ou objeto. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 331), uma das conclusões mais plausíveis a esse questionamento é que os fatores reais desencadeadores das escolhas do sujeito e a atribuição do objeto aplicam-se no Componente Contextual, ou seja, externamente ao Componente Gramatical.

Em face das abordagens analisadas até o presente momento, observamos que o Componente Contextual pode nos dar bons indícios de investigação para uma análise fidedigna acerca do surgimento da modalidade facultativa no português brasileiro, mais estritamente o português falado na região do Ceará, indo além dos elementos puramente linguísticos e nos informando indicadores mentais, não mentais, socioculturais, físicos e discursivos que podem ser encontrados na análise de um texto. Tais elementos serão de fundamental importância para uma compreensão plena dessa categoria a qual detalharemos mais adiante.

A partir do exposto, elencamos as categorias relevantes para o estudo do Componente Contextual que podem ser utilizadas para a análise da modalidade facultativa no português falado no Ceará, com base nas informações situacionais do contexto propostas por Hengeveld e Mackenzie (2014):

- a) O tipo de entidade que faz parte do discurso;
- b) O tempo em que ocorre o discurso;
- c) O Ambiente onde ocorre o discurso;
- d) *Os participantes do discurso e as relações estabelecidas entre eles;*
- e) O grau de formalidade/informalidade do discurso;
- f) O propósito e o resultado do discurso;
- g) As representações mentais feitas pelos falantes.

Como intencionamos incluir aspectos de descrição do contexto faz-se necessário a informação de que nossas categorias de análise em relação a este componente serão a identificação de questões referentes aos participantes do discurso, mas especificamente às situações intrínsecas aos falantes / entrevistados, como por exemplo idade, sexo e escolaridade.

2.3 Síntese conclusiva

Neste capítulo, verificamos os pressupostos principais da nossa base teórica, a Gramática Discursivo-Funcional, de Kees Hengeveld e J. Lachlan Mackenzie (2008), que é considerada uma ampliação e sucessora da Gramática Funcional, de Simon Dik (1997).

Vimos que a estrutura básica de análise da GDF é o Ato Discursivo, tido como a principal unidade de análise, que segue uma estrutura *top down*, ou seja, de cima para baixo, em que a produção do enunciado linguístico é feito por meio de duas operações principais, a Formulação e a Codificação, e cada uma delas, por sua vez, é dividida em camadas, de modo que o enunciado teria início na mente do falante com suas intenções, passa por intercussões pragmáticas (relacionadas ao Nível Interpessoal) e semânticas (por meio do Nível Representacional), que são os níveis da operação de Formulação, para enfim passar para os níveis da Codificação, em que há a transformação dessas unidades semântico-pragmáticas em operadores morfossintáticos (Nível Morfossintático) e fonológicos (Nível Fonológico), direcionando-se para o Componente de Saída, que promove a articulação da expressão linguística propriamente dita. No Componente Gramatical, há também a incidência das informações vindas do Componente Contextual, que, num sentido estrito, irá a todo momento atualizar os Participantes do discurso sobre as informações dadas e novas que estão ocorrendo no discurso e, conseqüentemente, irá mostrar quais as informações necessárias para o andamento da comunicação.

Os níveis de organização do Componente Gramatical, embora estejam separados metodologicamente entre si, não são um todo em si, pois cada um destes níveis precisa dos outros para que ocorra a expressão linguística e, com isso, possa haver a interação social por meio da língua. O Componente Contextual entra como um coadjuvante com informações necessárias ao prolongamento da comunicação. Inicialmente a GDF mostrou-se bastante estrita quanto a este componente, dizendo que a ele cabiam somente as informações necessárias para prosseguir a comunicação. Tendências mais atuais, entretanto, nos mostram uma abertura no sentido de inserir outras questões relativas a ele, proposto por Connolly (2007, 2014a), em relação ao seu Modelo Estendido de Contexto (EMC), que pretende mostrar aspectos mentais, extramentais, físicos e socioculturais do contexto, chegando mesmo a buscar uma ampliação do modelo exposto na GDF em que os componentes Conceitual e Contextual são colocados unidos, de modo que haveria três subcomponentes: o de Conteúdo, referente ao componente conceitual acrescido de questões afetivas e sociais, o Componente Contextual Situacional, contendo informações de natureza não discursiva,

porém relevantes para a aquela determinada comunicação, e o Componente Contextual Discursivo, que seria o responsável pela matéria verbal e não-verbal trazidas pelo co-texto ou pelo inter-texto. O componente de saída, assim, seria transformado em componente empírico e receberia todas estas informações para que, finalmente, a expressão linguística fosse enunciada.

Outra proposta relevante foi a atualização de Hengeveld e Mackenzie (2014) quanto ao Componente Contextual, que estaria dividido em estratos, isto é, camadas que encadeiam as ideias através de dois tipos de informação: (i) a informação situacional, presente nos níveis da Formulação, e (ii) a informação discursiva, que está em todos os níveis do Componente Gramatical. Sendo assim, após esta breve análise do Componente Contextual, elencamos como categorias principais de análise para este componente que irão figurar em nossa análise da modalidade facultativa no português do Ceará as questões intrínsecas relativas aos participantes do discurso, centrando nossas ações sobre os entrevistados.

Quanto ao Componente Gramatical, tratamos de várias categorias de análise relativas aos três níveis de organização: o Interpessoal, o Representacional e o Morfossintático. Quanto ao Nível Interpessoal, selecionamos os tipos de Iocução existentes no português brasileiro e a posição do falante em relação ao valor facultativo instaurado. Quanto ao Nível Representacional, selecionamos as informações semânticas relevantes para a manifestação de nossa categoria, tais como as condições de realidade, o alvo da modalidade facultativa (orientada-para-o-evento ou orientada-para-o-participante), o tipo dos estados-de-coisas relacionado à manifestação da modalidade facultativa e a polaridade. Por fim, no Nível Morfossintático identificamos as expressões linguísticas que podem manifestar a modalidade facultativa no português falado no Ceará.

Diante do caminho que percorremos até o presente momento, concluímos a apresentação inicial de nossa principal base teórica. No capítulo seguinte, faremos uma explanação de como a modalidade facultativa veio a se tornar parâmetro de estudo e qual o seu lugar na tipologia das modalidades linguísticas que colaboram na construção de enunciados.

3 MODALIDADE FACULTATIVA NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

O conceito de modalidade foi herdado da Lógica (WRIGHT, 1951), ramo da filosofia que estuda as leis do pensamento e do argumento. Aristóteles foi um dos primeiros a lidar com o problema da modalidade, dedicando atenção especial à análise das relações entre o possível e o necessário, o impossível e o contingente. Daí surgiram as modalidades aléticas, referentes à verdade ou falsidade de uma proposição. Posteriormente, houve uma ampliação do conceito, que abrigou também a epistêmica e deôntica.

Para Wright (1951, p. 01-04), por exemplo, as categorias modais são compreendidas em quatro tipos: a) os modos aléticos ou modos da verdade, ligados à lógica modal tradicional, que podem se dividir em dois subtipos, nos quais uma proposição pode ser considerada verdadeira ou não verdadeira; b) os epistêmicos, também chamados de modos do conhecimento, cujas modalidades básicas são: verificada (conhecida por verdade), falseada (conhecida por falsa) e indecisa (nem conhecida por verdadeira nem por falsa); c) os modos deônticos, um pouco mais recentes, cujas modalidades básicas são: obrigatório (dever), permitido (poder) e proibido (não dever); e d) os modos existenciais ou da existência, conhecido por teoria da quantificação, não sendo visto como um ramo da lógica modal. O autor ainda ressalta que, além das noções básicas compreendidas tradicionalmente, deve ser pontuado que há outros sentidos para as palavras modais, como, por exemplo, as relações de habilidade e disposição, chamadas por ele de modalidades dinâmicas, dando-nos como exemplos os seguintes enunciados:

1. Jones pode falar alemão
2. Jones não pode falar alemão.³⁴

Sua interpretação para essas proposições, respectivamente, é a de que:

3. ‘Jones’ pode fazer-se entender em alemão.
4. É impossível que ‘Jones’ compreenda alemão.

Tais afirmações, no entanto, não são comuns em seu princípio de predicção, pois, se ‘Jones’ fala alemão, ele tem essa habilidade, embora possa não estar falando neste

³⁴ “Jones can speak German”[...]; “Jones cannot speak German” (WRIGHT, 1951, p. 28. Tradução nossa).

exato momento. Segundo Wright (1951, p. 28), “não há quem não possa não falar alemão, ou seja, não possa parar de falar e sempre fale alemão. Além disso, alguns homens podem falar alemão, outros não podem.” Por fim, ele põe em xeque se a lógica das modalidades dinâmicas estaria sujeita às mesmas regras formais das aléticas e acaba nos informando que isso deverá ser investigado em estudos posteriores (WRIGHT, 1951, p. 28, tradução nossa).³⁵

Wright (1951), embora fosse um autor do âmbito filosófico, abriu caminho para que outros estudiosos, como por exemplo Carretero (1991), Olbertz (1998) e Palmer (2001) analisassem a modalidade dinâmica (ou facultativa) sob outros pontos de vista, como o da Linguística. A partir daí, surgiram diversos estudos e teorias que corroboraram para que a modalidade passasse de vez para o âmbito dos estudos linguísticos e, assim, permitisse que ela se tornasse uma categoria que distingue os constituintes de um enunciado de acordo com as intenções comunicativas do falante.

Os outros tipos de modalidade são bem mais conhecidos no âmbito das pesquisas em linguagem e surgiram de uma ampliação de conceitos da lógica modal. São as modalidades epistêmica e deôntica.

A modalidade epistêmica é ligada ao eixo do conhecimento e da crença, situando-se através de um *continuum* que parte da noção de certeza e estende-se até os graus do possível, de modo que o falante qualifica a verdade de uma proposição e pode comprometer-se ou não com o que diz. A modalidade deôntica refere-se à conduta, relacionada a obrigações e permissões, condicionando o discurso em duas vertentes: de um lado, por traços lexicais ligados ao controle do falante sobre uma proposição, EC ou eventos e, por outro, pela implicação ou aceitação do ouvinte ao aceitar o valor de verdade da proposição. De todas, a modalidade deôntica é a mais explicitamente ligada à teoria dos performativos nos atos de fala, afinal “para que a ação correspondente a um performativo seja de fato realizada, é preciso não somente que ela seja enunciada, mas também que as circunstâncias de enunciação sejam adequadas” (FIORIN, 2015, p. 170), o que

³⁵ Texto original: “the same modal words are used in ordinary language in other senses as well. An important use of them is connected with the notions of an ability and of a disposition and with the verb can. For example: “Jones can speak German” (= “it is possible for Jones to make himself understood in German”); “Jones cannot speak German” (= “it is impossible for Jones to make himself understood in German”). We shall call the modal concepts, which refer to abilities and dispositions, dynamic modalities. (...) The dynamic modalities, it appears, are (genuinely) used de re only. It is important to note that the combination of these modalities with quantifiers is not trivialized by our Principle of Predication. - If Jones is speaking German, Jones can speak German; but Jones may be able to speak German though he is not now speaking it. There is nobody who cannot not speak German, i.e. cannot stop speaking and always speaks German. Further, some men can speak German, others cannot. The question whether the dynamic modalities, i.e. the logic of abilities and dispositions, is subject to exactly the same formal rules as the alethic modalities will have to be investigated separately”.

consequentemente coloca o falante na posição de controle, e o ouvinte na postura de fazer o que a enunciação pede naquele momento específico de interação.

Há ainda uma outra modalidade, chamada volitiva, referente ao eixo do desejo e muitas vezes considerada por alguns autores, como Palmer (2001), parte da modalidade deôntica por partir do pressuposto de que a volição seria um subtipo de modalidade relacionada às normas de conduta, deixando as noções de desejo e ordem no mesmo paradigma (CASIMIRO, 2007, p. 23).

Após o advento do Estruturalismo e do Gerativismo, correntes que mudaram os rumos da análise linguística, houve certa reconquista de território dos estudos sobre a modalidade. Tal fato só pôde ocorrer em virtude de, entre outras questões, ter ocorrido o desenvolvimento da lógica da linguagem dentro do âmbito da semântica gerativa e a consequente necessidade de modelos que comportassem componentes semânticos e lógicos. Por conseguinte, a modalidade que até então era apenas do âmbito da lógica, passou de vez para os estudos linguísticos. Outro fator relevante para a inserção da modalidade nos estudos da linguagem foi a influência da Teoria dos Atos de Fala, de John Austin (1990), que, necessariamente, considera o ponto de vista do falante sobre a finalidade de seu discurso.

Observamos como a modalidade é vista pelos lógicos e acabamos chegando à conclusão de que a visão filosófica não pode ser a mesma para o estudo linguístico, pois este não está ligado apenas à noção de verdade, mas também a uma cadeia relacional estabelecida entre o sujeito da enunciação, seu enunciado e o ouvinte.

Temos, portanto, uma noção principal de modalidade, da qual as demais são decorrentes dela, que estaria relacionada ao espaço da verdade ontológica, manifestada por meio da veracidade ou falsidade das proposições, percorrendo um caminho que vai das noções de necessidade à possibilidade, passando pelo contingente e pelo possível. São as modalidades aléticas, importantíssimas na Lógica, mas que, em Linguística, acabam desempenhando um papel periférico, dado que a noção de verdade sempre passará direta ou indiretamente pelas intenções do enunciador e, consequentemente, acabamos concluindo que dificilmente encontraremos nas línguas naturais um enunciado que não seja filtrado pelo conhecimento e julgamento do falante (NEVES, 1996, p. 171), ou seja, um enunciado puramente alético.

Um detalhe, no entanto, que nos faz dispensar atenção à modalidade alética é o fato de comumente ela aparecer nas línguas naturais como expressão da capacidade física, moral ou intelectual, como explica NEVES (1996, p.171). Ora, como acabamos de observar na seção anterior, a modalidade que Wright (1951) chamou de ‘dinâmica’ é referente às

noções de capacidade e habilidade. Isto posto, poderíamos concluir que a categoria-foco de nossa pesquisa provavelmente teve sua origem na modalidade alética. Precisamos ressaltar que, embora à *prima facie* as noções de capacidade e habilidade estejam ligadas à verdade ou não verdade de que, obviamente, elas também passam pelo julgamento pessoal do falante, que fará suas considerações e, de acordo com suas intenções (e não apenas com o compromisso da verdade), irá modalizar “dinamicamente” a sua fala.

A categoria modalidade facultativa, foco de nosso estudo, acaba sendo observada a partir do momento em que é considerada por alguns autores como Wright (1951) e Palmer (2001) ora vinda da modalidade alética, ora como um subgrupo de outras modalidades, conforme nos mostra Cervoni (1989, p 60) ao colocar a modalidade facultativa ligada ao quadrado lógico da modalidade deôntica, ou mesmo Neves (2016, p. 160), que considera a modalidade facultativa uma “necessidade deôntica”, ou Olbertz (1998, p. 131), que considera a modalidade facultativa um subdomínio da modalidade inerente. O fato é que, desde a sua origem, ela é problemática em razão de não ser considerada relevante dada a sua origem alética ou por seu histórico de já ter sido quase retirada da tipologia das modalidades (cf. PALMER, 2001). Justamente por isso, observamos a relevância de nossa pesquisa em aprofundar a análise, descrição e a caracterização dessa categoria, fazendo uma revisão bibliográfica que aponte as observações feitas por teóricos e suas possíveis lacunas que ensejaram a realização deste trabalho.

A partir desse momento, portanto discorreremos a respeito dos principais postulados referentes a modalidade facultativa e suas contribuições para o estudo dessa categoria em língua portuguesa, a fim de identificarmos aspectos contextuais e gramaticais de expressão da modalidade facultativa na língua portuguesa falada no Ceará, sobretudo dada sua riqueza de significados, pois o português é uma das línguas em que podemos encontrar uma gradação de sentidos da modalidade facultativa, fato que não existe em todas as línguas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212).³⁶

O primeiro autor que consultamos foi F. R. Palmer (2001), cuja obra *Mood and Modality* é um dos principais aparatos para estudos tipológicos da modalidade. É válido desde já pôr em evidência que ele não trata da modalidade facultativa propriamente nestes termos, mas denomina-a “dinâmica”.³⁷

³⁶ Cf. Hegeveld e Mackenzie (2008, p. 212).

³⁷ Em virtude disso, durante nossa explanação do ponto de vista de Palmer (2001), também nos referimos a ela como “modalidade dinâmica” a fim de não ocasionar confusão com os termos.

Ele coloca inicialmente as modalidades deôntica e dinâmica em um mesmo patamar, ressaltando suas semelhanças e distinções, por serem modalidades voltadas para o evento e, dada a complexidade dos sistemas linguísticos, haver a possibilidade de um único sistema formal pertencer a dois ou mais sistemas modais, como é o caso do verbo da língua inglesa “can”, que, dependendo do contexto, pode ser explicitado como parte da modalidade deôntica, dinâmica ou epistêmica:

5. John **pode** entrar agora (permissão).
6. John **pode** falar francês (habilidade).³⁸

Em (3), o autor exemplifica bem da permissão, caracterizada como modalidade deôntica, ao passo que, em (4), o mesmo verbo mostraria a categoria dinâmica, ou seja, habilitativa.

Outro fator importante sobre a análise de Palmer (2001) é que ele insere a noção de vontade (volição) na modalidade dinâmica e cita que existem dois “tipos” de modalidade dinâmica, que expressariam cada uma capacidade e disposição. As formas de expressão que ele encontra para se referir a essa categoria são as seguintes: habilidades físicas e mentais, circunstâncias que podem afetar a pessoa envolvida (ou, em nossos termos, o participante) e vontades, estas últimas podendo ser expressas por meio de condicionais. Ele ressalta, ainda que o tempo pretérito pode relacionar-se a um evento potencialmente realizado, ou seja, a utilização desse tempo verbal não deve ocorrer na modalidade dinâmica para se referir a um evento realizado somente por meio da capacidade ou da vontade.

Palmer (2001), embora tenha aberto um caminho propício para o estudo da modalidade em linguística, não se afastou tanto do âmbito filosófico e acabou deixando espaço aberto para outros estudos mais específicos e sob os mais diversos pontos de vista acerca da tipologia das modalidades, como, por exemplo, Carretero (1991, p. 47-48), que em sua análise propõe uma tipologia distinta de modalidade. Ela inspira-se em Perkins (1983) e Jespersen (1928) com suas noções de modo e modalidade para, em seguida, ressaltar a sua proposta de dividir a tipologia modal em modalidade “epistêmica”, que seria responsável

³⁸ Ressaltamos aqui a necessidade de analisarmos também os exemplos de acordo com o texto original de Palmer (2001, p. 09) “John may/can come in now (permission) [...] John can speak French (ability)”, sobretudo em razão de, no texto em inglês, haver menção aos verbos “may” e “can” no exemplo (3). Em inglês, são utilizados em contextos distintos: enquanto o primeiro, além de ser mais formal, é utilizado geralmente em permissões, o segundo transcreve melhor a questão habilitativa. Em português, entretanto, ambos os significados são geralmente traduzidos como “poder”.

por expressar um juízo verdadeiro sobre uma proposição modalizada, indicando sua verdade ou falsidade; “bulomaica” dotada da possibilidade ou necessidade determinada por uma vontade, da qual as modalidades deôntica e não deôntica seriam parte; e a modalidade “dinâmica”, dotada das ideias de possibilidade e necessidade de acordo com as leis da natureza e, por sua vez, compreenderiam tanto a possibilidade (no sentido de capacidade), como por exemplo “João sabe falar”, que indicaria uma capacidade natural que ‘João’ possui de falar, mesmo que, neste exato momento, ele não esteja falando, ou uma necessidade inerente a algo ou alguém, conforme o exemplo “os seres vivos têm que se alimentar”, que nos mostra uma necessidade natural dos seres vivos. Além de tais características, a modalidade dinâmica também pode indicar, segundo Carretero (1991, p. 48), a possibilidade e necessidade circunstancial, em que teríamos as seguintes relações:

- Necessidade dinâmica de p :³⁹ implica a verdade de p ;
- Verdade de p : implica uma possibilidade dinâmica de p ;
- Necessidade dinâmica de não p : implica a verdade de não p ;

A autora também define a modalidade dinâmica em inerente e não inerente, de modo que elas, respectivamente, correspondem à possibilidade circunstancial e à necessidade circunstancial e, por fim, ela também nos traz um *continuum* em que X, no caso, é a entidade responsável pela ação descrita no EC, numa gradação do eixo dinâmico inerente que vai desde o extremo positivo até o extremo negativo, conforme descrito abaixo:

Quadro 2 - Expressões dinâmicas propostas por Carretero (1991)

Continuum	Eixo inerente	Eixo não inerente
Extremo positivo	X não pode evitar que p	É inevitável que p
Provável/ possível	X tem uma forte disposição em direção a p	As circunstâncias estão orientadas em direção a p
	X tem certa disposição em direção a p	
Centro	X é capaz de p (ou de não p)	As circunstâncias fazem possível p
Impossível/quase improvável	X tem certa disposição em direção a não p	As circunstâncias estão orientadas em direção a não p
	X tem forte disposição a não p	
Extremo negativo	X não pode evitar que não p	É inevitável que não p

Fonte: elaborado pela autora com base em Carretero (1991).

³⁹ “p” significa ‘proposição.

Tais características das proposições podem ser marcadas por diversas expressões modais: (i) expressões verbais, como por exemplo *poder* ou *ter que*; (ii) alguns verbos, como *saber*; (iii) certos adjetivos, (iv) advérbios e (v) substantivos, para os quais é necessário verificar com atenção qual o contexto de enunciação, pois, conforme ela mesma ressalta, todas as expressões de modalidade são semelhantes e, por isso, na maioria dos casos, o contexto elimina ou reduz a ambiguidade (CARRETERO, 1991, p. 58).

Conforme observamos, a autora em questão coloca a ‘modalidade dinâmica’ em uma situação que se inserem nela também ideias como possibilidade e necessidade, o que, de acordo com a GDF, seriam definições, respectivamente das modalidades epistêmica e deôntica. Por esse motivo, tomamos dela a noção de *continuum* dentro da modalidade facultativa, porém não utilizaremos por completo suas ideias em virtude de ir de encontro a nosso aparato teórico principal.

Quanto à categorização da modalidade “inerente”, a visão funcionalista, mais especificamente a da Gramática Funcional, de Dik (1997), diz que ela seria interna à predicação, podendo ser de orientação deôntica ou volitiva. Do mesmo modo que Olbertz (1998), quanto à natureza dos modalizadores, há um certo consenso de que a modalidade facultativa acaba recaindo sobre dois alvos de avaliação: ela pode incidir no participante do evento ou sobre o próprio evento, e não sobre a proposição a ser enunciada. A partir do momento em que há a indicação do alvo sobre o qual um valor facultativo se insere, o falante poderá ou não se incluir na instauração do valor facultativo (OLBERTZ, 1998, p. 131).

Com desenvolvimento dos estudos funcionalistas, chegamos aos postulados da Gramática Discursivo-Funcional, que coloca a modalidade facultativa relacionada ao Nível Representacional (categorização dos valores semânticos e dos estados-de-coisas). A partir daí, a modalidade ‘dinâmica’ passa por uma transformação: é separada da modalidade deôntica e passa a ser conhecida pelo termo “facultativa”⁴⁰, sendo responsável por condições físicas e circunstanciais de eventos e por habilidades e capacidades intrínsecas ou adquiridas pelos participantes do discurso ou do EC. A noção de desejo passou para outra categoria de modalidade, a volitiva.

Vale ressaltar, entretanto, que a modalidade facultativa também possui outros parâmetros. Olbertz (1998, p. 131), diz que a modalidade facultativa pode ser vista como a avaliação, em termos da possibilidade e necessidade do que é linguisticamente descrito.

⁴⁰ Ressaltamos que os termos “dinâmico” e “facultativo” não são exatamente sinônimos, conforme estamos observando em nossa fundamentação teórica acerca do tema. Nossa escolha pelo termo “facultativa” diz respeito à consonância com a base teórica principal deste trabalho, a GDF.

Consequentemente, verbos modais são observados como os meios linguísticos para a especificação de possibilidade e necessidade, tal qual o apontado por Olbertz e Bastos, ao lembrarem que a noção “facultativa” é ligada diretamente ao conceito de habilidade e, desta forma, seria mais próxima da possibilidade inerente que da necessidade inerente. Segundo as autoras, “a escolha por esse rótulo pode ter sido motivada pelo fato de que o conceito de habilidade está mais próximo à experiência da vida real do que a necessidade orientada para o falante” (OLBERTZ; BASTOS, 2013, p 278). Por isso, as autoras afirmam que o termo “modalidade inerente” seria mais adequado a esta categoria,

Influenciada pelas noções de Hengeveld⁴¹, Olbertz (1998) nos dá dois parâmetros específicos para o significado das expressões modais: (i) o alvo, referente à relação entre um participante e um evento em si, o evento em si e a proposição; (ii) o domínio, o qual diz respeito à perspectiva a partir da qual são de interesse epistêmico, volitivo, deôntico ou inerente.

A modalidade inerente seria caracterizada por abranger, além da modalidade facultativa, a noção de necessidade inerente e pode ser subdividida em intrínseca (quando avalia as perspectivas das habilidades de um participante de algo fisicamente possível) e extrínseca (quando avalia sob a perspectiva de algo circunstancialmente possível e necessário). A partir desta divisão, temos a modalidade inerente orientada-para-o-participante e para-o-evento. Quanto àquela, a autora rotula como modalidade facultativa intrínseca, a qual diz respeito a habilidades inatas ou adquiridas do participante, e chama modalidade facultativa extrínseca⁴² a inerente extrínseca, a qual refere-se à possibilidade e à necessidade do participante em envolver-se num estado-de-coisas de acordo com as circunstâncias, independentemente das habilidades ou capacidades do participante.

Em sua análise, Olbertz (1998) faz uma explanação sobre perífrases verbais em língua espanhola e, ao analisar os verbos “poder” e “dever”, chega à conclusão de que a diferença entre habilidades inatas e adquiridas é relevante apenas quando a modalidade facultativa intrínseca é expressa, ao passo que, em contextos nos quais há uma maior polidez das expressões linguísticas, a tendência inicial seria não haver distinções relevantes entre

⁴¹ A autora cita uma obra de Hengeveld (2004) que, na época ainda estava *no prelo*: "Mood and Modality", in: Geert Booij—Christian Lehmann—Joachim Mugdan (eds). *Morphology: A Handbook on Inflection and Word Formation*. Berlin—New York: Walter de Gruyter, 2004.

⁴² Olbertz (1998), apoia-se nas noções de modalidade intrínseca e extrínseca de Carretero (1992), a qual lembra as noções de Jespersen e Quirk et.al. (1947) sobre modalidade intrínseca e extrínseca.

ambas⁴³, pois ambos os verbos possuiriam o mesmo significado. Tal fato, entretanto, nos faz crer que devemos encontrar significativa distinção entre habilidades intrínsecas e adquirida, porquanto, como trabalharemos com diálogos reais, haverá nesse contexto maiores chances de encontramos ambas as noções modais naturalmente nascidas no contexto de uso da língua.

A autora cita, ainda, quais são as expressões perifrásticas mais comuns em língua espanhola para cada um dos tipos de modalidade e analisa quais são as construções perifrásticas e quais não são quanto à orientação. A autora nos mostra que a modalidade facultativa orientada-para-o-participante possui como ideia principal a possibilidade e, neste caso, as principais formas de expressão verbal são os verbos *poder* e *saber*; a modalidade orientada-para-o-evento é expressa, sobretudo a possibilidade, pelo verbo *poder*. Além destas, outras formas de expressão mencionadas como mostra o Quadro 3:

Quadro 3 - Principais formas de expressão da modalidade facultativa para a língua espanhola

Orientação	Domínio Inerente	Expressão	Significado
Modalidade orientada-para-o-participante	Extrínseca	Ter que + infinitivo	A1 é forçado a se engajar em um estado-de-coisas pelas circunstâncias
Modalidade orientada-para-o-evento	Intrínseca	Poder + infinitivo	Ocorrência do estado-de-coisas é fisicamente possível
	Extrínseca	Poder + infinitivo	Ocorrência do estado-de-coisas enquanto possibilidade devido às ocorrências
		Ter que + infinitivo	Ocorrência do estado-de-coisas enquanto necessidade devido às circunstâncias

Fonte: a própria autora com base em Olbertz (1998).

Conforme dito anteriormente, vale ressaltar que a análise de Olbertz (1998), assim como a de Carretero (1991), foi pautada com base no estudo das perífrases de língua espanhola e, considerando a análise que acabamos de detalhar, seu estudo é de grande relevância para nós em virtude de nos dar subsídios para o estudo da modalidade facultativa no português falado no Ceará, pois, além de certas semelhanças linguísticas existentes entre

⁴³(...) the difference between the innate and acquired abilities is only relevant when Intrinsic Facultative Modality is expressed (...)and that it is irrelevant when Extrinsic Facultative Modality is expressed, such as in polite requests. (OLBERTZ, 1998, p. 132-133).

ambas línguas, podemos abrir o leque para possibilidades posteriores de estudos sobre a categoria em pauta. Em português, por exemplo, certas expressões, que, de acordo com sua análise, seriam consideradas inerentes, para nós, que tomamos como base principal os pressupostos da Gramática Discursivo-Funcional, seriam consideradas deônticas ou mesmo epistêmicas.

Tais questões inicialmente levantadas, em nosso ponto de vista, foram relevantes para a compreensão da complexidade da modalidade facultativa. No entanto, observamos ainda que, dado o seu histórico de aproximação com outras categorias de modalidade, ela acabou não sendo analisada como uma categoria distinta por si mesma. Com tais explicações iniciais, podemos, a partir de então, prosseguir com nossa análise concentrando nossas ações em identificar e caracterizar a modalidade facultativa com base no nosso aparato teórico.

3.1 A modalidade na perspectiva da gramática discursivo-funcional

Na perspectiva da GDF, a classificação das modalidades é diretamente relacionada aos quatro níveis de organização do Componente Gramatical, mais especificamente, no momento em que há a caracterização das noções semânticas, ou seja, no Nível Representacional, para o Conteúdo Comunicado. Logo, também nesta perspectiva, temos ainda os dois parâmetros de classificação da categoria modalidade: o alvo e o domínio.

O parâmetro relativo ao 'alvo' nos permite observar três subdivisões: (i) a modalidade orientada-para-o-participante, (ii) para-o-evento e (iii) para-a-proposição. A modalidade orientada-para-o-participante, que possui como alvo o participante de um evento descrito no enunciado e traz em si uma relação entre ele e a possibilidade de realização de um evento determinado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212). A modalidade orientada-para-o-evento traz como alvo da avaliação o próprio evento descrito no enunciado, que faz com que o falante mostre a realidade sem, contudo, assumir a responsabilidade dessa avaliação. Em ambos os casos essas modalidades são consideradas objetivas, pois nelas o falante emite julgamentos implicitamente, sem assumi-las claramente como opiniões pessoais (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 174). A modalidade orientada-para-a-proposição, por sua vez, é considerada uma modalidade subjetiva em razão de o falante comprometer-se com o julgamento proferido em seus enunciados. O alvo dessa modalidade é a parte do enunciado que se caracteriza como crenças e visões pessoais do falante (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 174).

O parâmetro relativo ao ‘domínio’ diz respeito ao ângulo pelo qual a avaliação modal é feita. Inicialmente há uma macrodivisão em “objetiva” (quando o falante emite o seu julgamento evitando assumir na sua fala a responsabilidade do que está sendo dito) e subjetiva (o falante assume o compromisso pessoal em sua fala com os julgamentos pronunciados). É válido ressaltar, entretanto, que muito embora haja essa divisão da modalidade em “subjetiva” e “objetiva”, se ela “é a manifestação linguística da atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional, segue-se que uma boa parte do campo da modalidade pode ser incluída sob o rótulo da subjetividade” (HERSLUND, 2005. p. 39).

Segundo a GDF (2008), quanto ao domínio, podem ser encontrados cinco tipos de modalidade: deôntica, epistêmica, volitiva, facultativa e a evidencial, que ainda não é considerada propriamente uma categoria unificada (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 156). Em linhas gerais, ela diz respeito à fonte da informação, podendo servir também como um auxílio às outras modalidades ⁴⁴.

A modalidade deôntica refere-se a ordens e permissões, que podem ser orientados para o participante ou para o evento. A modalidade epistêmica nos diz o grau de comprometimento do falante em um determinado EC, nos mostrando suas possibilidades dentro de um contexto real. A modalidade volitiva concerne aos termos relacionados ao desejo e pode ser orientada tanto subjetiva quanto objetivamente. A modalidade facultativa, foco do nosso trabalho, por sua vez, diz respeito a capacidades intrínsecas ou adquiridas. A modalidade facultativa orientada-para-o-evento, caracteriza os estados-de-coisas em termos físicos ou circunstanciais, de modo que a possibilidade dessas ocorrências não dependa das capacidades intrínsecas de um participante, mas resultem das circunstâncias que ocorrem neste estado-de-coisas.

Dada essa situação, a modalidade facultativa orientada-para-o-evento seria dependente de outras situações em que o Participante não seja avaliado somente nos termos de suas próprias habilidades; esse tipo de modalidade seria mais comum em estados-de-coisas em que haveria uma necessidade de algo externo para lhe proporcionar condições de ser capaz de algo ou ter determinada habilidade e, portanto, não estaria necessariamente em seu controle tais situações. Partindo, então, desse pressuposto, poderíamos dizer que a modalidade facultativa orientada-para-o-evento seria, prioritariamente, expressa em condições impessoais, pois como não depende necessariamente de capacidades intrínsecas

⁴⁴ Texto original: We thus have clear indications that evidentiality is not a unified category (Tradução nossa).

ao indivíduo, mas sim de situações, circunstâncias externas a ele. Sendo, inclusive, em determinados momentos, tais estados-de-coisas inseridos em determinadas “condições”.

A modalidade facultativa orientada-para-o-participante descreve a capacidade desse participante em se envolver num estado-de-coisas designado pelo predicado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212). Ela surge como um dos operadores das Propriedades Configuracionais, que nada mais são do que um inventário de quadros de predicação, ou seja, pode manifestar-se no tempo e sobre os Indivíduos para os quais determinada propriedade seria válida. Por essa razão, as noções de restrições semânticas quantitativas e qualitativas em relação à forma como as unidades são dispostas é relevante para a compreensão da modalidade facultativa, sobretudo em relação ao modo como as expressões verbais se comportam ao transmitirem um valor facultativo (se a predicação vai agir sobre um ou mais argumentos, se as restrições das categorias semânticas serão de lugar zero, um, dois, três ou quatro lugares, etc.)

Uma das funções relativas às propriedades que diz respeito justamente às restrições qualitativas das propriedades semânticas é a distinção entre estados-de-coisas dinâmicos (podem designar uma mudança de estado, tendo ou não presença de funções locativas) e não dinâmicos, onde há a ausência de um ator que mude determinado estado, mas um experienciador⁴⁵ ou paciente que está presente na situação e sofre a determinada propriedade, como por exemplo um fenômeno da natureza (HENGEVELD; MACKENZIE, p.195) . Nessa perspectiva, os operadores da camada das propriedades são justamente o aspecto, que podem fazer a distinção entre perfectivo e não perfectivo, a quantificação e a modalidade orientada-para-o-participante, que diz respeito diretamente à relação entre um participante dentro de um estado-de-coisas determinado e a sua potencial realização. Dessa maneira, ela conseqüentemente irá afetar o predicado e seus argumentos na expressão linguística, pois será necessária a observância de determinadas concepções com base no domínio de avaliação: deôntico, volitivo ou facultativo.

A modalidade facultativa orientada-para-o-participante, de maneira diferente da orientada-para-o-evento, como nos mostra Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 212), irá descrever capacidades e habilidades de um participante em se envolver num determinado estado-de-coisas designado pelo predicado. Nessa perspectiva de orientação surge a distinção, em algumas línguas, entre habilidade intrínseca (“ser capaz de”, “estar habilitado para”) e adquirida (“saber como”).

⁴⁵ Undergoer (livre tradução)

Além da ideia de ‘capacidade’, a GDF ainda ressalta a concepção de ‘incapacidade’, que poderia adquirir o status de uma categoria separada, como, por exemplo, ocorre com a língua turca. A língua portuguesa, entretanto, não possui um termo específico para codificar a modalidade por meio de partículas gramaticais.⁴⁶

Diante do exposto, a fim de possibilitar a compreensão da tipologia modal apresentada na GDF apresentamos o Quadro 4, que faz um resumo do exposto até o presente momento acerca da tipologia modal presente na GDF:

Quadro 4 - Organização da tipologia modal a partir da GDF

(continua)

Domínio	Alvo		
	Participante	Evento	Proposição
Deôntica	Modalidade deôntica orientada-para-o-participante: “Tenho que comer” ⁴⁷	Modalidade deôntica orientada-para-o-evento: “É preciso tirar o sapato daqui” ⁴⁸	—
Epistêmica	—	Modalidade epistêmica orientada-para-o-evento: ”Juntos nós podemos ir até lá” ⁴⁹	Modalidade epistêmica orientada-para-a-proposição “Nós provavelmente morreremos por falta de água” ⁵⁰
Volitiva	Modalidade volitiva orientada-para-o-participante: “Queremos sair” ⁵¹	Modalidade volitiva orientada-para-o-evento: “Seria ruim se eu quebrasse” ⁵²	Modalidade volitiva orientada-para-a-proposição: “Quero dormir” ⁵³
Facultativa	Modalidade facultativa orientada-para-o-participante: “Ele foi capaz de vir”⁵⁴	Modalidade facultativa orientada-para-o-evento: “Pode levar três horas para chegar lá”⁵⁵	—

⁴⁶ Entretanto não descartamos a possibilidade de encontrarmos alguma partícula gramatical indicadora de (in) capacidade no decorrer deste trabalho.

⁴⁷ “I must eat”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 213. Tradução nossa).

⁴⁸ “One has to take off one’s shoes here”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176. Tradução nossa).

⁴⁹ “Together we will go over there.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 175. Tradução nossa).

⁵⁰ “We’ll probably die for lack of water”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 174. Tradução nossa).

⁵¹ “We want to leave”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 213. Tradução nossa).

⁵² “It would be bad if I broke it”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176. Tradução nossa).

⁵³ “I want to sleep” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 154. Tradução nossa).

⁵⁴ “He was able to come”. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 212. Tradução nossa).

⁵⁵ “It can take three hours to get there.” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 176. Tradução nossa).

Quadro 4 - Organização da tipologia modal a partir da GDF

(conclusão)

Domínio	Alvo		
	Participante	Evento	Proposição
Evidencial ⁵⁶	—	—	Modalidade evidencial orientada-para-a-proposição

Fonte: elaborado a partir de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Diante do exposto nesta seção, chegamos à conclusão de que o aparato teórico da GDF será o ideal para nos apoiar na análise e descrição da modalidade facultativa, pois além de nos dar um suporte explicativo em que ocorre a produção da expressão linguística, ainda nos oferece uma tipologia e o possível contexto de surgimento desta categoria.

3.2 A expressão da modalidade facultativa: aspectos gerais

Nesta seção iremos tratar de aspectos da modalidade facultativa postos em prática, ou seja, faremos uma breve indicação de como podemos encontrá-la no português brasileiro.

Conforme acabamos de observar, a modalidade facultativa encontra-se no âmbito referente aos aspectos da habilidade e da capacidade. É importante frisarmos em quais contextos geralmente podemos encontrar a modalidade em língua portuguesa e, além disso, quais os meios utilizados pela expressão modalizadora facultativa que podem intensificar ou atenuar sua força de acordo com os valores pertinentes, ou seja, dependendo do seu contexto de enunciação e das crenças pessoais do falante e do ouvinte podemos ter efeitos de sentido referentes a noção de habilidade/capacidade intrínseca ou adquirida.

⁵⁶ Dall'Aglio-Hattner e Hengeveld (2015) atualizaram a noção de evidencialidade estudando detalhadamente sua arquitetura hierárquica e, com base na GDF, ao analisar uma amostra de 64 línguas nativas do Brasil, chegaram a definir quatro categorias de evidencialidade: a) a **reportatividade**, cuja fonte da informação que o falante está transmitindo é outro falante; b) a **inferência**, que o falante pode usar para indicar que ele infere uma certa parte da informação com base em seu próprio conhecimento; c) a **dedução**, na qual a informação presente do falante é deduzida com base em evidências perceptivas; por fim, d) **percepção do evento**, por meio da qual o falante indica se ele testemunhou ou não o evento descrito com base em sua inserção na cena e através de seus próprios sentidos.

Uma das autoras que estudou aspectos relacionados à modalidade foi Neves (1996a, 2016). Segundo ela, podemos encontrar a modalidade expressa através de:

- a) verbos auxiliares modais (ex. dever, poder), considerados uma das principais formas que encontramos a modalidade em geral;
- b) verbos de significação plena indicadores de opinião, crença, saber e habilidade. Geralmente mostram evidências do comprometimento do falante com o que está sendo dito;
- c) advérbios, associados ou não a um verbo modal, podendo indicar a força ou enfraquecimento da modalidade em questão, evidenciar a incerteza do falante sobre sua intenção comunicativa ou mesmo fazer uma persuasão implícita;
- d) substantivos na posição de objeto de verbo-suporte;
- e) adjetivo, podendo estar ou não em posição predicativa;
- f) categorias gramaticais do verbo, como tempo, modo e/ou aspecto, que podem incidir sobre a força do que está sendo dito.

Além desses recursos lexicais elencados acima, há outros dois, de cunho puramente sintáticos, que podem ser relevantes para identificação e análise da modalidade, em especial a modalidade. São eles (i) a unipessoalização (minimiza o comprometimento do falante com a proposição) e a (ii) intercalação de orações (intensifica o comprometimento do falante com o que está sendo dito, ao contrário do recurso anterior). Esses elementos aqui descritos pertencem aos valores indicados no nível de representação morfossintática e, a eles, juntam-se todos os outros analisados até o presente momento e como consequência temos aí um panorama geral de nossa pesquisa acerca da modalidade facultativa no português brasileiro. Identificaremos, portanto, quais destas situações podemos encontrar a modalidade facultativa no português falado no Ceará a fim de caracterizá-la e descrevê-la.

A análise de Neves (2016) baseou-se na modalidade em geral, não tendo ela especificado uma ou outra categoria modal, mas sim um apanhado geral de como podemos identificar traços linguísticos da modalidade em língua portuguesa, sejam eles deônticos, epistêmicos, facultativos, volitivos ou evidenciais. Isto posto, seguimos seus pressupostos e partiremos da premissa de que a modalidade facultativa será encontrada no português oral do Ceará com estas mesmas feições, resguardando-nos do fato de que podemos observá-la ainda em outras formas linguísticas não enumeradas pela autora.

3.3 Síntese conclusiva

Conforme observamos no início deste capítulo, o ponto de vista teórico desta pesquisa é o funcionalista e, por essa razão, procuramos analisar a língua por um caminho que vai desde a intenção comunicativa dos participantes do ato comunicativo até a expressão linguística efetivamente realizada.

Vimos também que nossa base teórica está apoiada no modelo proposto pela GDF, a qual nos coloca uma visão da produção do Ato Discursivo em componentes distintos, três não verbais (Componentes Conceitual, Contextual e de Saída) e um caracterizado por ser puramente verbal, o Componente Gramatical, sendo o único puramente linguístico e subdividido em quatro níveis de organização: os níveis Interpessoal e Representacional, nos quais há a operação da Formulação e, respectivamente, relativa a aspectos pragmáticos e semânticos; e os níveis Morfossintático e Fonológico, correspondentes à operação da Codificação. Todos esses níveis são dispostos em ordem descendente, caracterizando assim a estrutura *top down* típica da GDF. A disposição destes níveis em camadas interage com os outros três componentes: o Conceitual, o Contextual e o de Saída.

Em seguida, apresentamos um panorama geral da inter-relação entre os níveis do Componente Gramatical e o Componente Contextual, analisando o porquê de sua complexidade e como ele pode interferir no Componente Gramatical e, ao mesmo tempo, sofrer influência deste. Fizemos também nossas considerações sobre pesquisas recentes que mostram o Componente Contextual como reflexo do Gramatical organizado em quatro estratos correspondentes aos quatro níveis gramaticais e possuidor de informações situacionais e discursivas. Tais avanços são importantes por abrirem um leque maior de possibilidades sobre como podemos encontrar aspectos da modalidade facultativa no português falado no Ceará.

Fizemos em seguida também uma explanação geral da tipologia das modalidades, focando em algumas tipologias-chaves: a) a ideia da modalidade dinâmica enquanto parte da modalidade alética descrita por Wright (1951), ainda no âmbito filosófico, bem diferente da visão defendida nesta pesquisa; b) a visão de Carretero (1991); c) o ponto de vista de Olbertz (1998) sobre a modalidade inerente; d) a tipologia das modalidades descrita por Palmer (2001) colocando a modalidade dinâmica junto à deôntica e inserindo nela também a dimensão volitiva e, por fim, e) a tipologia modal descrita no principal aparato teórico de nossa pesquisa, a Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie

(2008), que elencaram a modalidade facultativa como uma modalidade independente de outras noções que dizem respeito a modalidade deôntica e volitiva.

Com o propósito de ambientarmos a nossa pesquisa quanto ao período cronológico e os pontos de vista apresentados aqui referentes a modalidade facultativa, bem como os principais termos utilizados pelos autores elencados neste capítulo e suas principais ideias, apresentamos o Quadro 5, que sintetiza os principais conceitos expostos em nossa fundamentação acerca da modalidade facultativa contendo os teóricos que mencionamos neste capítulo e o marco cronológico de cada ponto de vista:

Quadro 5 - Síntese tipológica da modalidade facultativa

(continua)

Autor	Ano	Categoria	Conceito
Wright	1951	Modalidade dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> • Noções de habilidade e disposição; • A lógica das habilidades e disposições estaria sujeita às mesmas regras formais das modalidades aléticas.
Palmer	1986, 2001	Modalidade dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> • Há circunstâncias no mundo real que tornam necessária a relação do estado-de-coisas; • Subdividida em modalidade dinâmica neutra (circunstâncias gerais) e modalidade dinâmica orientada para o sujeito (circunstâncias características do sujeito); • Passível de ser descartada da tipologia das modalidades.
Carretero	1991	Modalidade dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> • Age sobre fatos do estados-de-coisas e refletem a possibilidade ou necessidade de acordo com as leis naturais, compreendendo (i) possibilidade (capacidade) e necessidade inerente a algo ou alguém ou (ii) possibilidade e necessidade circunstancial.
Olbertz	1998	Modalidade facultativa / inerente	<ul style="list-style-type: none"> • Noções de habilidades inatas e adquiridas; • Dividida em intrínseca e extrínseca e ter orientação tanto para o participante quanto para o evento.

Quadro 5 - Síntese tipológica da modalidade facultativa

(conclusão)

Autor	Ano	Categoria	Conceito
Hegenveld e Mackenzie	2008	Modalidade Facultativa	<ul style="list-style-type: none"> Ocorre no nível Representacional e pode ser: (i) orientada-para-o-evento ou (ii) para-o-participante; Quando orientada-para-o-evento, designa o EC em termos de condições físicas ou circunstanciais <p>Quando orientada-para-o-participante, distingue a habilidade de engajamento do participante no EC entre habilidade/capacidade em intrínseca e adquirida.</p>
Neves	2016	Modalidade disposicional/habilitativa	<ul style="list-style-type: none"> Refere-se à dotação, habilitação e capacitação; <p>No fundo é uma possibilidade deontica.</p>

Fonte: Elaborado pela autora com base na leitura das obras propostas sobre modalidade facultativa

Por fim, fizemos uma breve discussão sobre algumas formas de expressão em que podemos encontrar para a modalidade facultativa no português brasileiro, a fim de explicitar as possibilidades de nossa pesquisa sobre o português no Ceará. Sendo assim, esperamos que possamos contribuir para a ciência no âmbito de ampliarmos as possibilidades de aprofundamento na análise da tipologia modal, sobretudo da modalidade facultativa em língua portuguesa.

4 METODOLOGIA

A metodologia é bem mais que um agrupamento de teorias que visam prescrever padrões: ela é um recurso indispensável para o fazer científico, o caminho para se chegar ao seu fim, o conhecimento (SIQUEIRA *et al*, 2008). Partindo do exposto, observamos que o pesquisador, ao desenvolver a sua investigação científica, necessita de clareza quanto ao caminho que irá seguir para que, na conclusão de sua jornada, possa alcançar plenamente o seu objetivo de produzir ciência.

Conforme observamos em nossos objetivos, nosso estudo será caracterizado como predominantemente explicativo, pois, com base na teoria da Gramática Discursivo-Funcional e na tipologia das modalidades, tentaremos descrever os aspectos inerentes à modalidade facultativa no português falado no Ceará. Por conseguinte, utilizamos as estratégias presentes nas pesquisas bibliográfica e documental, afinal houve a necessidade de um levantamento crítico acerca das obras teóricas sobre a modalidade facultativa. Nosso intuito, entretanto, não é simplesmente uma revisão bibliográfica, pois daremos um passo analítico, ao utilizar dados reais da língua portuguesa, ou seja, produzidos por falantes nativos do Brasil.

Nesse sentido, nossa pesquisa inclina-se para a utilização de um *corpus* linguístico que contém em si informações como: a) o tipo de discurso (narração ou um diálogo entre dois ou mais participantes), o grau de espontaneidade, relações de poder, distanciamento ou proximidade entre os participantes do discurso demonstradas linguisticamente durante o ato comunicativo; b) a faixa etária, o nível de escolaridade e o sexo dos participantes, que podem ser importantes *na medida em que eles possam dar indícios para determinar como se dará a modalização no ato comunicativo, podendo nos indicar que determinada categoria tenha mais chances de enunciar a modalidade facultativa que as demais*; c) o propósito comunicativo do discurso também foi um elemento preponderante em nosso *corpus* em virtude de ele nos dar indícios da intenção comunicativa do falante e do contexto em que o ato comunicativo surgiu.

Importante ressaltar que nosso trabalho está inserido na área de Descrição e Análise Linguística e possui como base teórica o Funcionalismo linguístico, conseqüentemente nos colocando em direção a trabalhar com um *corpus* de “porções de linguagem” (SARDINHA, 2004, p. 17) naturais, ou seja, conforme sobrescrito, produzido por falantes nativos do português brasileiro. Tal escolha justifica-se em razão de um *corpus* ser uma amostra representativa da língua real e, justamente por isso, nos fornecer indícios

de contextos propícios e os requisitos para o surgimento e desenvolvimento da modalidade facultativa. Destarte, pesquisaremos nesse *corpus* específico de língua portuguesa falada no Brasil as incidências da modalidade facultativa, suas condições contextuais e as características inerentes à categoria estudada, embasadas nos teóricos que servirão de ponto de apoio para nossa análise. Ele foi escolhido com base em sua representatividade, ou seja, em termos estatísticos que fazem menção ao seu tamanho em número de palavras, pois sabemos que, quanto mais palavras ele tiver, maiores serão nossas chances de encontrarmos palavras de baixa incidência no português brasileiro e, conseqüentemente, como nossa pesquisa será em torno da modalidade facultativa, nossas chances de encontrarmos casos particulares dessa categoria também serão ampliadas. No entanto, não focamos exclusivamente neste aspecto, afinal o intuito desta pesquisa é proporcionar uma visão mais completa possível da modalidade facultativa. Por isso, nossa escolha foi baseada também nos seguintes aspectos:

- a) a necessidade de conter o maior número possível de sentidos de cada forma, que nos dará maiores possibilidades de uma descrição adequada dos meios em que a modalidade facultativa pode surgir;
- b) a quantidade de textos tornou-se também um requisito para determinar o *corpus* em nossa pesquisa, pois observamos em que textos a nossa categoria futuramente estudada apareceu com maior frequência e intensidade;
- c) a atualidade dos dados foi levada em conta. É válido ressaltar, no entanto, que nossa pesquisa, ao estar inserida neste âmbito, buscou na escolha do *corpus* registros linguísticos dos discursos em que houvesse como prioridade a interação comunicativa entre os participantes do discurso.

Sendo assim, enfatizamos o papel do diálogo como um fator preponderante em nossa escolha e, assim, podemos indicar como foi a escolha e delimitação metodológica da amostra escolhida para esta pesquisa acerca da modalidade facultativa no português falado no Ceará.

4.1 Seleção, constituição e delimitação do *corpus*

Como vimos na seção anterior, buscamos escolher um *corpus* para analisar e descrever a modalidade facultativa no português que tivesse os requisitos necessários para que ele se encaixasse numa pesquisa de cunho funcionalista. A fim de nos pautarmos

adequadamente em nossa escolha, utilizamos os pressupostos da Linguística de Corpus e de nossa linha de pesquisa, que nos colocou em posição de optar por um banco de dados que tivesse os requisitos necessários para nossa pesquisa, de modo que pudéssemos observar nele falas reais. Dentre os vários *corpora* disponíveis do português brasileiro contemporâneo, escolhemos o que mais se adequava a nossos objetivos de pesquisa.

Para a nossa análise a respeito da modalidade facultativa no português falado no Ceará, utilizamos o *corpus* do grupo de pesquisa PROFALA (Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações), desenvolvido no âmbito da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a coordenação das professoras Maria Elias Soares e Maria do Socorro Silva Aragão. O grupo em questão possui alguns projetos distintos: (i) um com a finalidade de explorar as variedades do português falado em Portugal e nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), bem como em Timor-Leste. (ii) com a intenção de tratar da fala cearense sob os pontos de vista fonético, lexical, morfossintático, semântico-pragmático e textual-discursivo, o que nos pareceu com finalidades semelhantes à nossa pesquisa, já que o nosso objetivo é analisar linguisticamente como a categoria modalidade facultativa se manifesta no português falado e quais as suas principais formas linguísticas de expressão.

O banco de dados do PROFALA sobre o português falado no Ceará engloba também o projeto ELOC (Estudo da Língua Oral do Cariri), que é composto por 190 inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), dividido pelas seguintes variáveis: (i) sexo (feminino e masculino), (ii) idade (FI – 15 a 25 anos; FII - 26 a 49 anos; FIII – 50 anos ou mais), (iii) escolaridade (E0 – analfabeto; E1 – 1 a 4 anos de escolaridade; E2 – 5 a 8 anos de escolaridade; E3 – 9 a 11 anos de escolaridade; E4 – mais de 11 anos de escolaridade). Os inquéritos são disponibilizados transcritos⁵⁷ e perfazem um total de 85 horas gravadas (uma média de aproximadamente 27 minutos para cada inquérito)⁵⁸.

O banco de dados PROFALA em relação à fala do Ceará foi registrado no período correspondente entre o final dos anos 1990 a primeira década dos anos 2000, em diversas cidades e distritos da região do Cariri, divididas em duas grandes áreas:

⁵⁷ Os inquéritos estão disponibilizados através do link: <https://www.dropbox.com/sh/resgy6i5khqo94k/AACHR5HiKzVeJOPEHo4hJlJXa?dl=0>. Para maiores informações visitar www.profala.ufc.br.

⁵⁸ Em nossa pesquisa, como já mencionamos, não iremos tratar dos aspectos relacionados ao nível fonológico de análise. Por esse motivo, nossas ações serão concentradas nos inquéritos transcritos.

- A zona urbana é composta pelas seguintes cidades: Barbalha, Nova Olinda, Juazeiro do Norte, Várzea Alegre, Altaneira, Mauriti, Crato e seus distritos Pimenta, Alto da Penha e Batateira;
- A zona rural registrada neste *corpus*, foi constituída, basicamente, pelos seguintes distritos de Crato e Juazeiro do Norte: Santa Fé, Dom Quintino, Sítio Romualdo, Vila Arajara, São Vicente, São Miguel, Buritizinho, Vila Três Marias, Sítio Cajazeiras e São Gonçalo.

A região do Cariri fica a aproximadamente 600 km de distância da capital cearense e uma de suas características principais é, justamente, a proximidade entre as cidades, de modo que zona rural e urbana, por vezes, conjugam-se em uma só e seus limites não ficam tão claros, trazendo, assim, uma riqueza de situações em que os falantes podem associar sua visão de mundo tanto a noções um pouco mais globalizadas, urbanas, como também a forte relação que possuem com a vida rural.

Nossa escolha pela análise e descrição da fala do Cariri deu-se por essa riqueza de detalhes que nos fazem observar, entre outras noções, aspectos como a autonomia da região em relação à capital cearense, pois o Cariri, sobretudo as cidades de Crato e Juazeiro do Norte, são conhecidas pela valorização da cultura popular, não somente através de feiras populares, mas também por ser um centro de turismo religioso, sobretudo Juazeiro. A região também é dotada de uma grande história, relevante para a cultura cearense e conhecida como “o oásis do sertão”, por ser banhada por correntes perenes, como por exemplo o rio Caldas, que corta Barbalha e demais cidades e distritos. Além disso, o falante caririense possui também características peculiares, que o distinguem do falar, por exemplo, fortalezense, como a não palatalização diante de /t/ e /d/ e a não anteposição do artigo antes de nome próprio (CARVALHO, 2007). Tais questões são de ordem fonológica, mas servem para mostrar algumas das particularidades do falar desta região. Isto posto, podemos encontrar nela também algumas características relevantes acerca da modalidade facultativa.

As entrevistas presentes no *corpus* PROFALA são, em sua maior parte, divididas em dois momentos. No primeiro, há uma espécie de triagem dos informantes, constam perguntas pessoais dos entrevistados, como nome completo, data e local de nascimento, outros locais onde informante tenha morado e por quanto tempo, estado civil, filhos e se os filhos moram com o entrevistado ou não, local de nascimento dos pais do entrevistado, se o informante conviveu com alguém que falasse outra língua, profissão e há quanto tempo a exerce e quantas pessoas moram com o entrevistado. Após essa seção inicial,

no segundo há a entrevista propriamente dita, a qual gira em torno de narrativas pessoais, registros de opinião do informante sobre assuntos relacionados à religião, política e sociedade em geral, histórias populares da localidade onde mora e, por vezes, é pedido também ao informante que deixe uma mensagem para as pessoas.

Tal desenrolar mostra, geralmente, que a conversa inicialmente tímida, muito provavelmente em virtude da situação de deixar-se gravar para uma pesquisa linguística, passa conforme o desenrolar do diálogo a uma conversa um pouco mais natural, de modo que documentador e informante, por vezes, acabam agindo, no final da entrevista como bons amigos, alcançando com êxito a finalidade da pesquisa linguística: a naturalidade do falar destes entrevistados.

Em relação ao tratamento dos dados, é válido ressaltar que nossa pesquisa terá um caráter duplo: por um lado ela será quantitativa, na medida em que faremos uma análise estatística dos dados de modalidade facultativa encontrados; por outro lado, lembramos que, em determinados momentos, precisamos desfazer ambiguidades naturalmente brotadas no discurso, além de identificarmos os valores semânticos de alguns elementos e constituintes para sua plena compreensão. Por isso, nossa pesquisa também possui caráter qualitativo, a fim de fazermos uma descrição o mais completa possível da modalidade facultativa do português falado no Cariri.

Reforçamos ainda que, ao optarmos por esta faceta dupla para o tratamento dos dados encontrados, nossa intenção vai além de mensurar e fazer análises estatísticas de eventos, pois temos por prioridade descrever a modalidade facultativa e elencar analiticamente suas principais marcas e comportamentos funcionais. Justamente por esse motivo, se escolhêssemos apenas um caráter de pesquisa (apenas quantitativo ou somente o qualitativo), nosso estudo correria o risco de ficar de certa forma incompleto e não daria a noção geral e analítica que esperamos sobre o fenômeno linguístico estudado.

Compreendemos as limitações presentes no estudo com *corpora* linguísticos e temos consciência de que, por maior que seja a sua representatividade, ainda assim ele será apenas um recorte da língua. Desse modo, julgamos também ser necessário apontar que, embora com suas restrições naturais e dada a própria natureza de trabalho com bancos de dados linguísticos, nosso ponto de partida é a pesquisa teórica e não o objeto (SAUSSURE, 2012, p. 29).

Dadas as dimensões do *corpus*, seria extremamente dispendioso trabalhar com todo o banco de dados. Por esse motivo, optamos por construir uma amostra com base em

Carvalho (2007), em virtude da relevância de seu estudo acerca da fala da região. A amostra da autora está dividida conforme mostra o Quadro 6:

Quadro 6 - Distribuição das entrevistas escolhidas do PROFALA para constituição do nosso corpus⁵⁹

(continua)

Nº	Informante	Sexo		Faixa Etária			Escolaridade					Duração (min.)
		F	M	15-25 (F1)	26-49 (F2)	+ 50 (F3)	0 (E0)	1-4 (E1)	5-8 (E2)	9-11 (E3)	11+ (E4)	
1	CMLS	F										42
2	MAL	F										26
3	VLNS	F										30
4	MFAS	F										32
5	FCO	F										36
6	MSLO	F										31
7	RMAS	F										20
8	ILO	F										39
9	MDS	F										27
10	RES	F										20
11	OAA	F										35
12	MAC	F										38
13	MMS	F										30
14	ESS	F										30
15	JEBB	F										30
16	MLO	F										36
17	ALA	F										39
18	HTL	F										28
19	FAA	F										30
20	MEA	F										30
21	MCA	F										30
22	AFNS	F										32
23	MSL	F										10
24	LMS	F										31
25	MLL	F										27
26	MSL	F										30
27	MLA	F										59
28	FBO	F										30
29	SMCA	F										25
30	EMN	F										30
SUBTOTAL: 933 MINUTOS DE GRAVAÇÃO												
31	SFS		M									16
32	RSO		M									31
33	RDS		M									30

⁵⁹ As amostras serão indicadas pela sigla do nome do(a) informante, sendo seguido, respectivamente, por sua faixa etária, escolaridade e sexo. Por exemplo: a informante CMLS, da faixa etária F1, analfabeta, sexo feminino, terá sua sigla CMLSF1E0-F.

Quadro 6 - Distribuição das entrevistas escolhidas do PROFALA para constituição do nosso corpus

(conclusão)

34	AAF		M								34
35	JBR		M								30
36	JRS		M								34
37	ABR		M								29
38	ERS		M								35
39	FDO		M								60
40	IGA		M								34
41	JRG		M								45
42	MBES		M								30
43	FAZ		M								28
44	APSN		M								23
45	RBF		M								25
46	LGA		M								24
47	FAC		M								30
48	FHR		M								37
49	JBX		M								30
50	APT		M								30
51	MBS		M								27
52	JAF		M								28
53	JWP		M								11
54	AT		M								35
55	AAMN		M								25
56	MRRS		M								20
57	PTRA		M								30
58	FCPS		M								20
59	VJS		M								30
60	JNS		M								23
SUBTOTAL: 884 MINUTOS DE GRAVAÇÃO											
TOTAL		60	20	20	20	12	12	12	12	12	1817

Fonte: elaborado com base em Carvalho (2007)

Os critérios de seleção para as amostras de Carvalho (2007) foram referentes às variantes sociais ‘sexo’, ‘faixa etária’ e ‘escolaridade’. Vale ressaltar que o trabalho de Carvalho (2007) foi referente a tempos e modos verbais, mais especificamente o indicativo e o subjuntivo, vistos sob a perspectiva sociolinguística, não necessariamente em relação ao ponto de vista abordado aqui, mas também em relação às variáveis.

4.2 Procedimentos e categorias de análise

Para a análise dos dados, estabelecemos o seguinte procedimento:

- (i) Identificação dos modalizadores facultativos no *corpus* por meio da leitura de suas transcrições e utilização de ferramentas de busca textual de editores de texto;
- (ii) Análise das ocorrências da modalidade facultativa, conforme as categorias de análise estabelecidas de acordo com a seguinte divisão, a saber:

a) **Componente Contextual:** Informações intrínsecas aos falantes, como *idade*, *sexo* e *escolaridade*, a fim de identificar se estas características são determinantes para a manifestação da modalidade facultativa no discurso destes falantes;

b) **Componente Gramatical:** Informações relativas aos níveis Interpessoal Representacional e Morfossintático, a saber:

- i. Categorias de análise referentes ao **Nível Interpessoal:** *Comportamento/posição do falante em relação ao valor facultativo instaurado* (inclusão ou não inclusão do falante); tipo de Ilocução escolhida pelo falante (declarativa, interrogativa, imperativa ou mirativa);

- ii. Categorias semânticas referentes ao **Nível Representacional:** Condições de realidade (*realis/irrealis*); Alvo da modalidade facultativa (*orientada para-o-evento* ou *para-o-participante*); tipo modalidade facultativa orientada-para-o-evento (condições *físicas* ou *circunstanciais*); tipo modalidade orientada-para-o-participante (*intrínseca* ou *adquirida*); Polaridade (*positiva* ou *negativa*); Tipologia dos EC envolvido na modalidade facultativa (*estado*, *posição*, *processo* ou *ação*);

- iii. Categorias de análise relativas ao **Nível Morfossintático:** Tipos de unidade linguística (*Expressão linguística*, *cláusula sintagma*, *palavra*, *morfema*); *Classes de palavras* (*verbos*, *verbos auxiliares modais*, *substantivos*, *adjetivos*, *advérbios*); Tempo verbal (*presente*, *pretérito imperfeito*, *perfeito*, *mais-que-perfeito*, *futuro do presente e do pretérito*); Modo verbal (*indicativo*, *subjuntivo e imperativo*).

As categorias referentes ao Componente Contextual está descrita no Quadro 7 e as que dizem respeito ao Componente Gramatical aparecem esquematizadas no Quadro 8,

ambos descritos sob o modelo *top down*. Vale ressaltar, no entanto, que esta subdivisão é apenas para fins metodológicos, pois sabemos que, embora a GDF seja um modelo baseado em níveis e camadas, há durante a comunicação verbal a interação entre esses níveis componentes.

Quadro 7 - Categorias de análise do corpus referente ao Componente Contextual

Categorias relativas ao Componente Contextual	
Características particulares dos falantes (entrevistados)	Idade
	Sexo
	Escolaridade

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 8 - Categorias de análise do corpus referente ao Componente Gramatical

(continua)

Categorias de análise quanto ao Componente Gramatical	
Categorias referentes ao Nível Interpessoal	
Tipo de Ilocução	Declarativa
	Interrogativa
	Imperativa
	Admirativa
Posição do falante em relação ao valor facultativo instaurado ⁶⁰	Inclusivo
	Não inclusivo
Categorias referentes ao Nível Representacional	
Condições de realidade	<i>Realis</i>
	<i>Irrealis</i>
Alvo da modalidade facultativa	Orientada-para-o-evento
	Orientada-para-o-participante
Modalidade facultativa orientada-para-o-evento	Condições físicas
	Condições circunstanciais
Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante	Habilidade/capacidade intrínseca (ser capaz de)
	Habilidade/capacidade adquirida (saber como)
Tipologia dos estados-de-coisas	Estado
	Posição
	Processo
	Ação
Polaridade	Positiva
	Negativa

⁶⁰ Esta categoria não está descrita na GDF; ela surgiu como uma necessidade de identificarmos como o falante inclui-se durante a enunciação do valor facultativo instaurado no discurso.

Quadro 8- Categorias de análise do corpus referente ao Componente Gramatical

(conclusão)

Categorias de análise quanto ao Componente Gramatical	
Categorias referentes ao Nível Morfossintático	
Tipos de unidade linguística	Expressão linguística
	Cláusula
	Sintagma
	Palavra
	Morfema
Classes de palavras	Verbo
	Verbo auxiliar modal
	Substantivo
	Adjetivo
	Advérbio
Tempo verbal ⁶¹	Presente
	Pretérito perfeito
	Pretérito imperfeito
	Pretérito mais-que-perfeito
	Futuro do presente
	Futuro do pretérito
Modo verbal	Indicativo
	Subjuntivo
	Imperativo

Fonte: elaborado pela autora

De posse destas informações, nosso procedimento de análise e interpretação dos dados gerais foi dividido em dois grandes eixos, a saber:

- a) Tratamento quantitativo do *corpus* com *softwares* de análise preditiva e editores de dados, a fim de codificar as ocorrências encontradas. O programa computacional que utilizaremos será o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais, versão 22);
- b) Análise quali-quantitativa dos dados gerais encontrados e interpretação dos determinantes significativos calculados com o auxílio do *software* SPSS.

Como relatamos, nosso intuito não é apenas fazer uma análise estatística, mas também de buscar, com o auxílio dos dados obtidos por meio do programa estatístico *SPSS*,

⁶¹ As noções de tempo e modo verbal se dão no Nível Representacional enquanto categoria ‘semântica’. Em nossa pesquisa, inserimos essas categorias em relação ao Nível Morfossintático a fim de identificar as suas marcas morfossintáticas.

a interpretação de casos em que haja dúvidas se realmente há a manifestação da modalidade facultativa, pois sabemos que determinados contextos podem ser propícios a um tipo ou outro de modalidade. Portanto, há que se explicar também quais dados foram considerados e quais descartados. Para tanto, é extremamente importante a explanação dos casos de modalidade facultativa encontrados no *corpus*. Vale ressaltar, ainda, que a modalidade está incorporada em contextos de interação social e, conseqüentemente, não podem ser adequadamente descritas sem o seu contexto de interação discursiva, como explica Bybee e Fleishman (1995, p. 03).

4.3 Dificuldades de análise

Ao identificarmos nossas categorias de análise para a descrição da modalidade facultativa no português falado no Ceará, uma das principais dificuldades que tivemos residiu no fato de distinguir, dentro de um contexto específico, quais são os limites entre a modalidade facultativa e outras categorias de modalidade. Por esse motivo, listamos nesta seção alguns dos casos levados em consideração como parte dos processos metodológicos para que pudéssemos encontrar, efetivamente, a modalidade facultativa.

Muitas vezes precisamos recorrer ao contexto para evitar leituras ambíguas da categoria. Entretanto, mesmo com tal procedimento, nem sempre o êxito foi alcançado e enunciados, como o excerto (1), foram descartados desta análise, por tratar-se de um caso onde não há a certeza de termos um caso de modalidade facultativa ou deôntica:

(1) eu voltei somente pra eu não perdê meu contrato” se eu num **pude** levá’ pelejei e num consegui a transferência’ e tirei a licença de interesse’ e a licença não foi concedida’ (EMNF3E4-F)

Este enunciado, por exemplo, nos mostra um caso em que tanto poderia ser instaurado neste discurso tanto a modalidade facultativa, no caso da interpretação de que a informante em questão não teve a capacidade necessária para levar o seu contrato de trabalho para outra localidade, mas também pode ter uma leitura deôntica, em que não foi permitido à informante levar seu contrato para outra cidade.

Além desta, outras situações dignas de nota referentes à análise da categoria modalidade facultativa merecem relevância nesta seção. Uma das primeiras situações que contribuiu para a complexidade de análise consistiu nos casos em que a categoria em questão

é apresentada como uma capacidade adquirida por meio unicamente do contexto, não tendo um termo morfossintático específico que venha a marcar a modalidade facultativa:

(2) enfrentei já grandes problemas até da questão econômica também né” a gente passa um pouco de sufoco’ MAS é: com a ajuda de Deus a gente **chega lá**’ e (+) eh: falando dentro da/ falando de mim né”(MSLF1E4-F)

Neste exemplo, podemos verificar que a entrevistada faz uma autoanálise de sua vida e conclui que foi capaz de vencer seus problemas mediante o auxílio de Deus, que a capacitou. Ela utilizou também um termo cristalizado em língua portuguesa, “chegar lá”, onde este “lá” significaria não um lugar específico, mas uma situação, um objetivo esperado a ser alcançado. “Chegar lá”, portanto, tem o sentido de “alcançar os seus objetivos”, ou seja, “conseguir”. Esta interpretação, entretanto, só é alcançada a partir da compreensão das metáforas e, como a GDF trabalha somente com valores modais gramaticalizados na língua, estamos impossibilitados de trabalhar com ocorrências como o exemplo (2).

O contexto seguinte também nos inclina a observar o enunciado) como facultativo, porém não há nenhuma marca de expressão utilizada pelo falante para identificar como a categoria pode ser vista, pois, aqui, a circunstância de exercer uma profissão faria com que o trabalhador buscasse a sua capacitação constante, portanto, fazendo com que ele adquira novas habilidades que o complemente profissionalmente e pessoalmente, tornando-o um ser completo:

(3) [...] a partí do momento que você passa a exercê uma profissão’ nós sempre procuramos encontra logo que nos complementa e::’ sempre, (JNSF3E4-M)

Uma notável dificuldade encontrada na caracterização da modalidade facultativa neste trabalho alude ao verbo ‘conseguir’. Como observamos, ele foi o verbo pleno mais usado pelos entrevistados para marcar modalidade facultativa. Entretanto, nem todos os contextos de surgimento deste verbo podemos considerar como manifestação da modalidade facultativa: em determinados momentos este verbo traz uma situação de, por exemplo, arranjar um trabalho, não traria em si a semântica voltada para capacidades e habilidades:

(4) a educação ela precisa de que” (+) de novos métodos pra pra: podê (+) fazê cum que o aluno (+) seja estimulado a estudá’ ah: (+) porque material didático tem (+) no caso’ têm (têm) professores excelentes’ agora o que falta (+) é isso’ é: é estimulá o aluno/ e acho que: a base fundamental pra você **consegui** um EMPREGO’ é você tendo uma boa educação’ (incompreensível) bom e: de qualidade, (APSNF1E2-M)

Neste caso, na realidade, não há propriamente um caso de modalidade. O verbo ‘conseguir’ pode ter, assim como os verbos modais, uma leitura epistêmica, reforçada aqui pelo verbo “ver”, com um sentido conotativo de avaliar determinada circunstância. Observe:

(5) aí: eu/ se eu fosse Ele’ eu ia tentá: revertê esse caso, né” ia: (+) vê se **conseguia** aí: (+) alguma ajuda aí com o:s maiores do podê pra (informaçã/) fundação de creche’ escolas’ aí pra essas crianças’ aJU:da’ (+) ia vê se tirava elas da ru:a,(RESF1E1-M)

Outra dificuldade apresentada reside na situação das elipses, visto que não há nelas a marca da modalidade facultativa e só são plenamente compreendidas se tomarmos como parâmetro todo o contexto da enunciação. Vejamos os exemplos seguintes:

(7) (+) é de pé porque sempre’ passa um ôinbu coletivo’ aliás passava mais sempre aqui é um sítio muito FRACO’ as condição é FINANCÊRA e toda as pessoa num tem condição de i: (+) de ônibu’ intão realmente certo” num e MU:ITO caro’ mais só qui:: algumas pessoa **num tem** por causa do trabalho que é’ o ganho muito pôco’ intão a condição num é:: de de pagá um meio transporte (IGAF2E1-M)

(8) **INF:** e: um dia eu perguntei a ela' você dança" ela disse não, nunca dancei não, (+) e: casando comigo' você dança ou não" ela disse'+) ((fala rápido)) só se você dançá (+) eu aprendo, mas (eu) num **sei** dançá não, eu digo' eu também **num sei**, então tamo bom de casá, case:mo, (+) ((risos)) CASEI em trinta e se:is, (+) (JRSF3E0-M)

Ambos os casos em destaque nos mostram que os termos encontrados em nossa amostra podem ser colocados em elipse: no primeiro trecho, há a elipse do termo “condição”, que, deste caso, diria respeito a uma circunstância específica em que algumas pessoas não possuem capacidade de locomoção devido a uma série de razões enumeradas pelo falante. Trazendo a questão para outro ponto, esta ocorrência também nos traz outros fatores além da elipse, pois observamos nesta ocorrência uma série de situações em que aparece o termo “ter condições”, do qual brevemente falamos nas seções anteriores. Esse termo é muito complexo e necessita ser analisado com cuidado por ele poder indicar modalidade facultativa, deôntica ou mesmo epistêmica.

O caso (7) mostra que o primeiro termo “as condição” não seria propriamente modal, mas sim um sinônimo de situação; o segundo, “num tem condição”, refere-se à modalidade deôntica, indicando a impossibilidade de algumas pessoas em irem de ônibus para a escola, dadas as condições financeiras; a terceira ocorrência encontramos novamente uma elipse, que já falamos nos exemplos anteriores, onde, neste caso, expressa novamente a modalidade facultativa. Por fim, a quarta ocorrência é equivalente à primeira: um sinônimo

de situação. Já no segundo, o entrevistado relembra como conheceu sua esposa e refaz o diálogo que teve com ela falando sobre a inaptidão de ambos para a dança. Como não havia a marcação linguística dos termos para a modalidade facultativa, muito embora o contexto nos coloca na direção de compreender as capacidades e habilidades que os falantes queriam mostrar, as elipses não foram consideradas em nossa análise quantitativa. De todos estes casos mostrados no exemplo (8), o único considerado em nossa análise foi “não saber dançar”, sendo os demais excluídos de nossa pesquisa quantitativa.

O verbo ‘saber’, mesmo trazendo em si uma forte carga facultativa, também traz em si fatores que não são necessariamente facultativos, como no caso encontrado a seguir, em que percebemos a construção “tem que sabe(r)”, a qual indica uma necessidade deôntica, não propriamente a modalidade facultativa, sobretudo em razão do antecedente deôntico “ter que”que, embora trazendo como escopo o verbo ‘saber’, não foi inserida em nossa análise para evitar leituras ambíguas:

(9) HO:je a gente tem que **sabê** levá os filhos’ eu quando fui criá meus filhos eu tive primeiro (+) que conversá com eles’ entendendo o problema’ muitas vezes eu pedia uma co:isa pra fazê’ eles não fazi:a’ e eu vou leva:ndo’ porque: se a gente não soubé levá hoje (+) a criação dos fi:lhos’ vai sê pió’(ATF3E3-M)

Outro caso muito comum que foi descartado da análise é o dos marcadores discursivos, como o do exemplo a seguir:

(10) **INF:** o pessoal do Maranhão falam bem’ **num sabe**”

DOC: Hum.

INF: fala mais correto que do Ma/ do do Ceará’ então acho bonito a fala deles’ eles falam bem correto’ né” o SUTAque da fala deles é diferente da nossa’ mais que eles falam correto, (MSLF3E3-F)

O verbo ‘poder’, como bem sabemos, é naturalmente modal. Com isso, ele acaba sendo bastante complexo durante a análise da modalidade facultativa, pois os seus contextos de surgimento precisam ser analisados para a identificação adequada de cada categoria modal, sobretudo quando houver uma negação, que poderia indicar tanto um caso de modalidade deôntica (proibição) quanto uma leitura de alguma incapacidade, ou seja, modalidade facultativa adquirida com polaridade negativa:

(11) **DOC:** E por que o senhor parou de estudar?

INF: olha porque na época’ o a MINHA condição era difíci eu trabalhava muitolongo’ aí então ’ como as condição era difíci num tinha como a pessoa i porque eu istudava (+) nua iscola na cidade e: através do meu trabalho’ porque era muito longe eu tinha que:: tinha que dexá porque:: era’/ trabalhava durante o dia’

intão a NOITE era que eu ia pegá um pôquim da aula pra vê se eu conseguia alguma coisa mais vi que **num podia sê** porque era di era muito difíci' num tia meio de transporte' como HOJE tem mais a facilidade' e assim pur diante, (IGAF2E1-M)

Outro fator que merece destaque nas dificuldades de análise e que não foram consideradas na rodagem de dados e na busca pelos casos de modalidade facultativa no *corpus* é referente a determinadas construções que, em tese, seriam consideradas facultativas. Entretanto, não há ainda a certeza absoluta se elas se tratam de casos de modalidade facultativa. Estamos falando, efetivamente, de duas construções: “dar para” e “nascer para”. A primeira, encontrada algumas vezes na amostra, foi vista em sua faceta negativa, indicando uma determinada ambiguidade de sentido, podendo-se traduzir tanto como incapacidade quanto com impossibilidade:

(12) **INF**: acho (+) que foi logo quando eu me cansei' ai dêxei de lado' porque eu/ (+) ou eu estudava ou ia trabalhá' **ai eu achei que ficava muito cansativo' ai num dava pra mim fazê as duas coisas'** ai achei melhó (incompreensível), (RBFF2E2-M)

A segunda construção poderia indicar que o participante do discurso teria determinada capacidade / habilidade intrinsecamente, pois já nasceu com ela, mesmo que, no decorrer de sua vida, possa ampliá-la. “Nascer para”⁶² é uma construção já cristalizada no português brasileiro, significando que determinada pessoa possui uma relação tão intrínseca com aquela capacidade que, se ela for contra a sua natureza, fatalmente não será uma pessoa completa e feliz:

(13) tudo é mais fácil hoje' vinha e-era/ não num vinha não' a pessoa era até uma parenta minha que era a coordenadora de mas uma colega minha disse' e vamos e vamos' seus meninos já estão grandes' seu pai vive viajando' e eu sem querê í de jeito nenhum' aí quando ar menina lá do grupo souberam disseram' aí você vai' que você nasceu pra insiná então **pra insiná você tem que se formá'** e: eu sei que essa colega minha tomô a frente e disse' E.' eu vô fazê a sua inscrição e você vai' que era no Colégio Santa Teresa' feiz' eu fiz/ qué dizê' foi tudo assim' com empurrão das colegas'(EMNF3E4-F)

No exemplo acima, há esta marca de modalidade facultativa através da fala reportada da entrevistada, em que suas colegas a consideram apta a ser professora, mas, para que ela pudesse exercer essa profissão, precisaria ter um curso de magistério.

⁶² Inserimos os dados referentes à expressão “nascer para” na análise quantitativa.

4.4 Síntese

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que utilizamos para a análise das expressões linguísticas que marcam a modalidade facultativa. Para tanto, nosso quadro teórico é a Gramática Discursivo-Funcional, que nos oferecerá um suporte adequado para a descrição e análise linguística da categoria em questão. Vimos que nossa abordagem é a hipotético-dedutiva com aspectos referentes à pesquisa descritiva, pois o intuito é descrever aspectos da modalidade facultativa no português falado no Ceará. Seu caráter bibliográfico e documental foi evidenciado na medida em que fizemos uma revisão bibliográfica do que foi estudado até o presente momento acerca da modalidade, sobretudo a modalidade facultativa, mas nossa análise vai além e analisa textos ou porções destes que não foram produzidos com o intuito de figurarem em estudos linguísticos.

Nas seções seguintes temos uma análise de aspecto qualitativo e quantitativo a fim de oferecer uma visão completa da manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará, afinal, tendo em vista que nosso trabalho está atrelado à linha de Descrição e Análise linguística, levamos em consideração os recursos puramente linguísticos (lexicais, morfológicos e semânticos) e como esses recursos são inseridos na comunicação real (CONNOLLY, 2007a). Utilizamos o *corpus* do projeto PROFALA referente à fala do Ceará, composto por 190 inquéritos do tipo DID disponíveis tanto em gravação quanto transcritos. Dentre estes, escolhemos uma amostra de 60 entrevistas com base em Carvalho (2007) para analisarmos as 13 categorias de análise escolhidas para este trabalho.

Nossa pesquisa parte da análise quali-quantitativa a fim de observarmos as frequências dos dados e, em seguida, vai para a análise qualitativa, para fazermos não só uma interpretação adequada desses dados, mas, também, indicar os contextos de surgimento da modalidade facultativa no português falado na região do Cariri.

Em seguida, dedicamos ao final deste capítulo um momento para a descrição de algumas dificuldades de análise encontradas a fim de auxiliar pesquisas posteriores acerca da modalidade facultativa e sanar dúvidas que tenham surgido durante a execução desta pesquisa.

No capítulo seguinte, passaremos à discussão dos resultados encontrados em nossa pesquisa.

5 ANÁLISE DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS FALADO NO CEARÁ

Neste capítulo, faremos a descrição e análise de aspectos qualitativos e quantitativos relativos à modalidade facultativa no português falado no Ceará a partir da amostra do *corpus* PROFALA.

Partiremos da organização *top down* conforme previsto na GDF com a finalidade de analisar aspectos contextuais, pragmático-discursivos, semânticos e morfossintáticos, de modo que eles sejam vistos de maneira integrada. Nosso intuito é, portanto a compreensão dos processos linguísticos e contextuais para o surgimento da modalidade facultativa no nosso *corpus* por meio da análise da construção do diálogo entre dois falantes (DID) que compõem as entrevistas de nosso banco de dados. Para tanto, buscaremos responder os problemas arrolados em nossa seção introdutória e organizadas no Capítulo 4.

Com base nas 167 ocorrências de modalidade facultativa encontradas em nossa análise faremos o cruzamento de dados obtidos por meio do *software* SPSS⁶³, com o qual pautamos quantitativamente nossos resultados.

5.1 As categorias de análise referentes ao componente contextual

Como vimos, o Componente Contextual é o responsável por descrever empiricamente o que ocorre durante a interação social por meio da linguagem entre os participantes do discurso (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; CONNOLLY, 2014). Desta forma, as categorias verificadas em relação ao Componente Contextual que diz respeito a aspectos extralinguísticos que foram usados a construção do *corpus*: ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’ do falante.

5.1.1 Sexo

A partir da análise das 60 entrevistas escolhidas para a nossa amostra, observamos um total de 167 (cento e sessenta e sete) ocorrências de modalidade facultativa no português falado no Ceará. 85 casos foram produzidos por falantes do sexo masculino e 82 por falantes do sexo feminino, conforme os dados apresentados na Tabela 1.

⁶³ O programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS) para o *Windows* versão 22 foi utilizado para a rodagem dos dados apresentados nesta pesquisa.

Tabela 1 - A modalidade facultativa em relação à categoria ‘sexo’

Sexo	No	Porcentagem
Masculino	85	50,9%
Feminino	82	49,1%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Tal situação nos mostra, portanto, que parece não haver uma especialização no uso da modalidade facultativa relacionada fortemente à categoria sexo, pois a diferença em nossa amostra foi de apenas 1,8%. Entretanto, por estar relacionada a outras categorias de análise, posteriormente iremos identificar se há alguma relação desta categoria com as demais por meio do cruzamento de dados com o auxílio do SPSS.

Inicialmente acreditávamos que a categoria ‘sexo’ não seria relevante para a descrição da modalidade facultativa no português falado no Ceará. Entretanto, parece que, em razão de a distinção entre os sexos nem sempre estar relacionada à gramática da língua e, portanto, não analisável pela GDF. Salientamos, entretanto, a importância desta categoria como potencialmente relevante para a descrição e análise da modalidade facultativa no português falado no Ceará em razão do *corpus* de análise se tratar de uma coleta de inquiridos do tipo DID que teve como base de construção temática os pressupostos da entrevista sociolinguística. Portanto, a maior utilização de um ou outro sexo em relação à modalidade facultativa pode se tornar relevante, como veremos a seguir nas seções que discorrem sobre o cruzamento das categorias de análise.

Concepções como a de El-Hani (1996, p. 154-155), por exemplo, nos mostram que características ambientais ou biológicas podem afetar culturalmente ambos os sexos. Sendo a língua parte da cultura, podemos, então considerar também que ela pode ter aspectos quanto a esta variável:

existem possivelmente características que podem ser explicadas de um ponto de vista exclusivamente biológico ou ambiental, mas estas devem ser consideradas exceções à regra. Nesta perspectiva, a ideia de que é preciso distinguir, na explicação de um traço, entre a influência biológica e cultural parte de uma premissa errônea, na medida em que exclui *a priori* a possibilidade de uma interação de ambos os conjuntos de fatores: a interação entre a biologia e a cultura na constituição das propriedades humanas implica a compreensão de que o produto final do desenvolvimento é caracterizado por propriedades emergentes que não são biológicas *ou* culturais (ambientais), mas biológicas *e* culturais

Isto posto, chegamos à conclusão de que distinções entre os sexos são comumente consideradas gerais. Na verdade, partem não apenas de questões biológicas, mas também culturais, e, sendo assim, podem mudar de acordo com a sociedade. Sendo assim, a categoria sexo (mais especificamente a distinção entre os sexos perante a manifestação da modalidade facultativa), que não se mostrou preponderante para a manifestação da modalidade facultativa neste estudo específico, pode ser um fator relevante para estudos feitos sobre a modalidade facultativa em outros contextos sociais. Observamos, por exemplo, a postura de uma falante (do sexo feminino) em discursos como o apresentado a seguir:

(1) **DOC:** Eh ... a senhora poderia me contar alguma história que lhe despertou um medo, ou uma raiva, como uma briga, uma intriga que já houve com a senhora...
INF: eu lhe conto sim' eu conto que: (+) eu tinha uma criação pra vendê (+) aí eu fui mandei/ queria vendê a criação e: e (+) o meu esposo foi' disse que' vendia mais (+) só vendia se fosse por três e quinhentos (+) aí eu achei muito barato' eu não queria vendê só por três e quinhentos porque não dava pra nada' aí ele foi e começou com uma confusão' dizendo que: se eu não vendesse a criação' do jeito que ele queria' eu também não criava mais' aí eu fui e: **consegui** ateimano mais ele' isso rendeu muito tempo' ele foi e ofereceu a criação' a Antônio de Cumpade Matos (+) aí Antônio veio pra qui:: pro Dom Quintino' e:: encheu a cabeça de cachaça' aí quando chegou em casa' queria brigá comigo por causa da criação' porque ele queria que eu entregasse a criação a ele por três e quinhentos' e eu disse que não entregava' aí ele jurou até de me matá por causa disso (+) aí eu fui e disse pra ele: que se ele: **conseguisse** ajurá o que ia me matá por causa dessa criação' eu ia dá parte dele (...) (MALF1E0-F)⁶⁴

Em (1), encontramos a modalidade facultativa em dois momentos: a primeira, quando ela precisou argumentar com o seu marido e foi capaz de convencê-lo a aumentar o valor de sua criação (“**consegui** ateimano mais ele”) e, num momento posterior, em uma discussão com outro homem por causa desta criação (“se ele: **conseguisse** ajurá o que ia me matá por causa dessa criação' eu ia dá parte dele”). O verbo “conseguir” está marcando a modalidade facultativa, indicando, no primeiro caso, uma habilidade intrínseca dela tanto como participante do estado-de-coisas quanto do discurso. Já no segundo caso, a falante não se inclui neste EC, já que quem teria a capacidade de “jurar” que iria matá-la é o sr. Antonio. Ambos os casos de modalidade mostram a atitude de uma mulher que, dadas as circunstâncias árduas de sua vida, necessita ter muita força de espírito e coragem para lidar com atitudes violentas e alcançar seus objetivos.

Em relação ao sexo masculino, vemos as próprias capacidades e habilidades, de modo que há no enunciado linguístico mostrado uma orientação maior para o autoconhecimento conforme o excerto retirado do nosso *corpus*:

⁶⁴ Reiniciamos a numeração dos exemplos a fim de evitar confusões em relação aos capítulos anteriores.

(2) nós trabalhamos uns dois ano aí eu vendi minha parte do caminhão a ele' aí comprei outro a: outro pra mim só' aí graças a Deus eu levei minha vida' até hoje' **posso** dizê que até hoje' porque ainda hoje possuo um carro' não um /caminhão' né" aí (+) ganhei muito cum o caminhão'(FHRF1E2-M)

Em (2), por meio do verbo 'poder', observamos um caso de modalidade facultativa orientada-para-o-participante, em que o falante se diz dotado da capacidade intrínseca de dizer que ainda não ganhou muito em sua vida por meio de seu ofício, motorista de caminhão, pois ele possui apenas um carro ainda, e não um caminhão.

5.1.2 Idade

Observamos que a modalidade facultativa ocorreu em 47,0% dos casos na faixa etária F2, de adultos com idade entre 25 e 49 anos, conforme a Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 - Distribuição das ocorrências de modalidade facultativa de acordo com a variável 'idade'

Faixa etária	Nº	Porcentagem
F2	80	47,9%
F3	49	29,3%
F1	38	22,8%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

A segunda maior quantidade de ocorrências da modalidade facultativa apareceu na amostra da faixa etária F3, composta pelos entrevistados a partir de 50 anos. Tal grupo demonstra em seu discurso uma fala mais ponderada quanto a modalizar facultativamente o seu discurso.

Por conseguinte, os entrevistados mais jovens (faixa etária F1 – 15 a 24 anos) foram os que menos enunciaram a modalidade facultativa, o que se justifica pelo fato de que eles podem ainda não ter plenas noções de suas habilidades e capacidades, bem como o conhecimento de mundo necessário para identificá-las, além de observar adequadamente noções relacionadas a condições físicas e circunstanciais de eventos.

5.1.3 Escolaridade

Inicialmente poderíamos ter como hipótese que uma maior modalização facultativa na construção do enunciado ocorreria em falantes mais escolarizados, pois o fato de eles terem maior acesso ao conhecimento formal traria-lhes maior conhecimento linguístico acerca de como enunciar as capacidades e habilidades. Entretanto, a realidade observada em nossa amostra foi diferente do hipotetizado, conforme vemos na Tabela 3:

Tabela 3 - A modalidade facultativa em relação à categoria ‘escolaridade’.

Escolaridade	Nº	Porcentagem
E3	47	28,0%
E2	35	21,0%
E4	33	19,8%
E1	30	18,0%
E0	22	13,2%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Ao contrário do esperado, o nível E4, referente a entrevistados com mais de onze anos de escolaridade, obteve somente o terceiro lugar no quantitativo de ocorrências, ficando com 33 casos (19,8% do total). O nível E3 (09 a 11 anos de escolaridade), na realidade, foi o que obteve o maior grau de ocorrências da modalidade facultativa, com 28,0% do total das ocorrências encontradas de modalidade facultativa, sendo seguido pelo nível E2 (05 a 08 anos de escolaridade), com 21% das ocorrências.

Acreditamos que a maior quantidade de ocorrências na categoria E3 modalizando facultativamente seus enunciados, em grande parte, deve-se ao fato de que essa faixa é justamente a que estava numa crescente de atendimento pelo poder público na época da coleta do *corpus*, pois, como nos confirmam Buanain e Maia (2015), houve uma crescente nas matrículas do ensino fundamental entre os anos 1991 e 2010. O grau E2, detentor da segunda maior quantidade de ocorrências (21,0%), nos reforça que os graus intermediários de escolaridade representados pelas faixas E2 e E3, sendo os mais comuns em sociedade, são justamente os que demonstram maior necessidade de enunciar facultativamente capacidades e habilidades.

Os menores índices de modalidade facultativa ficaram reservados para os níveis E1 (18,0%) e E0 (13,2%). Isso era relativamente esperado, pois esses níveis correspondem a entrevistados analfabetos (E0) ou com pouca instrução formal (E1). Como estes falantes

não obtiveram acesso à educação formal por uma série de razões alheias às suas vontades, provavelmente os termos utilizados para modalizarem facultativamente o discurso também ficam naturalmente comprometidos.

Na seção seguinte, trataremos dos resultados encontrados no Componente Gramatical, seguindo a estrutura *top down*, e iniciando a discussão de nossos resultados pelo Nível Interpessoal e, em seguida, passaremos ao Nível Representacional e, por fim, ao Nível Morfossintático.

5.2 As categorias de análise referentes ao nível interpessoal

Como vimos, o foco da GDF está no Componente Gramatical, formado por quatro níveis de organização. Nesta seção, iremos trabalhar os aspectos que dizem respeito ao Nível Interpessoal, mais especificamente às questões pragmático-discursivas das ocorrências encontradas.

Para este nível, foram definidas duas categorias de análise:

- a) O Comportamento / posição do falante (entrevistado), em relação ao tipo de enunciado construído por ele quanto a sua inclusão ou não inclusão no valor facultativo instaurado no discurso;
- b) O tipo de Ilocução usada para a instauração da modalidade facultativa no discurso (declarativa, interrogativa, imperativa ou admirativa).

A importância de analisarmos as ilocuções residem no fato de elas estarem ligadas diretamente às intenções do falante ao modalizar o seu enunciado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p 12). Sendo a Ilocução a segunda camada do Movimento, estando acima somente do Ato Discursivo, faz-se necessário observar de que maneira o falante do português profere seu enunciado que pode ser modalizado facultativamente. Assim, com base em Menezes (2011, 2012), estabelecemos os quatro tipos de ilocuções básicas em português: ‘declarativa’, ‘interrogativa’, ‘imperativa’ e ‘admirativa’.

Entretanto, das 167 ocorrências, observamos que todas as ilocuções encontradas relacionadas ao uso deste tipo de modalidade foram declarativas, pois dizem respeito a determinadas informações do conteúdo proposicional evocadas pelo falante no Conteúdo Comunicado e relatadas ao ouvinte. Sendo assim, a ilocução declarativa como a preferida

pelo falante do Cariri para instaurar a modalidade facultativa em seu discurso, já que foi a única enunciada pelos falantes na amostra.

Quanto ao comportamento / posição do falante, houve uma maior complexidade do que o esperado. Por esse motivo, aprofundamo-nos um pouco mais nela a fim de que possamos identificar o mais adequadamente possível suas particularidades.

5.2.1 Comportamento / posição do falante em relação ao valor facultativo instaurado.

Diante do exposto, passemos para a análise dos dados obtidos quanto ao comportamento do falante frente ao valor facultativa de caráter dicotômico instaurado na construção dos enunciados facultativos encontradas em nosso *corpus*:

Tabela 4 – Comportamento / Posição do falante quanto ao valor facultativo

Tipo de comportamento	Nº	Porcentagem
Inclusivo	96	57,5%
Não inclusivo	71	42,5%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Conforme podemos observar na Tabela 4, a maior parte dos casos de modalidade facultativa encontrados estão relacionados à inclusão (57,5%), o que nos coloca na direção de identificar que tal fato ocorre em virtude de o falante, na maioria das vezes, estar discorrendo em sua entrevista sobre sua vida própria vida, seja pessoal ou profissional, além de assuntos relacionados a sua opinião e, muitas vezes, ele acaba colocando-se como exemplo ou mesmo dizendo o que faria em determinada situação, o que o coloca naturalmente na direção de enunciar sobre capacidades e habilidades que ele possua ou não, de acordo com o seu conhecimento de mundo sobre si mesmo e sobre o outro:

(3) **DOC:** Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades que encontramos em nossas escolas?

INF: agora nas/ nessa época' eu quais quais nem sei respondê por isso' porque eu tô fora da sala de aula né" porque quando a gente tá dentro' a gente sabe' (LMSF3E3-F)

No contexto específico descrito em (3), a entrevistada é questionada quanto as maiores dificuldades encontradas em sua profissão, a de professora. Entretanto, a mesma não se julga habilitada o suficiente para responder com clareza tal pergunta, pois está

afastada há muito tempo da sala de aula, indicando que ela não teria essa capacidade. Caso semelhante observamos em (4) no qual a informante relata uma experiência pessoal de uma doença e o seu receio em não ter a capacidade de ser mãe:

(4) que ficou pregado nessa bexiga d'água' nesse cisto' e o ôto também tinha/ tinha também uns problema e ele cortô um pedaço' aí eu só fiquei com um pedaço de um ovário' aí eu tinha muito medo de num **puê** tê filho purisso' mais graças a Deus' depois queu casei' (+) tive meus filho tudo normal' (FBOF2E4-F)

O verbo 'poder' marca a modalidade facultativa, a inf por meio do qual a informante mostra o seu receio de ter adquirido a incapacidade de ser mãe em virtude de uma doença anterior. Entretanto, tal situação não se mostrou real, em que ela estava intrinsecamente dotada da capacidade de ter filhos.

Inicialmente identificamos como parâmetro de inclusão do falante no valor facultativo instaurado o fato de o falante enunciar sobre si mesmo, alguma capacidade ou habilidade que ele possua ou não:

(5) mas *eu*⁶⁵ num **puia** fazê o que eu faço hoje' *eu* não **puia** ajudá minha família' num era'' e hoje eu tenho condições pra tudo' **eu tenho condições de** vivê' (ALAF3E2-F)

Em (5), por exemplo, a falante relata uma situação em que a mesma adquiriu a capacidade de poder ajudar sua família, comparando sua ausência de capacidade anterior com o tempo atual, em que ela pode se dizer "com condições para tudo". Neste caso, temos marcado, tanto semanticamente quanto morfológicamente a inclusão da falante, pois além de o verbo estar na primeira pessoa do singular, ela enuncia claramente o pronome de primeira pessoa 'eu' quatro vezes, o que deixa bem clara a sua inclusão.

Seguindo este raciocínio, a não-inclusão poderia ser considerada na medida em que o falante está se pronunciando sobre outras pessoas ou situações que não estejam relacionadas a si mesmo:

(6) essas iscola oferece condições e também tem o: meio de TRANSPORTE que **pode** levá as pessoas também pra cidade mas só quando tá im: (+) mais em alto nívi, (IGAF2E1-M)

⁶⁵ Para uma melhor compreensão, estamos marcando a modalidade facultativa em negrito e as marcas de inclusão do falante no valor facultativo instaurado em negrito e itálico.

No excerto acima, percebemos que o falante está claramente tratando de uma condição específica natural de um meio de transporte (3ª pessoa), o que nos fez optar por ‘não-inclusão’, pois há uma terceira pessoa especificada em sua fala, no caso, o meio de transporte, responsável por levar as pessoas ‘para a cidade’.

Entretanto, há determinados momentos em que o falante pode utilizar-se de uma série de recursos que, a priori, nos fariam crer que ele não estaria propriamente se incluindo, mas, na realidade, ele indiretamente é parte daquilo que está sendo construído, tendo em vista a noção semântica de pertencimento a um conjunto. Vejamos:

(7) **DOC:** Eh, você acha que a mulher deve trabalhar fora de casa, ou só ficar em casa?

INF: depende das condições’ (por exemplo) se a pessoa fô mo:ça’ é bo:m a pessoa arrumar um empre:go (+) trabalhá fo:ra (+) e: (+) tê uma vida BE:M (+) feliz’ **ninguém** nem **sabe** dizê como foi (+) essa morte dele porque: (+) imeDIA:TO ele morre:u’ no mesmo DI:A que (+) que aconteceu (+) o problema com Ele ele morreu, (ILOF1E1-F)

No exemplo (7), a entrevistada está relatando o caso ocorrido com o seu noivo, que faleceu há alguns anos atrás e ninguém soube explicar exatamente o que havia acontecido com ele. Nesse caso, o pronome indefinido ‘ninguém’, embora seja um elemento que a exclua à primeira vista, já que, segundo os dicionários⁶⁶, o pronome em questão significa “nenhuma pessoa”, indiretamente a falante acaba se incluindo ao enunciá-lo, como em (7), no âmbito das pessoas, por exemplo, que *não sabiam dizer* como foi a morte de seu noivo.

Sendo assim, observamos que havia nos enunciados escolhidos para esta amostra uma determinada escala que iria da total inclusão do falante no valor instaurado perante à modalidade facultativa até a sua total exclusão, passando pela inclusão indireta, que seria o valor intermediário entre a inclusão e a exclusão do falante perante o valor facultativo instaurado no discurso. Tal escala poderia ser assemelhada às pessoas do discurso, em que o valor de inclusão total do falante como o parâmetro [+inclusivo], correspondente à primeira pessoa (eu/nós). O valor diametralmente oposto a ele seria a total exclusão e, para este, consideramos o padrão [não inclusivo], correspondente à terceira pessoa do discurso. Entre eles, encontramos ainda um parâmetro intermediário, o [±inclusivo], justamente onde podemos encontrar a gradação de inclusão do falante.

⁶⁶ Cf. Ferreira (2010, p. 1468)

Para identificarmos essa categoria de análise, observamos aspectos semânticos e morfológicos que dizem respeito à inclusão do falante no valor facultativo enunciado. Sendo assim, analisamos, prioritariamente, a relação dos pronomes encontrados em nossa amostra, pois eles identificam diretamente quem são as pessoas do discurso, tradicionalmente tidas como o interlocutor (a primeira pessoa, o falante), o alocutor (a segunda pessoa) e o objeto, aquilo de que se fala (terceira pessoa) (DUBOIS *et al.*, 2014, p. 436).

Dessa forma, ao analisar o pronome e a maneira pela qual ele concorda com o verbo, entramos não apenas na questão morfossintática, mas também semântica, na medida em que “do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam dêixis (“o apontar para”), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, como determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto (...) (BECHARA, 2015, p. 170).

Nossa escala para o comportamento / posição do falante inicia-se, portanto, pela total inclusão do falante na modalidade facultativa enunciada para a construção discursiva, com a utilização de verbos na primeira pessoa do singular, sendo explicitado ou não a incidência do pronome pessoal reto “eu”:

(8) **DOC:** E hoje em dia, o senhor ainda trabalha na roça?

INF: não' hoje eu num trabalho mais na roça' porque (incompreensível) ((ri))
falá ôtra vez o problema da vista' **eu não tenho condição de** trabalhá na roça'
mais tem irmão/ um irmão que traba:lha' (MBSF2E3-M)

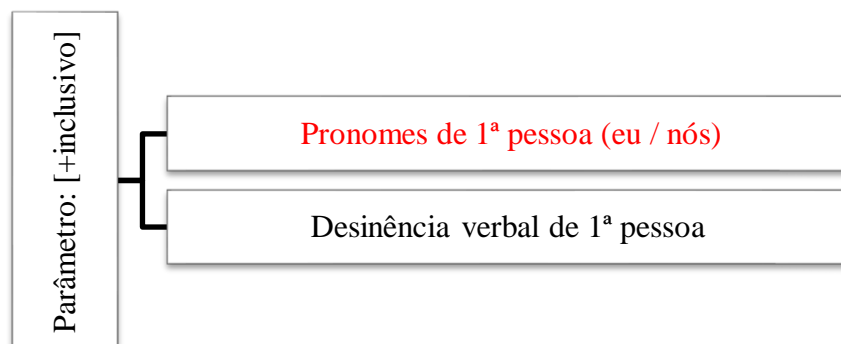
Neste caso, podemos observar tanto a inclusão morfológica quanto semântica tanto com o pronome reto quanto pela flexão verbal na primeira pessoa do singular. O mesmo acontece quando o falante inclui a si mesmo e outras pessoas, como por exemplo quando ele utiliza “nós” ou “a gente”:

(9) ispero que nesse ano dois mil' eu consiga realizá ((em baixo tom de voz))
muitos sonhos e muitas alegrias não só pra mim como toda minha/ com/ como
todos meus familiares (+) daqui da comunidade' que eu acho que: se a gente: se
reuní' sermos ma:is amigos e mais um pôco **IRMÃO' a gente podemos consiguí**
fazê o mundo muito melhor, (JEBBF2E2-F)

Em (9), o falante, por diversas vezes, inclui-se diretamente ao relatar os seus desejos para o ano que então se inicia e, além disso, dá sua opinião de como pode-se fazer para que todos, incluindo ela mesma, adquiram a habilidade de fazer um mundo melhor. Temos essa marca não apenas nos verbos em primeira pessoa do plural (“podemos”), mas

também com o termo “a gente”, que neste caso inclui ele próprio e todos os familiares da sua comunidade, a quem ele deseja alegrias e realização de sonhos. Com isso já podemos indicar uma escala inicial do parâmetro [+inclusivo], que traz em si a total inclusão do falante:

Figura 6- Parâmetro [+inclusivo] para a posição do falante no valor instaurado pela modalidade facultativa no corpus



Fonte: a própria autora.

Seguindo nossa análise, numa escala um pouco mais afastada em relação ao parâmetro [+inclusivo], encontramos termos genéricos, como coletivos e pronomes indefinidos, que podem englobar indiretamente o falante, na medida em que, à primeira vista, parece mostrar uma não inclusão do falante, mas que, na verdade, dada a natureza geral e inespecífica do termo utilizado, o falante inclui-se indiretamente por meio de recursos semânticos, como por exemplo a hiperonímia e a utilização de pronomes indefinidos ou com certos substantivos, como “pessoa” e “gente”, como a seguir:

(10) a pessoa que lê bastante/ você aprende a escrever e: expôr seus pensamentos’
 porque muita gente tem medo de de: (+) colocá o que tá sentino’ o que tá passano
 (+) pro papel’ *todo mundo* tem **capacidade** pra isso’ *todo mundo* né’ agora (+)
 basta querer’(ABRFIE1-M)

No excerto (10), observamos o termo “todo mundo” referindo-se de maneira bem genérica a todos os seres humanos, que seriam dotados naturalmente da capacidade de expressar seus sentimentos através da escrita. Nesse sentido, o falante em questão acaba incluindo-se implicitamente no que está dizendo, mesmo que indiretamente, pois embora ele não fale necessariamente de si, ele generaliza com o termo hiperonímico “todo mundo”.

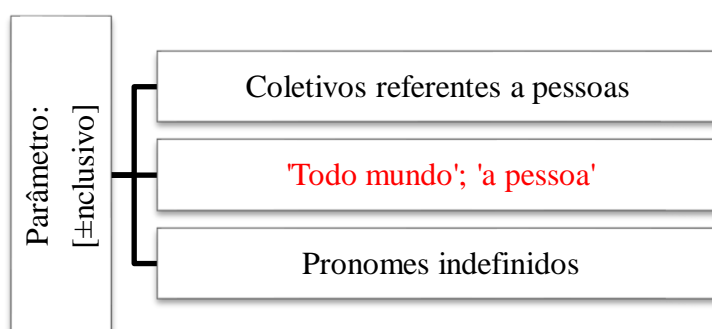
O caso de “ninguém”, já tratado brevemente, poderia ser incluído neste mesmo tipo de parâmetro, pois, dada a sua noção de negar as pessoas, o falante acaba incluindo-se indiretamente no âmbito das pessoas que não teriam aquela determinada capacidade / habilidade relatada em seu enunciado:

(11) eu observano' que aquelas pessoas não foram atrás do certificado exatamente porque estavam numa profissão (+) suPERiô (+) ao nível do conhecimento que eles adquiriram na faculdade' então eles estavam ganhando muito/ estavam ganhando mu:ito mais' e: aquele certificado era um papel que simplesmente pra dizê que a pessoa tava num nível superiô' que hoje na realidade' **vo:cê**: muitas vezes é valori/ valorizado simplesmente pelo u:m (+) pelo um curso que você tem' né" se você tem nível superiô' você é visado de uma maneira diferente' se você tem um curso secundário a sua/ a a: visão é completamente diferente' num resta dúvida disso' isso daí **ninguém pode** tirá da cabeça de ninguém' né" (JAFF2E3-M)

Além do termo em questão, há diretamente nesta ocorrência a presença de um outro termo específico, o “você”, que não quer dizer especificamente uma ‘segunda pessoa’, ‘com quem se fala’, mas sim uma pessoa genérica, que pode até mesmo ser o falante indiretamente, de modo que ele signifique ‘qualquer pessoa’, já que está sendo feito neste momento um quadro hipotético de uma situação verossímil, ou seja, passível de ocorrer na realidade, mas não necessariamente presenciada pelo falante.

Diante disso, podemos galgar o degrau seguinte na escala de inclusão, tendo agora o parâmetro [\pm inclusivo], mais neutro, que traria em si as marcas referentes a pronomes indefinidos e coletivos genéricos referentes a pessoas, como na Figura 7:

Figura 7 - Parâmetro [\pm inclusivo]



Fonte: a própria autora.

Observamos que dizer simplesmente que o parâmetro [\pm inclusivo] poderia tornar-se um tanto conflituoso, pois, conforme nossa análise, vimos que os pronomes

indefinidos e os termos coletivos podem estar incluídos neste paradigma, afinal, ao mesmo tempo em que, à primeira vista, os enunciados aparentavam ser não inclusivos, poderiam corresponder a um caso de inclusão indireta. Por esse motivo, escolhemos para situações como esta o parâmetro [\pm inclusivo], pois está no interregno entre o parâmetro [+inclusivo] e o [não inclusivo].

Por fim, a identificação da não-inclusão total do falante [não-inclusivo] no valor facultativo instaurado no discurso se dá quando não há nenhum outro elemento possível que possa ligar o falante a estado-de-coisas que ele está enunciando, como por exemplo quando há explicitamente a presença de uma terceira pessoa citada diretamente, em que o falante pode falar acerca de uma terceira pessoa ou até mesmo fazer uma generalização. Vejamos:

(12) **DOC:** Você acha justo que o pai seja o chefe da família?

INF: a:cho (+) u:m um BO:M o pai sê o chefe da família' porque: *ele sabe* como: dirigí uma família: mais ou menos (+) PERFEITA, (ERSF1E1-M)

O exemplo (12) nos traz uma classificação genérica dos sintagmas nominais. Como o informante e o documentador estão falando sobre família, segundo a opinião do entrevistado, 'o pai', semanticamente genérico, saberia naturalmente conduzir uma família da melhor forma possível somente pelo fato de ele ser o pai naquele lar. Entretanto, não há nenhuma indicação de que ele seja pai, ou mesmo que ele seja a pessoa responsável por dirigir uma família.

Outro caso em que pode ocorrer a não inclusão do falante é nas situações que dizem respeito à modalidade facultativa orientada-para-o-evento, em que há comumente a presença de construções impessoais ou com o 'se':

(13) não *se poderia*' imaginá pô hipótese alguma' que *se consiga* atingí um nível de formação' um nível de graduação melhó' um nível de desenvolvimento' se num houvesse um investimento' (+) na educação pública,(JNSF3E4-M)

Ainda que nosso ponto de vista tenha sido dicotômico a princípio, na análise qualitativa, percebemos um *continuum* para o comportamento do falante em relação ao valor facultativo instaurado no discurso, podendo ser assim considerado:

Quadro 9 - Parâmetros da posição do falante no valor facultativo instaurado

(continua)

<i>Parâmetro de inclusão</i>		
[+inclusivo]	[±inclusivo]	[não inclusivo]
<ul style="list-style-type: none"> • Pronomes pessoais utilizados na 1ª pessoa (eu; nós, a gente); • Verbos na 1ª pessoa; • Inclusão morfológica e semântica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pronomes indefinidos (ex. ninguém, alguém, etc.); • Coletivos e termos que se referem a pessoas em geral: o povo, as pessoas, todo mundo, etc.; • Inclusão semântica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pronomes pessoais utilizados na 2ª 3ª pessoas quando explicitados diretamente; • Construções impessoais e orações sem sujeito; • Pronomes reflexivos; • Exclusão marcada semântica e morfológica.

Fonte: a própria autora.

Diante do exposto, pudemos observar, portanto, a necessidade de redefinição dos parâmetros para a consideração do comportamento / posição do falante diante do valor facultativo instaurado na fala do português do Ceará que, conforme analisado, obteve como resultado um maior padrão de inclusão do falante no discurso. Tal fato, portanto, poderá ser relevante para a descrição e análise das categorias seguintes de análise, referentes ao Nível Representacional.

5.3 As categorias de análise referentes ao nível representacional

O Nível Representacional diz respeito às questões semânticas das expressões linguísticas, além de encontrarmos os operadores que marcam a modalidade facultativa, conforme nos explica Hengeveld e Mackenzie (2008). Por este motivo, estabelecemos as seguintes categorias de análise:

a) As condições de realidade:

i. *Realis*;

ii. *Irrealis*.

b) O alvo da modalidade facultativa: orientação para-o-evento ou para-o-participante;

c) Os subtipos de modalidade facultativa orientada-para-o-evento:

i. As condições físicas;

- ii. As condições circunstanciais;
- d) Os subtipos de modalidade facultativa orientada-para-o-participante, referindo-se a habilidades e capacidades:
 - i. Intrínsecas ('ser capaz de');
 - ii. Adquiridas ('saber como').
- e) A tipologia dos estados-de-coisas referentes à instauração da modalidade facultativa, com relação aos parâmetros [\pm dinâmico] e [\pm controle]:
 - i. Estado;
 - ii. Posição;
 - iii. Processo;
 - iv. Ação;
- f) A polaridade do valor facultativo instaurado:
 - i. Positiva;
 - ii. Negativa.

5.3.1 Condições de realidade relacionadas à modalidade facultativa no português falado no Ceará

Um dos fatores que intervém diretamente na instauração da modalidade facultativa no português falado no Ceará são os que dizem respeito à questão das condições de realidade ou não realidade num determinado estado-de-coisas dentro do mundo construído pela situação de fala, de modo que aquele determinado enunciado facultativamente modalizado poderia indicar uma ou outra condição de realidade, ou seja, a condição *realis*, voltada para o enunciado realizado, ou a *irrealis*, correspondente a situações não realizadas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 165). Conforme podemos observar, a condição *realis* foi bem mais recorrente que a *irrealis*, obtendo um total de 75,4% da preferência dos entrevistados

Tabela 5- Condições de realidade na construção da modalidade facultativa no português falado no Cariri

Condição	Nº	Porcentagem
<i>Realis</i>	146	75,4%
<i>Irrealis</i>	41	24,6%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Atribuimos tal fato em virtude de a modalidade facultativa instaurar-se enquanto orientada-para-o-participante e para-o-evento, o que proporciona um julgamento do falante sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo acerca da enumeração de capacidades e habilidades. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 154), a distinção entre as condições *realis* e *irrealis* são obtidas na camada da modalidade facultativa orientada-para-o-evento. Além disso, a distinção pode ser obscurecida pelos tempos verbais utilizados, de modo que a categoria *realis*, geralmente utiliza-se de verbos no presente e no pretérito para indicar que determinado evento é realizado, e a *irrealis*, por sua vez, indica o campo do vir-a-ser, das possibilidades, em que geralmente cabe o tempo futuro:

(14) **DOC:** Você seria um médico caridoso?

INF: com certeza' com certeza eu seria' porque: eu não sô: assim de classe média' eu sô de CLA:sse:: baixa' então' como eu sô de classe baixa' eu também **poderia** compreendê o que as ôtras pessoas da classe bai/ da classe baixa também passam, (JBXF1E3-M)

Em (14), observamos que a utilização do verbo “poder” nos traz uma situação hipotética em relação ao falante, pois sua declaração é uma resposta a um sentimento que ele, caso se tornasse médico seria passível de ter. No entanto, como no mundo real esse fato ainda não existe, o falante em questão coloca o EC numa posição *irrealis* e faz seus julgamentos de valor acerca de suas capacidades com base em sua experiência de vida até aquele momento, utilizando, para isso, o verbo no futuro do pretérito, “usado para expressar um evento que poderia ocorrer sob certas condições (expressas ou subentendidas). O condicional [futuro do pretérito] nesses casos, em geral, se interpreta como contendo uma afirmação não factual” (PERINI, 2016, p. 323). Ou seja: a partir do momento em que obtemos uma conjuntura de eventos que não estão no campo da realidade, e sim das possibilidades de acontecer devido a circunstâncias específicas, obtemos uma condição *irrealis*.

Em relação à condição *realis*, temos a relação do que está sendo dito com fatos, ou seja, com ações que ocorreram ou estão ocorrendo:

(15) **DOC:** Quer dizer em relação aos grandes centros nós aqui no Nordeste, especificamente aqui na Santa Fé, nós vivemos num paraíso.

INF: graças a Deus' até hoje **pudemo** dizê' num sei do amanhã ou depois' né" (FHRF3E2-M)

A situação exposta em (15) nos mostra uma ação que o falante sente-se capaz, ou seja, dizer que o local onde ele mora pode ser considerado um paraíso, pelo menos até o

momento presente de sua enunciação, pois como ele demonstra não saber do futuro, automaticamente ele não se mostra capaz de fazer nenhum juízo de valor sobre eventos futuros que possam ocorrer na localidade onde mora.

Sendo assim, observamos que, ao enunciar a modalidade facultativa, grande parte dos entrevistados dão preferência o modo *realis*, uma vez que eles estão no seu campo de conhecimento de mundo e, portanto, podem indicar capacidades e habilidades que eles possuam, não possuam ou tenham a possibilidade/desejo de adquirir:

(16) **DOC:** Você acha que esse ano o inverno vai ser bom?

INF: espero que se:já' porque: se não fo:r bom' aí a situação fica um pouco crítica' né" porque: nós **podemos** dizê que aqui é (+) é nosso ganha pão aqui essa te:rra' se não houver um bom inverno' nós não **podemos** (+) fazê outro tipo de: negócio' (ERSF1E1-M)

Em (16), encontramos aspectos dos dois modos, tanto o *realis* quanto o *irrealis*: o primeiro encontramos no trecho “nós poder dizê(r) que aqui é nosso ganha pão”, em que observamos o tempo presente sendo relatado exatamente de acordo com o momento contínuo que o falante enuncia seu discurso. Já em “nós não podemos fazê(r) outro tipo de negócio”, o entrevistado faz um julgamento não necessariamente de como será o inverno, mas sim das possíveis consequências de um inverno ruim não apenas para si mesmo, mas para toda a população de sua região, na qual ele se inclui através da generalização em primeira pessoa do plural (“nós”). Sendo assim, o seu conhecimento de mundo é o que proporciona a instauração da modalidade facultativa, de modo que ela ocorre sobre o que ele e outras pessoas em sua situação são capazes: dizer que o sustento deles vêm da terra (“nós **podemos** dizê que aqui é (+) é nosso ganha pão aqui essa te:rra”) e que eles não saberiam fazer outro tipo de trabalho para se sustentarem (“ nós não **podemos** (+) fazê outro tipo de: negócio”). A condição *irrealis*, neste caso, viria da situação imaginada de que, caso não haja chuva, a consequência disso seria uma crise financeira na região, pois, segundo o falante, as pessoas da região não poderiam, ou seja, não seriam capazes de fazer outro tipo de negócio. A particularidade deste caso nos mostra um exemplo de como o tempo presente pode ser mostrado como integrante do modo *irrealis*, sendo apresentado num “encapsulamento”, mas que na realidade mostra-se em um tempo futuro, neste caso, um futuro condicional. Por isso, ressaltamos a importância de se observar não apenas os tempos verbais para definirmos as condições de realidade, mas também todo o contexto das ocorrências encontradas a fim de que possamos fazer uma descrição e análise do português falado no Ceará.

5.3.2 O alvo da avaliação modal

Segundo a GDF, o parâmetro do alvo nos permite fazer três subdivisões para a avaliação modal: (i) orientada-para-o-participante; (ii) orientada-para-o-evento; (iii) orientada-para-a-proposição. Destas três perspectivas, a modalidade facultativa foi encontrada, conforme o previsto em Hengeveld e Mackenzie (2008), orientação tanto para-o-evento quanto para-o-participante.

Sendo o Alvo da modalidade facultativa o nosso segundo parâmetro de análise para o Nível Representacional, verificamos que, das 167 ocorrências encontradas de nossa categoria em estudo, a grande maioria foi orientada-para-o-participante, conforme a vemos na Tabela 6:

Tabela 6 - Alvo da modalidade facultativa

Alvo	Nº	Porcentagem
Orientado-para-o-participante	163	97,6%
Orientado-para-o-evento	4	2,4%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Em mais de 97% dos casos de modalidade facultativa, identificamos a orientação para-o-participante. Isso se deve, sobretudo, ao fato de o falante discorrer acerca de capacidades e habilidades referentes a si mesmo ou a outra pessoa, dado o *corpus* escolhido ser composto em sua totalidade por entrevistas, um gênero textual “que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2003, p. 22-23)⁶⁷, ou seja, caracterizando a entrevista como um evento comunicativo entre, no mínimo, duas pessoas, em que uma assume o papel de entrevistador, aquele que irá fazer as perguntas e deseja saber acerca do outro, que assume a função de entrevistado, o que irá responder as perguntas feitas pelo outro e dá continuidade à comunicação. Além disso os temas das entrevistas escolhidas giram basicamente em torno da vida pessoal dos entrevistados: eles relatam, em sua maior parte, eventos ocorridos em sua infância ou passado recente, além da opinião deles em torno de assuntos como política, religião, opiniões gerais sobre a localidade onde moram e planos para o futuro, o que proporciona uma

⁶⁷ Grifos do autor

tendência maior dos entrevistados nesta amostra em introduzirem em seus discursos primordialmente a modalidade facultativa orientada para o participante.

A partir do momento em que inserimos os parâmetros de inclusão do discurso em nossa pesquisa, observados na seção anterior, vimos que termos como “todo mundo”, “ninguém” e afins, são parte do parâmetro [\pm inclusivo], em que há uma inclusão indireta do falante no discurso. Por esse motivo, consideramos estes casos como orientados-para-o-participante, e que há a descrição de habilidades e capacidades de um participante em se envolver num estado-de-coisas designado pelo predicado.⁶⁸

5.3.2.1 A modalidade facultativa orientada-para-o-evento

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008. p. 175), a modalidade facultativa orientada-para-o-evento descreve o estado-de-coisas enquanto condições físicas ou circunstanciais de ocorrência. Conforme observamos na Tabela 6, tivemos apenas quatro casos de modalidade facultativa orientada-para-o-evento, o que represente 2,4% dos dados. Entretanto, acreditamos ser necessário discorrer acerca de ne nos ambientarmos acerca da categoria em questão e fazermos a sua distinção com a modalidade facultativa orientada-para-o-participante.

Essa categoria modal, ao caracterizar o estado-de-coisas, pode trazer para si feições relacionadas a condições físicas ou circunstâncias para a sua realização. (no caso em questão, a circunstância de “atingir um nível de formação”). Desta forma, a fim de identificarmos aspectos desta orientação da modalidade facultativa no português usado na região do Cariri, consideramos como condições físicas aquelas ligadas diretamente à caracterização do estado-de-coisas em relação a aptidões físicas, como por exemplo volume, espaço, medidas em geral, força física e outros pontos que possam se relacionar a características físicas descritas por este estado-de-coisas. As condições circunstanciais, por sua vez, estariam mais ligadas não a características físicas de um objeto, mas sim a situações relativas ao momento relatado neste estado-de-coisas. Sendo assim, as circunstâncias relacionadas ao tempo e a circunstâncias específicas estariam prioritariamente ligadas à modalidade facultativa orientada-para-o-evento, conforme o exemplo (18), mostrado a

⁶⁸ Hngeveld (2004) e Hengeveld e Mackenzie (2008) fazem referência a “*um participante*”, generalizando-o. Tomamos esta noção como pressuposto para a inserção dos enunciados identificados como sendo do parâmetro [\pm inclusivo] como orientados-para-o-participante. Entretanto, é possível pensar que em participantes do tipo genérico, a leitura que se faça seria de modalidade facultativa orientada-para-o-evento.

seguir. Vale ressaltar, entretanto, que em nossa amostra escolhida para esta pesquisa não encontramos nenhum caso de modalidade facultativa orientada para o evento ligada a condições físicas, o que não quer dizer necessariamente que a modalidade facultativa orientada-para-o-evento ocorra ligada apenas a condições circunstanciais.

Sendo a modalidade orientada para o evento aquela que busca descrever o evento, sem que haja necessariamente a responsabilidade do falante acerca do que está sendo dito, quando em sua expressão facultativa ela demonstra não habilidades ou capacidades de um participante determinado, mas sim uma série de circunstâncias do estado-de-coisas que podem propiciar física ou circunstancialmente a sua ocorrência. Justamente por esse motivo, geralmente, a modalidade facultativa orientada para o evento é comumente identificada em construções impessoais, como no exemplo a seguir:

(17) não **se poderia** 'imaginá pô hipótese alguma' que **se consiga** atingí um nível de formação' um nível de graduação melhó' um nível de desenvolvimento' se num houvesse um investimento' (+) na educação pública, (JNSF3E4-M)

Neste caso, a utilização do “se” traz ao enunciado a modalidade facultativa orientada para o evento, de modo que não há diretamente a indicação de quem irá “atingir um nível de formação”. Dessa forma, não há necessariamente um participante, mas sim uma circunstância específica em que haveria um evento, a melhoria do “nível de formação”, que teria como requisito o investimento da educação pública.

Por fim, ressaltamos novamente que um dos fatores pelos quais provavelmente não encontramos nenhum destes caso pode estar relacionado ao gênero textual utilizado, havendo a possibilidade de a modalidade facultativa orientada-para-o-evento em condições físicas ocorrer em outras situações comunicativas, dada a dinamicidade da língua.

5.3.2.2 *A modalidade facultativa orientada-para-o-participante*

A modalidade facultativa orientada-para-o-participante, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 212), descreve a habilidade de um participante em se engajar no estado-de-coisas descrito no predicado, podendo haver, ainda, a distinção destas habilidades em intrínsecas ou adquiridas.

Em conformidade com a Tabela 6, das 167 ocorrências encontradas de modalidade facultativa em nossa pesquisa, 97,6% do total teve como alvo a orientação para-o-participante. Isso mostra que, no português brasileiro falado no Ceará, a maior parte dos

enunciados facultativamente modalizados apresentam-se prioritariamente orientados-para-o-participante, de modo que o falante, ao emitir o seu juízo de valor, incida suas concepções acerca do Participante do Discurso, sendo ele mesmo ou outra pessoa, a fim de que ele seja considerado naturalmente dotado de determinadas habilidades (modalidade facultativa intrínseca, a qual diz respeito ao participante ser capaz de alguma coisa), ou mesmo alguma habilidade/capacidade que ele não tenha inata, mas aprendeu no decorrer de experiências que ele teve no decorrer de sua vida, configurando-se, assim, a modalidade facultativa adquirida, conforme constatamos na Tabela 7:

Tabela 7 - Modalidade facultativa orientada-para-o-participante⁶⁹

Subtipo	Nº	%
Adquirida	104	63,8%
Intrínseca	59	36,1%
Total	163	100%

Fonte: adaptada do SPSS com base nas análises da autora.

Dos 163 casos encontrados de modalidade facultativa orientada-para-o-participante, constatamos uma predileção do falante cariense em utilizar o subtipo ‘adquirida’ voltado, sobretudo, para capacidades adquiridas. Assim, em mais de 62% dos casos, os falantes deram predileção, em suas construções modalizadas facultativamente, a relatarem suas habilidades aprendidas ao longo do tempo, de sorte que as capacidades intrínsecas apareceram em 35,3% do total. Esta situação observada nos resultados nos faz crer que os falantes possuem mais apreço ao que é vivido, ou seja, ao que é alcançado por meio do esforço de aprender determinada habilidade.

Considerando, como já relatado, que os temas das entrevistas giravam em torno de fatos ocorridos com os entrevistados, percebemos uma maior inclinação destes em relatar suas experiências de vida e em adquirir determinada(s) habilidade(s), ou mesmo como ainda não adquiridas, mas esperadas. Vejamos:

(18) (...) a saúde precisa de médicos ma:is ((barulho de carro)) educados’ que **saibam** intendê o povo’ (incompreensível) procurem ma:is (+) compreendê-los e cheguem pontualmente, (JBXF1E3-M)

⁶⁹ 4 casos que não se aplicam a este quadro são referentes à modalidade facultativa orientada-para-o-evento, já discutidos na seção anterior.

No exemplo (18), o falante nos traz um contexto de modalidade facultativa orientada-para-o-participante em que os médicos precisam adquirir a capacidade de entender a população para prestarem um bom serviço por meio de uma série de pre-requisitos, entre eles a ‘educação’ e a ‘pontualidade’, trazendo, assim, a modalidade facultativa adquirida, em que o participante do EC (os médicos mais educados), com isso, saiba como proceder para ser um bom profissional.

De maneira distinta a modalidade facultativa orientada-para-o-participante intrínseca se apresenta, conforme mostrado no exemplo (20):

(19) Se a gente fô pensa só nas coisas ruins a gente fica cada veiz mais frustrada’ arrente num faiz nada da vida como’ antigamente’ eu queria fica era intocada dentro de um canto’ num queria saí de jeito niu pra mim mia vida tia acabado ali mais eu vi qe () que o que eu **pude** fazê puréla eu já fiz e o que ela já **pôde** fazê por mim ela já feiz’ agora cabe a mim fazê o resto da tarefa que me cobe’ que Deus é determinô prá mim’ que é vivê ainda nesse mundo cuidando ainda de mña irmã taveiz até ((ri)) é dos filho dela quando ela casá’ né’ (MLAF2E4-F)

No excerto (19), vemos dois casos de modalidade facultativa, respectivamente em “eu pude” e “ela já pôde”, nos quais as participantes do EC (a própria falante e sua tia, falecida em um momento anterior ao da entrevista) mostram-se intrinsecamente dotadas da capacidade de se ajudarem mutuamente enquanto estavam próximas uma da outra. Ao iniciar o seu enunciado, a entrevistada mostra uma certa tristeza por ter perdido a sua preceptora, mas, a partir do momento em que ela demonstra ter a consciência de que foi capaz de fazer tudo o que estava ao seu alcance por ela e vice-versa, mostra-se dotada da capacidade de seguir com sua vida e continuar com o legado das ações de sua tia.

Assim, a modalidade facultativa orientada-para-o-participante foi encontrada e caracterizada em nossa amostra, tanto em capacidades intrínsecas quanto adquiridas. Observamos, no entanto, que uma parte significativa dos casos encontrados esteve presente em contextos negativos, que induziriam tanto a uma leitura de incapacidade quanto de capacidades ainda não adquiridas. Por esse motivo, dedicamos uma seção específica para falar acerca da polaridade no contexto dos casos encontrados de modalidade facultativa.

5.3.2.3 Polaridade

Durante a análise das ocorrências, um fator que nos chamou atenção foi a relação entre a polaridade e a modalidade facultativa. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 178), a polaridade é um dos operadores na camada dos estados-de-coisas, em que, quando

há o valor positivo é considerado não marcado, ao passo que o valor negativo possui a marcação. Segundo Cavassin (1993, p. 01), *não* é o operador negativo por excelência, de forma tal que ele é capaz de ser a única palavra que responda negativamente uma pergunta.

A partir do momento em que uma pessoa fala acerca de si, incluindo sua vida e eventos ocorridos consigo ou mesmo acerca de outros, observamos que ela pode destacar capacidades das quais seja naturalmente dotada, habilidades que tenham sido adquiridas durante sua vida, ou mesmo capacidades e habilidades que ela não tenha, apesar de que a polaridade positiva se apresente em 55,1% dos casos e a negativa em 44,9%, conforme nos mostra a Tabela 8:

Tabela 8 - Polaridade do valor facultativo instaurado no discurso

Polaridade	Nº	%
Positiva	92	55,1%
Negativa	75	44,9%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

De acordo com a Tabela 8, embora a maior parte dos casos de modalidade facultativa estejam inseridos na polaridade positiva, uma quantidade significativa destes (44,9%) estavam tratando da incapacidade ou habilidades ainda não adquiridas. Assim, observamos se havia algum indício de termo específico para a incapacidade no português brasileiro, dado que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 212), algumas línguas, como o turco por exemplo, possuem uma categoria separada para a incapacidade. No português brasileiro falado no Ceará, a noção de incapacidade é marcada com a negação da modalidade facultativa, em que um dos termos mais comuns encontrados diz respeito a “não saber”, “não ter condições”, “não poder” e “não conseguir”:

(20) **DOC:** Os olhos dela são bonitos?

INF: é boni:to, mas (+) mas (+) matô três mari:do" (+) ((fala rapidamente)) como foi que ela matô os home"

DOC: Seu R. eu nem sei...

INF: num sabe não, a senhora **não pode** sabê' (+) a senhora num tava lá com e:la,

DOC: É.

INF: é: a senhora **num sabe não**, ((fala baixinho)) (54m)

O trecho em questão mostra dois casos em que há a presença de modalidade facultativa adquirida. Num primeiro momento, há uma incerteza por parte do entrevistado se a documentadora sabia que uma vizinha dele havia “matado três maridos”, informando que ela não seria capaz de saber, justamente por “não estar lá com ela”. Ou seja, o conteúdo

proposicional factual colocado pelo informante de que sua vizinha teria sido viúva três vezes é demonstrado facultativamente modalizado em virtude de ele considerar que a documentadora não seria capaz de saber justamente porque ela não havia presenciado o fato. Após a confirmação da documentadora, o informante, então, reafirma também o seu julgamento inicial e enuncia com a certeza de quem fez um julgamento acertado de que ela (a entrevistadora) não tinha conhecimento do fato que está sendo colocado em pauta neste diálogo, portanto, “não sabia” do fato em questão, caracterizando-se, assim, num caso de modalidade facultativa adquirida em que a habilidade ainda não havia sido obtida.

Vejamos também o seguinte caso, em que há um exemplo de modalidade facultativa intrínseca indicando incapacidade:

(21) **DOC:** Eu não assisto novela não dona O.

INF: assiste não” tem outro também na novela que a mulhé peleja pra ele/ pra ele/ pra vive cum ele e ele (+) e ele num tem corage (+) e é sem corage” será que o Bruno também é esse sujeito” ((risos))

DOC: A senhora acha que tem mulher desse jeito na vida real?

INF: tem’ tem’ TEM MUITA’ muié que num pode/ (+) tem muita muié que **num pode** vive sem home’ tem muita/ por isso que acho/ por isso que elas procura muito home’(OAAF3E1-F)

Neste caso, a modalidade facultativa instaura-se no discurso por meio da fala da informante, que de acordo com suas noções de mundo, a qual considera que algumas mulheres não são capazes, não conseguem permanecer solteiras e precisam de um homem em suas vidas. Observamos isso por meio da expressão “num pode”, que, neste caso, não indica uma proibição, e sim uma incapacidade intrínseca destas mulheres das quais a entrevistada está falando. Há, ainda, uma tentativa de reformulação de sua enunciação. Levando em consideração que se trata de um discurso oral, marcado, neste caso, por uma leve obstrução que causou uma descontinuidade no ritmo do discurso, que pode desempenhar funções pragmático-interativas relevantes para o desenrolar da comunicação (KOCH *et. al.*, 2002. p. 122-123). Tal ruptura, por exemplo, poderia permitir à falante reformular o seu discurso e, quem sabe, amenizar de alguma forma o que ela estava dizendo por meio de processos diversos, mas, no fim, ela escolheu continuar com o que estava dizendo inicialmente e repetiu o mesmo verbo modal juntamente com a negativa, com a finalidade semântica de indicar a incapacidade. Vejamos, ainda, outro exemplo:

(22) **DOC:** O senhor acha que a família é importante na educação dos filhos?

INF: acho que seja né” ((voz de criança))

DOC: Por que o senhor acha que seja?

INF: porque se a pessoa **num teve** aquela: aquela **capacidade** de (+) tê educação' de uma (incompreensível) ajudá' num teve tempo de (+) num teve boa vontade da pessoa/ de botá a pessoa no bom caminho' pra assim' assim (+) tê educação' aí (+) do mehmo tempo/ porque eu não tive esse tempo' Deus num me deu' por isso eu dô o meu né", (RDSF2E0-M)

Encontramos a modalidade facultativa, no exemplo (22), com o cenário elaborado pelo falante, de modo que ele explica os motivos pelos quais ele acredita que a família seja importante na educação dos filhos. Ele enumera uma série de fatores que podem contribuir para que a pessoa possa ter uma boa educação. Entretanto, ele o faz por meio de negativas, ou seja, do que não deveria acontecer. A negação, neste caso, fica a cargo do advérbio “não” (num), que nos mostra uma capacidade não adquirida das pessoas terem uma educação adequada em virtude de não ter uma base familiar sólida. O termo “capacidade”, neste caso, mostrando a modalidade facultativa, enumera um dos primeiros requisitos dos quais ele fala que não deveria acontecer para que essa pessoa seja considerada “num bom caminho”, que, no caso em questão, seria referente ter a capacidade de receber educação. Entretanto, não é a pessoa por si só que deve procurar esta educação, mas sim a família que deve proporcionar a educação a ela, ou seja, capacitar-lhe. Dessa maneira, constatamos que há uma situação de capacidade não adquirida pelo indivíduo que o falante enumera em seu discurso.

Em (23), temos uma situação em que há também a polaridade negativa, mas sob outro aspecto: o de uma determinada incapacidade que teria sido adquirida pelo falante no decorrer de sua vida, ou seja, outrora ele seria dotado de determinada capacidade, mas eventos ocorreram em sua vida que o tornaram incapaz de desempenhar determinada ação:

(23) (...) hoje eu num trabalho mais na roça' porque (incompreensível) ((ri)) falá ôtra vez o problema da vista' eu **não tenho condição** de trabalhá na roça' mais tem irmão/ um irmão que traba:lha' (MBSF2E3-M)

A situação enunciada pelo falante em seu discurso mostra-nos que ele, anteriormente, era capaz de trabalhar na roça e, após adquirir um problema de vista, acabou tornando-se incapaz de realizar seu trabalho. Tal circunstância traz-nos uma incapacidade adquirida ao longo do tempo, de modo que a mesma também é marcada pelo advérbio de negação.

Há casos também que pode haver uma negação dupla, indicando bastante ênfase no que o informante deseja enunciar:

(24) **DOC:** Olha, nós sabemos que o distrito de Dom Quintino possui um número muito grande de jovens. Na sua opinião, existe forma de lazer adequada para esses jovens, ou seja, para os jovens que vivem aqui?

INF: tem não (+) aqui não tem (+) aqui precisava (+) atualmente de dum uma quadra (+) de/ (+) de futebol (+) pá (+) pá time feminino' masculino' porque aqui num existe essas coisa (+) né" num tem (+) e tem muita jovem aqui com muita VONTADE mesmo de (+) crescê' (+) de brincá (+) muita gente/ aqui/ criança' jovem' prá prá/ chutam bola aí fica aí brincando de futebol meio da ru:a' por que"(+) 4orque/ se for ali pu campo/ (+) leva uma queda (+) quebra o o pescoço mesmo (+) porque **num tem capacidade nenhuma'** de jogá: futebol (+) no no campo que tem aí' né"(+) VÔLEI também (+) aqui ninguém vê (+) ne:m/ muito jove praticá vôlei' por que"(+) por que num tem (+) onde platicá o vôlei (++) eu achava que tinha que TÊ um lugá adeQUAdo' (+) uma quadra' né" de futebol' quadra de vôlei' (+) pá:/ porque o jovem (+) podesse se divertir (+) no fim de semana, ((a informante é interrompida por alguém da casa)) (ESSF1E2-F)

O exemplo (24) nos traz uma situação típica em que há a dupla negativa, por meio do trecho “num tem capacidade nenhuma”, mostrando uma incapacidade do campo de futebol em receber os jovens da cidade para praticar esportes, dada a sua estrutura inadequada. Muito embora já tenha o advérbio de negação anteposto ao verbo, o falante em questão quis enfatizar a situação em que o campo se encontrava e inseriu, após o termo “capacidade”, o pronome indefinido “nenhuma”, justamente para indicar que a sua negativa era bastante enfática. Entretanto, já sabemos que, em língua portuguesa, essa é uma forma bastante corriqueira de fazer negações, pois, como nos mostra Cavasin (1993), outras formas comuns de negação no português podem se dar nos níveis morfológico, sintático e semântico. Em relação ao primeiro, por ocorrer por meio de prefixos negativos (nível lexical), em que há a mudança morfológica do termo responsável pela negativa. Já a negação a nível sintático acontece em relação a operadores de negação, como o advérbio relatado acima, mas também com pronomes indefinidos, podendo ocorrer em conjunto ou não com os advérbios de negação. Já a nível semântico, é necessária a observação de todo o contexto do enunciado a fim de identificar se ele realmente se trata de uma negação.

Outra situação também bastante comum encontrada foi a dupla negativa a fim de deixar bastante claro para o ouvinte que o falante não possui aquela capacidade específica determinada no conteúdo proposicional, como por exemplo o trecho abaixo, em que o entrevistador questiona o informante sobre um político que regularmente visitava a região onde o informante morava:

(26) **DOC:** O que é que ele já fez por aqui, pela comunidade, em termo de benefício?

INF: ah::' eu **num sei nem** dizê' né" beneficio/ agora sob doença' já fez muita coisa, (RSOF1E0-M)

Conforme observamos acima, as duas negativas em torno do verbo saber nos mostram que, no primeiro exemplo, os participantes do discurso (neste caso, o entrevistado e a sua namorada, que posteriormente tornou-se sua esposa) estavam falando sobre suas habilidades em comum, prestando-se apenas à negativa simples; Já no caso deste último exemplo, no momento em que o informante diz ao entrevistador “não saber *nem*”, a sua intenção é marcar linguisticamente que ele realmente não faz a menor ideia do que o político em questão fez de bom para a comunidade onde mora. Tais circunstâncias, como as observadas, no entanto, não indicam propriamente a existência de um termo específico para a expressão da incapacidade. Sendo assim, podemos concluir que o falante do português, ao expressar a modalidade facultativa através da incapacidade, o faz por meio de negativas padrão e negativas duplas.

5.3.2.4 *Tipologia dos Estado-de-Coisas relativos à modalidade facultativa no português falado no Ceará*

Para a tipologia dos estados-de-coisas, amparamos nossa pesquisa não apenas na GDF, mas também em sua antecessora, a GF de Dik (1997), a qual traz um maior detalhamento dessa tipologia, com base nos parâmetros de dinamismo e controle, o que nos dá uma maior propriedade para analisarmos qual estado-de-coisas mais frequente na construção dos enunciados modalizados facultativamente: estado, posição, evento ou ação.

Para nossa categoria, a expressão de capacidades e habilidades adquiridas pelo indivíduo durante sua vida, intrínsecas a ele ou até mesmo não apreendidas independentemente de suas tentativas e vontades, partimos do pressuposto de que o falante, ao modalizar facultativamente seu enunciado, irá utilizar mais os parâmetros [+ dinâmico] e [+ controle], na construção dos estados-de-coisas de eventos (ação / processo) em detrimento aos tipos não dinâmicos relacionados à situação (estado / posição). Chegamos a essa premissa a partir do ponto de que os estados-de-coisas não dinâmicos não envolvem nenhum tipo de mudança entre as entidades apresentadas (DIK, 1997, p. 107) e, portanto, o falante não mostraria nenhuma capacidade ou habilidade que poderia modificar, em relação às habilidades e capacidades adquiridas. Além disso, como pudemos observar a modalidade facultativa envolvida em uma tendência maior de mudança para-o-participante que para-o-evento, o que presumivelmente a inclinaria para o parâmetro [+dinâmico]. Com base na tipologia de Dik (1997), observemos a classificação dos estados-de-coisas encontrados em nosso *corpus*, conforme os dados descritos na Tabela 9:

Tabela 9 - Tipologia dos estados-de-coisas relativos à modalidade facultativa no português falado no Cariri

Subtipo	Nº	Porcentagem
Ação	152	91,0%
Processo	11	6,6%
Estado	2	1,2%
Posição	2	1,2%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Conforme a Tabela 9, houve uma tendência maior de uso da modalidade facultativa construída com os predicados que têm o parâmetro [+dinâmico], de modo que os subtipos ‘ação’ e ‘processo’, juntos, obtiveram um total de 97,6% do total de ocorrências, deixando apenas 2,4% para os subtipos não dinâmicos (estado e posição), em que cada um contou com apenas dois casos encontrados. Este resultado, portanto, pode traduzir uma intenção do falante em desejar elucidar em seus enunciados algo que envolva mudanças e que as entidades envolvidas não permaneçam com as mesmas habilidades e capacidades, de modo a poder adquirir novas capacidades e habilidades.

O EC do tipo ‘ação’ foi o mais evocado pelos entrevistados com 91,0% dos casos. Esse tipo de EC traz em si a junção de dois traços semânticos: o parâmetro [+dinâmico] que já analisamos, e também o [+controle], o qual indica que o primeiro argumento (geralmente o sujeito) tem plenos poderes sobre a realização ou não do estado-de-coisas. Sendo assim, nos momentos em que o falante traz em si o poder sobre o acontecimento são, tipicamente, caracterizados como ação:

(26) **DOC:** E tu sabes nadar, R..?

INF: eu sei nadá mui::to’ um dia eu salvei minha amiga’ nós tava brincan::do na cachoêra’ pulando de um cipó para o ôtro’ aí ela caiu dentro’ aí foi o maió sufoco’ mas graças a Deus que eu **consegui tirá** ela de lá, (RESF2E1-F)

Neste exemplo observamos que a falante, numa circunstância determinada em que ela viu sua amiga numa situação de risco de morrer afogada, mostrou-se dotada da habilidade de salvar a sua amiga. O verbo ‘tirar’, neste caso, possui tanto as características de dinamicidade quanto de controle e, dada a situação em que a informante estava inserida, ela precisou buscar suas habilidades intrínsecas para que a ação esperada ocorresse.

Vejamos ainda o exemplo (27):

(27) **DOC:** Você se sente realizada em saber que elas estudam já que você não pôde estudar mas você consegue dar esse estudo as suas filhas?

INF: é' sou muito feliz' tenho muito orgulho delas ser/ **saber ler**'de não ser que nem eu' de:: chegar num banco' na/num lugar assim' precisava colocar o dedo' né" sujar o dedo de tinta' né" (MFASF2E0-F)

O contexto descrito pela entrevistada é o orgulho que ela sente por suas filhas estudarem e saberem ler, pois ela não teve essa oportunidade quando criança. O fato de *saber ler* implica o total controle sobre o acontecimento em análise, configurando-se, assim, em um caso de ação, tal qual nosso exemplo anterior.

Os estados-de-coisas [+ dinâmicos] foram os mais frequentes em consequência da situação relacionada à polaridade negativa no discurso facultativamente modalizado. Nossa análise partiu do ponto de vista que a polaridade negativa poderia influenciar de alguma forma o parâmetro [+controle], que é justamente o que distingue os subtipos 'processo' e 'ação' (os quais são, respectivamente, [-controle] e [+controle]). Tomamos inicialmente essa premissa por motivos lógicos, uma vez que geralmente, quando um falante diz que não é capaz de algo, ele demonstraria não ter controle sobre aquele determinado EC definido no evento, como constatamos pelo comentário dos entrevistados:

(28) eu sempre lembro' num **posso** esquecê (+) e outro momento triste foi a ausência também de minha mãe (+) que Deus já chamou,

Nesse caso, o informante relata que não pode esquecer e, sendo o ato de esquecer algo que não está no controle da falante, pois ela não possui a capacidade de controlar o que esquece ou não, embora tente sempre lembrar de sua mãe já falecida com a intenção de não esquecê-la. Desse modo, o estado-de-coisas em (27) não poderia se caracterizar como uma ação, já que o sujeito não tem, a princípio, o controle sobre o EC, o que nos fez considerá-lo como um EC do tipo 'processo'.

Vejam os outros trechos de nosso *corpus* a fim de identificarmos melhor como se dá a especificação do processo no estabelecimento da modalidade facultativa no português oral falado no Ceará:

(29) **DOC:** E por que você não continuou os estudos?

INF: por causa que:: a:: a ca cabeça engrossava e eu num **num pude conseguí** mais' faltô também a escola (+) aí eu **não pude conseguí**, (MACF3E1-F)

A partir do momento em que a entrevistada em questão nos diz que não conseguia estudar, observamos que, neste exemplo, o verbo 'conseguir' traz em si a noção

de ‘ter êxito’ no que é pretendido, ou seja, estudar. Em outras palavras, podemos dizer que a entrevistada teve a dinamicidade por algum tempo de estudar, mas como ela não tinha o controle sobre suas reações durante a aula, seja em virtude do cansaço ou por razões diversas (‘a cabeça engrossava’), ela acabou não tendo controle sobre o ato de estudar, o que nos fez classificar como um EC do tipo ‘processo’.

Vejamos ainda outro exemplo que corrobora com as conclusões que chegamos até o presente momento:

(30) e:: eu acredito/ eu vejo que quando você é preso por/ por essas coisas’ você não volta mais atrás nã::o’ o camarada entrô (+) pra ele sai é difícilimo (+) eu vejo um/ um/ um jo/ um jovem que: (+) que entra nessa vida’ ele num tem mais capacidade’ eu vejo que ele nu::m/ acho/ eu acho que ele **não tem mais capacidade** de sai’ não que eu nunca vi um camarada sai’ entrá e dizê SAÍ (+) eu já fui assim/ assim’ e:: hoje tô assim’ vi/ eh:: um camarada altamente (+) eh:: inutilizado FÍSICAMENTE’ MENTALMENTE (+) divido (+) entrá nesse mundo’ agora SAÍ’ nunca, (APTF1E3-M)

O excerto (30) ilustra bem o que analisamos até o presente momento acerca da especificidade em relação ao ‘processo’. Ao analisarmos o verbo ‘sair’, vemos que ele traz em si as noções de [+dinâmico] e [+controle], afinal, ao sair de um determinado lugar, temos a mudança de estado das entidades e, geralmente, há o controle delas sobre o ato de sair. Porém, no caso observado, o contexto que o entrevistado nos mostra é a sua opinião acerca do envolvimento com drogas e, segundo ele, uma vez que uma pessoa cai no mundo das drogas, ela não é mais capaz de sair, ou seja, ela perde por completo o controle de sair desta determinada situação. Tal contexto, portanto, configuraria-se também em um processo, pois há a dinamicidade, mas não há controle dos envolvidos.

Embora as ocorrências dos EC não dinâmicos tenham sido encontrados em apenas 4 casos (dois casos de estado e dois de posição), é válido fazermos algumas considerações sobre eles. Isto posto, analisemos o exemplo (31):

(31) acho se no que se o governo quer um ensino de qualidade (+) eu acho que ele tem que se preocupá com essa capacitação dos professores’ se o professor não é **capacitado** com certeza o aluno também não será, (MRRSF1E4-M)

O excerto (31) apresenta uma situação em que o falante expressa sua opinião acerca do ensino, mais especificamente com o que o governo deveria fazer para que o ensino público melhore, de modo que, na construção de sua argumentação, ele cita uma situação modalizada facultativamente em uma situação hipotética: se o professor não é capacitado, ou seja, se ele não possui o *controle* da ação de ensinar, com certeza o aluno também não terá o *dinamismo* para se tornar capaz e, conseqüentemente, também não terá *controle* sobre

sua própria capacitação. O exemplo (31) nos mostra um caso de estado, pois na situação enunciada pelo entrevistado, ele assume uma postura hipotética de que, se um professor não tiver os requisitos necessários, ou seja, ele não seja devidamente qualificado para esta função, ele não tem o controle sobre os conhecimentos necessários para ministrar uma aula e fazer com que seu aluno aprenda aquele determinado conteúdo e, conseqüentemente, não haverá uma mudança de situação, fazendo com que ambos, professor e aluno, permaneçam da mesma forma.

Em (32), percebemos uma situação do subtipo ‘posição’, em que não há dinamicidade, mas o sujeito (eu – o falante) envolvido possui o controle de mudar tal situação:

(33) **DOC:** Você gosta de ir festas?⁷⁰

INF: gosto não,

DOC: Por quê?

INF: porque eu/ eu **num nasci pa** tá em festa em festa/ eu **nasci pa** tá dentro de casa e pronto/ e trabalhá e fazê (+) o queu quis é (SFSF1E0-M)

O falante em questão, neste caso enumerado, demonstra uma situação específica em que ele considera a si mesmo não apenas uma pessoa caseira, mas algo além: para o entrevistado, sua função intrínseca é “estar em casa” e “trabalhar”, confirmado pela reformulação do “nascer para”, utilizado conotativamente e inicialmente colocado pelo falante em negativa para, em seguida ser reformulado positivamente. No entanto, ao analisarmos o contexto em que o enunciado em questão é pronunciado, observamos que ele tem noção de que possui total controle sobre esta situação e que caberia apenas a ele mudá-la.

Com esta parte da análise, objetivamos descrever a modalidade facultativa no português falado no Ceará em relação aos pressupostos da GDF em relação à operação de Formulação, em que tratamos dos aspectos referentes às categorias pragmáticas e semânticas para a manifestação da categoria em estudo. Na seção seguinte trataremos da operação de Codificação, mais especificamente do Nível Morfossintático, a partir do qual investigaremos as marcas morfossintáticas que expressam a modalidade facultativa, buscando identificar as principais expressões linguísticas utilizadas pelos falantes do Cariri.

⁷⁰ As siglas DOC e INF dizem respeito ao Documentador e a Informante, respectivamente.

5.4 As categorias de análise referentes ao nível morfossintático

Até o presente momento, tratamos dos aspectos relativos aos níveis da Formulação. Doravante, iremos trabalhar com o Nível Morfossintático, o primeiro dos níveis da Codificação, que recebe todas as informações dos níveis superiores e as transforma e sistematiza a fim de que o nível seguinte, o Fonológico, possa cumprir o seu papel e ‘entregar’ suas informações juntamente com todas as oriundas dos níveis anteriores para o Componente de Saída como explicam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 12).

Para este nível estabelecemos, com base na GDF, as seguintes categorias de análise:

- a) O tipo de unidade linguística para a instauração da modalidade facultativa:
 - i. Expressão linguística;
 - ii. Cláusula;
 - iii. Sintagma;
 - iv. Palavra;
 - v. Morfemas.
- b) A classe de palavras:
 - i. verbo (pleno ou auxiliar);
 - ii. Substantivo;
 - iii. Adjetivo;
 - iv. Advérbio.
- c) O tempo verbal⁷¹:
 - i. Presente;
 - ii. Pretérito perfeito;
 - iii. Pretérito imperfeito;
 - iv. Pretérito mais-que-perfeito;
 - v. Futuro do presente;
 - vi. Futuro do pretérito.
- d) O modo verbal:
 - i. Indicativo;

⁷¹ Como acreditamos que o meio de expressão mais relacionado à modalidade facultativa seja o verbo, decidimos verificar as categorias de tempo e modo verbal a fim de um maior detalhamento das marcas linguísticas que configuram a modalidade facultativa no português falado no Ceará.

- ii. Subjuntivo;
- iii. Imperativo.

Passemos ao aprofundamento e aos resultados de cada uma destas categorias de análise.

5.4.1 A manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará

Segundo a GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 291), a expressão linguística é a camada mais alta do Nível Morfossintático, a qual pode constituir-se de, pelo menos, uma cláusula, sendo seguida por sintagmas e palavras, respectivamente, em que cada uma destas unidades pode ocorrer mais de uma vez. Em outras palavras, “uma expressão linguística é qualquer conjunto de, pelo menos, uma unidade; onde há mais de uma unidade dentro de uma expressão linguística, elas irão se manifestar juntas em suas propriedades morfossintáticas.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 292). Por esse motivo, observamos a relevância de analisarmos a marcação linguística da modalidade facultativa no português falado na região do Cariri.

Portanto, a primeira categoria de análise diz respeito ao tipo de expressão linguística que é codificada pelos falantes do português do Cariri modalizarem facultativamente seus enunciados. Com base na Tabela 10, constatamos uma pelo uso de palavras e sintagmas⁷²:

Tabela 10 - Tipo de expressão linguística

Expressão	Nº	Porcentagem
Palavra	130	77,8%
Sintagma	37	22,2%
Total	167	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Este cenário era relativamente aguardado por nós, em virtude de observarmos continuamente a modalidade enquanto manifestada em grande parte por verbos. Sendo assim, as palavras serviram à codificação da maior parte das ocorrências de modalidade facultativa, em 77,8% dos casos, dos quais trataremos mais adiante.

⁷² Unidades linguísticas como “Expressão Linguística”, “Cláusula” e “Morfema” não foram encontradas em nosso *corpus*.

Quanto à codificação por meio de sintagmas, ela se deu em 22,2% dos casos, em construções como as seguintes, encontradas em nosso *corpus*:

- a) ‘Ter condições de’;
- b) ‘Em condições de’;
- c) ‘Ter capacidade de’.

O sintagma “ter condições de”⁷³, por trazer o substantivo “condição”, marca um sentido não apenas de permissão ou requisitos, mas também os sentidos de aspecto ou circunstância específica em que algo ou alguém se encontra em determinado momento. No entanto, quando o substantivo surge na construção em análise, ele assume outra postura semântica: o que inicialmente era uma exigência prévia para que algo pudesse acontecer, transforma-se em uma série de requisitos, ou seja, capacidades ou habilidades que uma pessoa possa ter para executar determinada ação, como aparece em (34):

(33) **INF**: olha é o seguinte’ eu num trabalho mais em pedra porque: aconteceu um acidente’ intão eu num **posso** mais’ porque eu perdi uma mão e **num tenho mais condição** porque tem que sustentá um poçal’ e através desse poçal é que a gente **consegui**’ quebrá as pedra, (IGAF2E1-M)

Em (33), observamos um caso em que a modalidade facultativa é enfaticamente marcada três vezes: num primeiro momento, quando o falante diz que não pode mais trabalhar, ou seja, adquiriu uma incapacidade em razão de ter perdido uma de suas mãos; em seguida, ele utiliza o termo “num tenho mais condição” indicando que ele não se considera atualmente capaz de praticar o trabalho que anteriormente fazia e, por fim, o terceiro caso de modalidade facultativa encontrado neste trecho refere-se à explicação que ele dá acerca de como era o seu ofício quebrando pedras. Quando analisamos o sintagma ‘ter condições’, neste caso, vemos que ele por completo é o que permite ao falante indicar a sua incapacidade, e não apenas uma palavra, ou seja, este sintagma seria um bloco relativamente cristalizado lexicalmente.

Outro caso de sintagma, “em condições de”, ocorreu tendo sentido semelhante ao sintagma verbal analisado anteriormente:

⁷³ Tomamos como ponto de vista a noção de sintagma como um conjunto de palavras organizadas a partir de um núcleo. No caso discutido nesta subseção, consideramos que foram encontrados em nossa amostra apenas casos de Sintagmas Nominais.

(34) nã:o' porque eu ainda num acho **im condições de**: (+) de gravá um CD' eu acho que: á você gravá um CD' você tem que premêro ganhá a opinião pública' DEPOIS QUE O PÚBLICO dissé assim' você DÁ PÁ Í IM FRENTE AÍ SIM' aí eu vô procurá uma gravadora ô alguma pessoa que tem influência' MAIS do que eu no meio artístico para siguí im frente, (JEBBF2E2-F)

A falante em questão, ao ser questionada acerca de seu trabalho com música e a possível gravação de um CD, respondeu que não se sente ainda capacitado para tal ação (“não se acha *em condições de* gravar um CD”) e, em seguida, dá uma série de motivos pelos quais ele acredita não ter adquirido ainda tal requisito.

Outro sintagma bastante encontrado no *corpus* para expressar a modalidade facultativa foi o termo “ter capacidade de”, que, por sua vez, revela a expressão da modalidade facultativa no discurso, pois o próprio substantivo “capacidade” carrega em si toda a carga semântica da modalidade facultativa.

(35) é porque o povo num tem espaço (+) pá mostrá o que eles (+) **PO:de tem capacida:de** (+)de fazê' porque: como o futebó' vamo voltá pu futebó' como o futeBO:l (IGAF2E1-M)

O falante, neste trecho, responde a um questionamento do entrevistador acerca dos recursos que a sua cidade possui para lazer e desenvolvimento dos jovens e, no desenvolvimento de sua enunciação, ele relata que, onde mora, os jovens não têm incentivos e infraestrutura específica para mostrar o que eles são capazes de fazer. Neste caso, inclusive, ele ainda formula a modalidade facultativa inicialmente com o verbo ‘poder’ e, em seguida, reformula-a com o nosso sintagma em estudo, “ter capacidade de”, mostrando claramente ao ouvinte que ele está referindo-se às capacidades que os jovens de sua cidade possuem e não mostram à sociedade por falta de espaço⁷⁴.

À proporção que avançamos em nossa análise, vimos que o maior número de ocorrências de modalidade facultativa concentrou-se nas palavras (130 casos de 167, perfazendo 77,8% do total de ocorrências de modalidade facultativa). Com isso, fez-se necessário também a identificação de quais foram as classes de palavras mais comuns para a instauração da modalidade facultativa no nosso *corpus*. Vale lembrar que tomamos como hipótese inicial a presença de verbos como a predominante na expressão da modalidade facultativa e, dentre estes, os modais seriam os mais propícios à nossa categoria em estudo:

⁷⁴ Salientamos que os substantivos “capacidade” e “condição” surgem em outros contextos evidenciando a modalidade facultativa também como palavras e não apenas dentro de sintagmas. Detalharemos mais essas questões nas seções seguintes.

5.4.2 *As classes de palavras para a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará*

Nesta seção, iremos discutir sobre alguns aspectos particulares que encontramos em nosso *corpus* relacionados à manifestação morfossintática da modalidade facultativa no português falado no Ceará. Vale ressaltar que essa organização que encontramos é particular do Nível Morfossintático, pois, como nos mostra Hengeveld e Mackenzie (2009), as informações do nível de organização Morfossintático “não é um espelho fiel da organização do Nível Interpessoal nem do Nível Representacional, exibindo, portanto, a sua própria organização”(HENGEVELD; MACKENZIE, 2009, p. 186).

Após a análise das expressões linguísticas e a constatação de que, no português falado no Ceará, foram encontrados 130 casos de modalidade facultativa⁷⁵ sendo expressos por palavras, identificamos quais as classes de palavras mais recorrentes para a codificação desta categoria, conforme observamos na Tabela 11:

Tabela 11 -Classes de palavras

Classe de palavra	Nº	Porcentagem
Verbo auxiliar	63	48,5%
Verbo	52	40,0%
Substantivo	10	7,7%
Adjetivo	5	3,8%
Total	130	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

A Tabela 11 nos traz uma realidade bem semelhante ao que esperávamos e bastante justificável: nossa hipótese inicial era a de que haveria uma maior incidência dos verbos modais (poder e dever), 48,5% dos casos de modalidade facultativa foram instauradas por verbos modais. Um fato, no entanto, precisa ser salientado: dos verbos modais expressando a modalidade facultativa, encontramos em nossa amostra apenas o verbo ‘poder’. Todos os casos em que encontramos o verbo ‘dever’ na nossa amostra, ele estava inclinado para as demais modalidades, sobretudo a deôntica e a epistêmica. Portanto, para esta amostra, podemos dizer que a forma predileta do falante da região do Cariri para a

⁷⁵ Cf. Tabela 10, os 37 casos restantes das 167 ocorrências encontradas são referentes a sintagmas.

manifestação da modalidade facultativa é a de verbo modal, precisamente o verbo ‘poder’, como em (36):

(36) **DOC:** A respeito da escola que você estuda... como você vê a questão dos professores? Como são os professores da escola que você estuda?
INF: rapaiz’ tem u:ns que (+) são bons’ né” e outros são os ruins’ o cara num **pode** ne:m dizê qual é a classe/ (ficá na classe/) melhó e:/ ou pió, (FAZF1E2-M)

O verbo utilizado pelo entrevistado mostra uma situação em que o falante relata como era a sua sala e a incapacidade por meio do termo genérico “o cara”, com intenções de não especificar nenhuma pessoa que seja capaz de dizer qual das salas de aula seriam melhores ou piores, de acordo com o conceito do falante. Neste caso específico, o excerto em questão não poderia ter a leitura dinâmica em razão de não ser especificamente a leitura de uma possibilidade do falante em dizer qual das turmas ser “a melhor” ou “a pior”. De maneira semelhante, a leitura deôntica também não seria possível, pois ele não está sendo proibido de fazer a ação determinada no estado de coisas; a leitura possível mais adequada para este contexto é a facultativa, em que o falante mostra-se incapaz de especificar quais seriam as turmas melhores e quais as piores de sua escola.

Além do verbo ‘poder’, a expressão da categoria se deu por verbos de sentido pleno, totalizando 40,0% do total de ocorrências expressas por palavras. Somados os casos de modalidade facultativa encontrados na amostra, a enunciação de verbos plenos e modais obteve no total 88,5%, ficando o restante dos casos encontrados com substantivos (7,7%) e adjetivos (3,8%)⁷⁶. Diante do exposto, faremos algumas considerações acerca de cada um dos casos encontrados.

5.4.2.1 *Os verbos como expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará*

Apesar de termos feito uma introdução ao verbo auxiliar modal ‘poder’ na seção anterior, acreditamos ser necessário um maior detalhamento sobre os verbos encontrados, seguido da análise dos verbos plenos encontrados em nosso *corpus*.

a) *O verbo modal ‘poder’*

⁷⁶ As ocorrências caracterizadas como “não se aplica” referem-se aos 37 casos de sintagmas ocorridos no *corpus*.

No âmbito dos verbos caracterizados como modais, o ‘poder’ situa-se ao lado do verbo ‘dever’ indicando, por excelência, uma das principais formas de manifestação modal. Por serem verbos auxiliares (PERINI, 2016, p. 341), ou seja, podem juntar-se a outros verbos para completar ou ampliar seu sentido. Na modalidade, porém, ambos os verbos possuem significados distintos, indo desde probabilidades, possibilidades, permissões, proibições, capacidades e habilidades.

Para a expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará, constatamos o uso, como em (37).

(37) **DOC:** E você/ qual o problema que você acha que acontece?

INF: eu acho que: os alunos não são (+) é:: preparados (+) de acordo com que realmente a gente precisa quando entra no primêro grau maió (+) porque a base é fundamental’ sem a base há dificuldade para que o aluno **possa** (+) é: realizá uma boa participação no currículo escolá, (PRTAF2E4-M)

Neste caso, o falante traz a sua opinião acerca do ensino na atualidade e, para ele, é necessário que o aluno tenha uma base nos primeiros anos de escolaridade para que este aluno tenha capacidade de continuar seus estudos. O verbo ‘poder’, assim, acaba por instaurar a modalidade facultativa orientada-para-o-participante ao traduzir no participante “o aluno” que ele “possa/seja *capaz/adquirir a capacidade* de realizar uma boa participação no currículo escolar se *adquirir* uma série de habilidades (base) que, por ora, ele não possui.

Outro caso encontrado em nosso *corpus* é o que aparece em (38):

(38) se por acaso existisse’ né” eh tivesse condição eu pediria um jogo de sofá que é o que tô pricisano ((risos)) mais o papai noel mesmo pra mim o/ o/ o que ele existe é/ é/ é que eu posso dizê assim é: o pai do céu’ né” isto é:’ ele mesmo quem **pode** nos ajudar’ dá TUDO’ porque sem ele nós não somos nada’ né” eh o que eu peço muito para ele é MUITA paz eh saúde, ((galo cantando)). (AFNSF2E3-F)

Em (38), observamos a modalidade facultativa intrínseca orientada-para-o-evento, pois o “pai do céu” é, *a priori*, dotado intrinsecamente da habilidade de ajudar não apenas o falante, mas todas as pessoas. Sendo assim, o evento em questão seria “nos ajudar”.

Podemos observar, portanto, algumas evidências de que o verbo ‘poder’ é encontrado nos dois tipos de modalidade: tanto em sua faceta intrínseca quanto da adquirida. Segundo Bybee (1994, p. 191), o verbo ‘poder’ pode predicar: a) condições capacitadoras que existem no agente; b) condições que permitem existir no agente; ou mesmo c) condições de existência. Tais situações são necessárias para a conclusão da situação principal do predicado. Por esse motivo, o verbo ‘poder’ é um dos mais ricos em termos de noções

modais, pois podem indicar tanto a capacidade quanto também a possibilidade, de modo que condições *físicas* e *sociais* poderiam ser consideradas somente se *tais condições de habilitação residam em um agente, ou participante*.⁷⁷ Com isso, chegamos à conclusão de que o verbo ‘poder’, além de ser uma das principais formas de expressão da modalidade, pode expressar também a noção facultativa ao evidenciar capacidades físicas, mentais ou sociais.⁷⁸

Além disso, tal verbo também pode ser usado tanto para a modalidade facultativa orientada-para-o-participante quanto orientada-para-o-evento, ao indicar, por exemplo, determinadas circunstâncias, como o caso (40), no qual o informante ressalta a questão social e faz uma série de modalizações que culminam na circunstância de não se poder imaginar que haveria um desenvolvimento maior do país sem o investimento na educação pública. Vejamos:

(39) a nível nacional’ é constituída em sua MAIORIA (+) por famílias (+) de baixa renda’ e:: (+) num país’ uma nação’ que pretende tê um desenvolvimento sustentável’ uma nação que pretende (+) atingí um desenvolvimento’ **capaz** de atendê as necessidades da sociedade que a compõe’ (+) formada por famílias carentes’ por famílias de baixa renda’ não se (+) não se **poderia**’ imaginá pô hipótese alguma’ que se **consiga** atingí um nível de formação’ um nível de graduação melhó’ um nível de desenvolvimento’ se num houvesse um investimento’ (+) na educação pública, (JNSF2E4-M)

No exemplo (39), observamos a modalização facultativa em três momentos distintos: (i) quando o falante cita a capacidade de desenvolvimento de um país, tido, aqui como o participante do discurso, ao passo que as modalizações seguintes, (ii) “poderia” e (iii) “consiga”, indicam a condição circunstancial voltada para a série de circunstâncias descritas por ele.

Na seção seguinte, teremos algumas considerações acerca dos verbos ‘conseguir’ e ‘saber’ expressando a modalidade facultativa encontrados em nosso *corpus*.

b) Os verbos ‘conseguir’ e ‘saber’

⁷⁷ Bybee (1994) analisa a modalidade enquanto orientada-para-o-agente, para-o-falante, epistêmica e subordinada. Conforme dissemos no Capítulo 1, com fins de consonância com a nossa fonte teórica, será utilizado em nosso texto a noção da Gramática Discursivo-Funcional, “modalidade orientada para o participante”. (grifos nossos).

⁷⁸ Cf. Bybee (1994, p. 192).

Dentre os verbos plenos encontrados em nossa porção representativa da linguagem falada no Ceará, os mais usados pelos falantes cearenses foram “conseguir” e “saber”, sobre os quais faremos nossas ponderações respectivamente.

Bastante comum na amostra escolhida, o verbo ‘conseguir’ traz em si geralmente uma noção de “alcançar determinado objetivo”, “ter determinada meta, finalidade”. A ideia seria como se ‘conseguir’ representasse uma meta a ser alcançada pelo sujeito do enunciado modalizado facultativamente. Tal noção, entretanto, é ampliada quando observamos que o verbo em questão também é utilizado no contexto de que o falante se mostra (in)capaz de algo, traduzindo, assim, uma capacidade que ele ainda não possui, mas que espera, em um tempo futuro obter:

(40) **INF:** ispero que nesse ano dois mil’ eu consiga realizá ((em baixo tom de voz)) muitos sonhos e muitas alegrias não só pra mim como toda minha/ com/ como todos meus familiares (+) daqui da comunidade (JEBBF2E2-F)

Este exemplo é bem interessante em relação a nossa categoria de análise, pois a informante em questão demonstra linguisticamente que ainda não possui a capacidade de realizar seus sonhos, ou seja, que não possui ainda os requisitos necessários para tal, mas que, num momento posterior, no ano seguinte, automaticamente ela se sentiria dotada desta capacidade não apenas para si, mas também para toda a sua família. A marca linguística que traz a modalidade facultativa para a fala desta entrevistada seria justamente o verbo ‘conseguir’ que, sendo colocado por ela no modo subjuntivo, mostra-nos uma orientação para-o-participante em que ela ainda não adquiriu a capacidade de realizar seus sonhos, traduzindo-se, assim, em um caso de capacidade ainda não adquirida, dado o contexto desenhado por ela que, neste caso, está encapsulado em um tempo futuro *irrealis* (num tempo futuro, o “ano dois mil”). A busca pelo objetivo de ter condições para realizar seus sonhos será obtida por meio de uma circunstância que não depende propriamente da informante, mas sim da mudança de ano.

Vejamos este outro caso:

(41) **DOC:** Como é que você concilia?
INF: tem muitas coisa que em casa eu faço’ né” ma/ mai::s é o final de semana que eu (+) fico os dois dias’ o sábado e o domingo’ aí eu **consigo** fazer todas as coisas’ né” em casa,(MFASF2E0-F)

Em (41), vemos um caso de modalidade facultativa orientada-para-o-participante adquirida, em que a falante relata a sua necessidade dos fins de semana para que

ela possa conciliar sua vida pessoal e profissional. Ela somente se torna capaz de fazer todas as coisas que precisa e deseja nesse período. Como ela está falando acerca de algo que ela *precisa* fazer, inicialmente poderíamos imaginar que este seria um caso de modalidade deôntica. Entretanto, o verbo ‘conseguir’ mostra-nos mostra que há um objetivo a ser alcançado e não é necessariamente o de “fazer todas as coisas”, mas sim o de *ser capaz* de fazer todas as coisas, configurando-se, assim, e um caso de modalidade facultativa.

Segundo Bybee (1994, p. 177), as condições internas e externas de um agente em relação à condução da ação expressa no predicado verbal faz parte justamente do conteúdo proposicional. Por esse motivo, ela pode ser expressa justamente tanto por expressões lexicais ou morfemas gramaticais. Em relação à habilidade, ela relata a existência de condições internas de habilitação no agente em relação à ação predicativa. Embora o verbo ‘conseguir’ seja usado geralmente para expressar ações, ele também pode relatar condições internas de habilidade, mas e reportar condições gerais externas, como por exemplo condições físicas, tal qual a relatada no exemplo acima.

Um fato relevante a se observar em todos os exemplos citados (e também foi bastante recorrente nos dados examinados) é que o verbo ‘conseguir’, na grande maioria das vezes, aparece em perífrases verbais⁷⁹:

(42) e eu agradeço muito a Deus porisso’ todos os dias eu agradeço por todas as coisas’ por tudo que ele mim dá’ e eu ((cansaço)) e eu fico assim’ as vezes angustiada quando eu quero fazê uma coisa que eu num **consigo** fazê (+) melhó’ punque eu acho que (+) se você se dedica a uma coisa e você procura fazê’ se você gosta você tem que fazê o melhó possível’ e as vezes quando eu tento fazê uma coisa que eu que:ro’ que eu quero e não **consigo** fazê melhó’ eu fico muito angustiada’ principalmente quando eu quero e: (+) insiná árguma coisa eh: dá alguma coisa que eu não consigo (+) mais tem ôtas coisa que já supera’ quando essas coisa supera aí tudo acaba’ fica um már de rosa (+) (MLAF2E4-F).

O trecho acima nos dá uma noção mais explícita do que seria uma típica perífrase verbal encontrada em nossa amostra: o verbo conseguir, neste caso, vem acompanhado com outro verbo no infinitivo (fazer), o qual indica o objetivo que o falante desejaria alcançar. Neste caso, “consigo” refere-se à capacidade de fazer o melhor possível para a sua família.

A partir do exposto, podemos dizer que uma das estruturas que o verbo ‘conseguir’ se manifesta na modalidade facultativa é trazendo consigo um outro verbo de apoio, ou seja, como o centro de uma perífrase verbal, indicando que seu sentido, quando vem aliado ao enunciado facultativamente modalizado, é referente a “alcançar” algum

⁷⁹ Normalmente, nesses contextos, o verbo ‘conseguir’ acaba assumindo o papel de verbo auxiliar. Entretanto, para evitar confusão dele com os verbos conhecidos tradicionalmente como verbos modais, optamos por deixar a nomenclatura “verbo” em nossa pesquisa.

objetivo, ou seja, uma capacidade adquirida por alguém, um evento ou uma sucessão de eventos anteriores que habilitariam o falante a execução de um determinado EC.

O verbo ‘saber’, assim como o verbo ‘conseguir’, merece nossa análise com fins de descrever da melhor forma possível a nossa categoria em estudo.

Segundo os dicionários (FERREIRA, 2010), o verbo ‘saber’ tradicionalmente indica circunstâncias mentais, em que ele pode tanto expressar determinados conhecimentos cognitivos ou pressentimentos. Entretanto, esse verbo também traz em si, assim como o verbo ‘conseguir’, a noção de modalidade facultativa ao assumir o sentido de o participante possuir determinada habilidade:

(43) **DOC:** Qual o nome de seu pai?

INF: R.D.A.,

DOC: E o nome da sua mãe?

INF: M.S.G.A.,

DOC: Eles sempre moraram aqui?

INF: sempre,

DOC: Quantos anos eles têm?

INF: eita’ aí me pegô agora (+) aí sô sincero’ num sei dizê não, (LGAF2E2-M).

No caso acima, o entrevistado pondera acerca do seu conhecimento sobre a idade de seus pais e, quando questionado acerca do assunto, ele demonstra sua ‘incapacidade’ de responder a pergunta feita pelo documentador. Ele tem conhecimento sobre alguns fatos referentes aos seus pais e a sua família, mas não tem condições de dizer qual a idade deles. Neste caso, o verbo ‘saber’ indica a modalidade facultativa orientada-para-o-participante, com uma capacidade não adquirida por ele, por não ter conhecimento sobre o que lhe foi perguntado.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008. p. 212), algumas línguas possuem como traço da modalidade facultativa adquirida o verbo “saber”. Sendo assim, faz-se mister investigar se também no português este verbo se presta à modalidade facultativa.

Neves (1997, p. 138-139) faz algumas considerações relevantes no tocante à questão dos verbos ‘saber’ e ‘poder’, o que corrobora com a nossa posição em considerar o verbo ‘saber’ como uma das expressões utilizadas durante a enunciação da modalidade facultativa.

Ao analisar os processos de gramaticalização e metaforização, Neves (1997, p. 139) cita um exemplo de Givón (1984), relatando as distinções entre os verbos *know* e *can*, os quais viriam da mesma raiz, o que mostra, conseqüentemente que a distinção atual de ambos foi o resultado do processo de uma mudança linguística diacrônica. Desta forma,

segundo a autora, o “*conhecimento* de como fazer X” equivaleria a “*maior capacidade* para X”. A explicação para tal fato seria que

“capacidade, entretanto, envolve, além de “conhecer como”, outros ingredientes mais centrais, em particular, “poder para agir”. E quando “poder” se separou completamente de “saber”, incluindo a diferenciação fonológica, o significado “poder para agir” tornou-se uma propriedade característica mais central para a sua definição, e “saber como” foi rebaixado. (NEVES, 1997, p. 139).

Vale ressaltar, entretanto, que esta concepção explanada pela autora é referente à língua inglesa. Como estamos analisando, o verbo ‘poder’, em português, ainda abarca todos esses sentidos⁸⁰. Verbos como ‘saber’, que traz em si o sentido de ‘ter conhecimento’ e, portanto, sendo usado em contextos mais específicos que o verbo ‘poder’, não entrariam em desuso ou “seriam rebaixados”, pois, se X possui determinado *conhecimento* de algo, X *é capaz* de algo/ possui *habilidade/capacidade* para fazer algo.

Outro estudo sobre o verbo ‘saber’ foi o de Kapp-Barboza (2017), que enumerou uma sete sentidos possíveis para o verbo:

- a) **Saber cognitivo:** relaciona-se a posse ou aquisição de conhecimentos mentais, demonstrando uma maior subjetividade do falante;
- b) **Saber informativo:** expressa posse ou aquisição de informações externas ao indivíduo;
- c) **Saber modal facultativo:** *indica capacidades e habilidade voltadas para o falante, em que o tipo de complemento será sempre um estado-de-coisas;*
- d) **Saber modal epistêmico:** há o comprometimento do falante com a verdade do conteúdo que ele está expressando;
- e) **Saber evidencial reportativo:** repassa-se uma informação recebida por outros;
- f) **Saber evidencial inferencial:** o falante embasa sua afirmação com base em seu conhecimento cultural, histórico ou de mundo;
- g) **Saber evidencial dedutivo:** o falante constrói um enunciado tomando como base evidências percebidas por seus sentidos.

⁸⁰ Acreditamos na necessidade de estudos posteriores acerca dos processos de variação e mudança linguística do verbo ‘poder’ em comparação com os verbos ‘conseguir’ e ‘saber’.

Diante do exposto, observamos a grande importância do ‘saber’ não apenas para a modalidade facultativa, mas também para o estudo em geral da modalidade e, com isso, justificam-se os dados da Tabela 11, em que os verbos plenos ocorreram em segundo lugar em nossa pesquisa, sendo superado apenas por verbo modal, mais especificamente o ‘poder’. Outro fator que também justifica o surgimento do verbo ‘saber’ na modalidade facultativa é o fato de que ele é sempre orientado para o participante (KAPP-BARBOZA, 2017, p. 117), o que converge não apenas para a nossa hipótese inicial, mas também com as evidências descritas até o presente momento, de modo a confirmar nossas hipóteses iniciais acerca da modalidade facultativa no português falado no Ceará.

Como a classe mais utilizada foi a de verbos, acreditamos que fosse importante identificar como as marcas de tempo e modo verbais atuam na manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará, conforme as Tabelas 12 e 13.

Quanto ao tempo verbal associado aos verbos que serviram à expressão da modalidade facultativa no português falado no Cariri, constatamos que o tempo presente foi frequente, conforme nos mostra a Tabela 12:

Tabela 12 - Tempos verbais associados à expressão da modalidade facultativa no português falado no Cariri⁸¹

Tempo	No.	Porcentagem
Presente	65	38,9%
Não se Aplica	65	38,9%
Pretérito perfeito	18	10,8%
Pretérito imperfeito	13	7,8%
Futuro do pretérito	4	2,4%
Futuro do presente	2	1,2%
Total	167	100%

Fonte: adaptada do SPSS com base nas análises da autora.

Tal resultado justifica-se pelo fato de o presente ser considerado não-marcado (GIVÓN, 1984). Assim, ao tratar das capacidades e habilidades o falante prefere o presente em 38,9% dos casos, como no exemplo (44):

(44) **DOC:** Dona A., eh... essa seria uma dor...

INF: é:’ é:’ eu sempre lembro’ num **posso** esquecê (+) e outro momento triste foi a ausência também de minha mãe (+) que Deus já chamou,(AFNSF2E3-F)

⁸¹ Não foi encontrado nenhum caso do tempo ‘pretérito-mais-que-perfeito’ na amostra.

No excerto (44) vemos a situação que a falante mostra-se, no momento da enunciação facultativamente modalizada, dotada da incapacidade de esquecer da morte de sua mãe, fato que a marco bastante. Este enunciado não poderia ser considerado deôntico em razão de ela não estar sendo proibida de esquecer do fato; ele é facultativo por o participante, ao inclui-se no valor facultativo, mostrar que sente-se *incapaz* de esquecer o fato em questão;

Em relação às formas nominais encontradas (incluídas entre os 65 casos de “não se aplica”, na qual estão inseridos os casos que não dizem respeito às formas verbais flexionadas), vimos que 13 verbos estavam no infinitivo em perífrases. Tal situação foi, portanto, inserida na categoria “outras formas verbais”, juntamente com as demais ocorrências encontradas não-verbais. Podemos observar como se dá tal situação em contextos como o seguinte:

(45) (...) a nível internaciona:l' a crise sócia:l' né" a crise que o país ho:je: vem atravessando eh: (+) é uma coisa que: é divulGAdo a todo dia e a toda hora' não só o no:sso país' o Brasil' mais a nível internacional' a crise é é: é é imensa' todos os países' e:: a gente tem que pedí mu:ita força a Deus (+) pra pudê (+) **consegui** vencê essas crises' porque só: esse pudê superiô' o grande arquiteto do universo' que pode (+) eh: fazer com que as coisas mude (+) na época em que nós estamos vivoeno, (JAFF2E3-M)

O falante em questão, ao argumentar acerca de sua opinião sobre o momento de crise que o país estaria passando naquele momento, no qual ele expressa a modalidade facultativa por meio do verbo “conseguir” que, neste caso, está inserido em uma perífrase “poder conseguir vencer”, em que todos os verbos envolvidos apresentam-se no infinitivo, mostrando lilnguisticamente a consideração do falante sobre o homem (utilizado o termo “a gente”) não ser capaz de vencer a “crise social” sozinho, sendo necessário, para isso, da ajuda de Deus para que o habilite e passe a ter essa capacidade.

Os tempos que expressam o passado, tais como pretérito perfeito e pretérito imperfeito, obtiveram, respectivamente, 10,8% e 7,8% dos casos encontrados. Isso nos mostra uma tendência menor do falante caririense em relacionar as noções de capacidades e habilidades ao passado, ainda que o material se configure como relato pessoal:

(46) **DOC:** Quais as dificuldades que você já encontrou no seu trabalho?
INF: as dificuldades são constantes' sempre aparece' ma:is as maiores dificuldades que eu encontrei (+) foi uma da/ das que eu já falei a: a poucos instantes' que foi a questão da capacitação iscolá' essa foi uma das maiores dificulda:des' mais (+) que eu **consegui** vencê (esse:)/ essa dificuldade (JAFF2E3-M)

Em (46), encontramos a modalidade facultativa orientada-para-o-participante, em que o falante se habilitou e soube vencer a dificuldade por não ter, segundo ele, o estudo necessário para desempenhar um bom trabalho. Este caso nos mostra o verbo ‘conseguir’ no pretérito perfeito, trazendo uma situação efetivada em um tempo anterior, caracterizando a condição *realis*.

Em relação aos modos verbais, constatamos que o indicativo foi o mais frequente. Vejamos a Tabela 13:

Tabela 13 - Modos verbais associados à modalidade facultativa no português falado no Cariri

Modo	No.	Porcentagem
Indicativo	88	86,3%
Subjuntivo	14	13,7%
Total	102 ⁸²	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Nos verbos flexionados, o modo indicativo apareceu em 86,3% dos casos, o que condiz com a noção de se enunciar uma capacidade ou habilidade, pois, geralmente, ou a temos ou a não temos, conforme nos explica Givón (1984). O modo subjuntivo estaria no âmbito das possibilidades e das condicionais e surgiu em nossa amostra com 13,7% das ocorrências. O imperativo, por excelência, a expressão máxima da modalidade deôntica, não surgiu em nossa amostra expressando a modalidade facultativa.

O modo indicativo exprime a certeza as ações asseveradas em relação ao tempo passado, presente ou futuro, estando “em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais”, ao passo que o subjuntivo diz respeito a “fatos incertos” (BECHARA, 2015, p. 234). Por esse motivo, podemos identificar que a expressão verbal da modalidade facultativa está associada ao modo verbal indicativo em virtude de o falante, na construção do seu discurso, buscar exprimir (in)capacidades ou habilidades que ele (ou outro) tenha:

(47) **DOC:** Como você daria suas aulas de educação artística?

INF: trabalhando o interiô do aluno a parte artística dele’ trabalhá a humanização’ trabalhá a relação humana’ trabalhá ele como pessoa como (+) é: uma pessoa que **pode** desempenhá uma habilidade, (MRRSF1E4-M)

Em (47), o verbo ‘poder’ no presente do indicativo, se presta à a modalidade facultativa a partir do momento em que o falante afirma que ele, enquanto professor, descreve numa cena hipotética (*irrealis*) o seu trabalho na disciplina de artes como um

⁸² Os 65 casos restantes estão inseridos no termo “não se aplica”, citado na subseção anterior.

professor dotado da capacidade de descobrir talentos no aluno, ou seja, ele seria o facilitados para que este aluno pudesse desenvolver e ampliar suas capacidades intrínsecas.

Em relação à ocorrência do modo subjuntivo, vejamos:

(48) igreja católica ela sempre colocava né” que para o negro’ até mesmo para o índio não existia é: a salvação e existia sim’ através disso que eles/ que eles pudessem é: fazer né” se eles **pudessem** mudá de religião eh: segui os portugueses dento da sua religião’ então com isso eles poderiam eh: adquirir a salvação né”(MSLF1E4-F)

A marca modal é identificada por intermédio do verbo ‘poder’ que, colocado em subjuntivo, inicialmente seria caracterizado no modo *irrealis* dentro de um mundo hipotético em que, caso os indígenas mudassem sua religião, automaticamente seriam salvos, de acordo com o paradigma religioso imposto pela igreja católica.

5.4.2.2 *Os substantivos como expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará*

Além dos verbos, as classes dos substantivos e adjetivos se prestaram à manifestação da modalidade facultativa expressa por palavras em 7,7% e 3,8% dos casos, respectivamente. Embora estas ocorrências tenham sido em número reduzido, se comparado à quantidade de verbos plenos e modais, ainda assim é salutar enumerarmos nesta seção quais foram os substantivos e adjetivos presentes nas 15 ocorrências de ambas as classes de palavras. Dentro de nossa amostra foram encontrados casos dos substantivos ‘poder’, ‘capacidade’ e ‘condição, além do adjetivo ‘capaz’. Discorreremos sobre cada um deles a seguir.

a) O substantivo ‘poder’

Tendo sido evidenciado seis vezes durante as entrevistas, o substantivo ‘poder’ mostra-se como dotado de características modais explicitadas a partir do seu uso com sentido de ‘capacidade’, pois, “quem tem *poder*, tem *capacidade*, logo *consegue/pode/tem conhecimento* para fazer determinada ação. Geralmente é orientada-para-o-participante:

(49)DOC: Abertamente. Quer dizer, ele teve muito peito. Foi um absurdo num foi?

INF: é: que ele achou que ele tinha aquele **podê:** ‘era poderoso’ né” e podia fazê e ficava por isso mesmo’ e:: ninguém ia achá ruim (+) mais ele se enganou completamente’ né” (MALF1E0-F)

A situação descrita pela entrevistada mostra um caso no qual ela enumera uma série de ações feitas por um pastor que, acreditando-se dotado de um ‘poder’ espiritual adquirido de sua fé, chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida e, segundo a informante, ao contrário do que ele esperava, a ação dele acabou causando uma grande comoção entre os fiéis e ele se tornou alvo de muitas críticas. Na resposta em questão, podemos observar a modalidade facultativa nas duas ocorrências do substantivo *poder*, que traduzem as capacidades que, de acordo com a opinião da entrevistada, ele teria. Entretanto, para reforçar ainda mais a noção facultativa, temos o verbo ‘podia’, no pretérito imperfeito, mostrando que esse ‘poder’ que o pastor possuía não era um poder verdadeiro e, portanto, segundo a falante, ele não estava habilitado a chutar a santa.

b) O substantivo ‘capacidade’

Naturalmente permeado de sentido facultativo, o adjetivo ‘capacidade’ possui em si o sentido de aptidão, habilidade, competência⁸³ e é, por excelência, um dos termos principais que definem a própria modalidade facultativa. Entretanto, ele surgiu efetivamente em nossa amostra apenas seis vezes. Vejamos:

(50) se a gente for (incompreensível) (+) apoio pu governo (+) acho que o governo (+) nem sabe (+) quem é que tem **capacidade**’ quem é que num tem’ prá isso (+) (ESSF1E2-F)

Em (50), o termo ‘capacidade’, evidenciado explicitamente apenas uma vez, ocorre em elipse no segundo termo (“num tem [capacidade]’ prá isso”), estabelecendo-se, assim, a modalidade facultativa.

O exemplo (51) mostra o substantivo em análise sob a ótica modal orientada-para-o-participante, evidenciando sua (in)capacidade de “sair do mundo das drogas”:

(51) e:: eu acridito/ eu vejo que quando você é preso por/ por essas coisas’ você não volta mais atrás nã::o’ o camarada entrô (+) pra ele saí é difícilimo (+) eu vejo um/ um/ um jo/ um jovem que: (+) que entra nessa vida’ ele num tem mais **capacidade**’ eu vejo que ele nu::m/ acho/ eu acho que ele não tem mais **capacidade** de saí’ não que eu nunca vi um camarada saí’ entrá e dizê SAÍ (+) eu já fui assim/ assim’ e:: hoje tô assim’ vi/ eh:: um camarada altamente (+) eh::

⁸³ Ferreira (2010).

inutilizado FISICAMENTE' MENTALMENTE (+) dividido (+) entrá nesse mundo' agora SAÍ' nunca, (APTF1E3-M)

O enunciado em questão mostra que o entrevistado deixa bem claro a sua visão acerca dos jovens que são presos: para ele, uma vez preso, não existe mais escapatória e a pessoa só possui a opção de permanecer no mundo do crime. Com isso, ele manifesta a modalidade facultativa orientada para o participante (no caso, os jovens que entram para o mundo do crime), mostrando que eles não conseguem mais sair dessa vida.

c) O substantivo 'condição'

Um dos termos mais complexos desta análise referiu-se ao estudo do substantivo 'condição'. O termo (ou em sua variante plural, 'condições') foi bastante recorrente, sobretudo quando inserida na construção modal "ter condições". Esta construção apresentou-se em nossa amostra como modal facultativa, epistêmica e até mesmo deôntica, de modo que a caracterização de suas especificidades necessitam de estudos posteriores detalhados.

Da mesma forma que o substantivo 'capacidade', 'condição' também já se apresenta como um modal por excelência, sobretudo quando tomamos como parâmetro a modalidade facultativa orientada-para-o-evento, que evidencia tanto condições físicas quanto circunstanciais:

(52) né"(+) mas também num vô dizê que sô infeliz' num sô graças Deus Deus me deu **condições** deu tê-los comigo aqui' deu mesmo cuidá dos meus netos (+) e: é com muito prazê queu cuidu deles' peço sempre muita saúde a Deus pra eu podê/ já que ele me deu esse rebanho' que ele me dê coragem e **condições** preu continuá levando criando-os como ao menos como eu fui criada que foi com muito: bom' da manêra como eu fui criada já eu fico satisfeita' né" (EMNF3E4-F)

De acordo com o que observamos, a informante usa a modalidade facultativa por meio do substantivo "condições", indicando, neste caso, a capacitação que a falante afirma ter adquirido por meio de forças divinas, aparecendo em seu discurso duas vezes: (i) no momento em que ela mostra-se incapaz e Deus proporcionou a ela a condição circunstancial de ela poder cuidar de seus netos, e (ii) no momento em que ela pede que Ele continue dando a ela "coragem e condições" para que ela possa continuar nessa situação.

5.4.2.3 O adjetivo como expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará: 'capaz'

No nosso *corpus* foram encontrados apenas cinco casos de adjetivos manifestando a modalidade facultativa, mais especificamente, o adjetivo ‘capaz’, como em (53).

(53) **DOC:** Certo. Eh...dona M., se a senhora fosse uma autoridade competente, o que a senhora teria feito para punir aquele pastor que chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida?

INF: ah minha fia’ eu eu tinha/ fa faria tudo’ eu era **capaz** de tudo’ porque (+) num tem nada a vê:: a imagem’ né” isso ele é muito é ingnorante’ né”(Malfieo-F)

A modalidade instaurada a partir do adjetivo ‘capaz’ evidencia a modalidade facultativa orientada-para-o-participante em sua faceta intrínseca, na qual a entrevistada, caso tivesse a chance, diz que seria dotada intrinsecamente da *capacidade* de fazer coisas que, naquele determinado momento da enunciação, ela não podia devido às circunstâncias.

É válido ressaltar que, quanto ao adjetivo em questão, há também uma tendência à cristalização da expressão “é capaz”, de modo que ela não se configura somente como um caso de modalidade facultativa, mas pode servir à modalidade epistêmica, indicando probabilidade ou possibilidade como, por exemplo, em “é capaz de chover”.

5.5 A inter-relação entre as categorias de análise

Seguindo o modelo *top down* da GDF, organizamos a seções anteriores, de modo a descrever as categorias relativas às informações vindas do Componente Contextual e os níveis do Componente Gramatical. Entretanto, além das categorias vistas isoladamente, é necessário verificar a inter-relação entre elas.

Para verificação de possíveis inter-relações entre as categorias, consideramos o teste *Qui-quadrado*, pois, segundo Guy e Zilles (2007, p. 96), é um procedimento importante para que o cálculo da probabilidade de uma hipótese determinada seja verdadeira, de modo que os valores estatísticos considerados significativos em ciências humanas devem ter uma chance de no máximo 5% de que a hipótese nula seja considerada verdadeira, ou seja, valores $\leq 0,05$ ⁸⁴.

5.5.1 A inter-relação do Componente Contextual com o Componente Gramatical

⁸⁴ Todos os resultados obtidos dos testes *Qui-quadrado* feitos entre as categorias de análise estão no apêndice deste trabalho.

Tomando como ponto de partida o primeiro questionamento de nossa pesquisa, relacionado a identificar qual a relação entre o Componente Contextual e os níveis do Componente Gramatical (níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático) para a instauração da modalidade facultativa no português falado na região do Cariri, tomamos como hipótese inicial que as informações vindas do Componente Contextual influenciariam de modo interdependente os níveis do Componente Gramatical para que a modalidade facultativa pudesse ser instaurada para a construção do discurso. Esta seção dedica-se justamente a analisar em que medida nossa hipótese será confirmada ou refutada.

Após a rodagem de dados no SPSS, pudemos constatar os cruzamentos de dados específicos que tiveram a significância estatística relevante.

As categorias que estabelecemos para o Componente Contextual diziam respeito às próprias variáveis encontradas no *corpus*: idade, sexo e escolaridade. A partir da análise destas categorias, o teste *Qui-quadrado* nos apresentou que as categorias de análise referentes ao Componente Gramatical estão relacionadas quanto às preferências dos falantes da região ao instaurarem a modalidade facultativa em seus enunciados. Sendo assim, as categorias que se mostraram relevantes estatisticamente para a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará foram as seguintes:

a) Quanto ao cruzamento de dados entre o Componente Contextual e o Nível Representacional:

- i. Idade e Modalidade facultativa orientada-para-o-participante;
- ii. Sexo e Condições de realidade;

b) Quanto ao cruzamento de dados entre o Componente Contextual e o Nível Morfossintático:

- i. Sexo e Expressão linguística;
- ii. Sexo e Classes de Palavras;
- iii. Sexo e Tempo Verbal;
- iv. Sexo e Modo Verbal;
- v. Escolaridade e Expressão Linguística

c) Quanto ao cruzamento de dados entre o Nível Interpessoal e o Nível Representacional:

- i. Comportamento e Alvo da modalidade.

d) Quanto ao cruzamento de dados entre o Nível Representacional:

- i. Condições de realidade e Polaridade;
- ii. Alvo da modalidade e Estados-de-Coisas;

iii. Modalidade facultativa orientada-para-o-participante e Polaridade.

e) Quanto ao cruzamento de dados entre o Nível Representacional e o Nível Morfossintático:

- i. Condições de Realidade e Tempo verbal;
- ii. Condições de realidade e Modo Verbal;
- iii. Modalidade Facultativa orientada-para-o-participante e Classes de Palavras;
- iv. Estados-de-Coisas e Classes de Palavras;
- v. Polaridade e Tempo;
- vi. Polaridade e Modo.

Quanto ao cruzamento de dados entre as categorias do Nível Morfossintático, todas estão diretamente inter-relacionadas entre si (tipo de Expressão Linguística, Classes de palavras, Tempo Verbal e Modo Verbal). Consequentemente, seria esperado que o resultado do teste *qui-quadrado* fosse significativo. O mesmo ocorreu com o cruzamento entre as próprias categorias do Nível Representacional, como o alvo da modalidade e os dois subtipos de orientação, para-o-evento e para-o-participante e cada um destes com a tipologia dos estados-de-coisas encontrados: se a distinção entre o alvo é significativa, como vimos acima, consequentemente, os subtipos encontrados de cada um dos alvos também o serão.

Consideramos estas categorias extralinguísticas relevantes para a identificação da modalidade facultativa no português falado no Ceará na medida em que faz parte do contexto extramental, como sugerido por Connolly (2007, 2014), assim como outras categorias extralinguísticas ligadas tanto ao Contexto Situacional quanto ao Contexto Sociodiscursivo, pois pode trazer informações linguísticas relevantes para o desenrolar do Ato Comunicativo que possam nos dar pistas de como a categoria modalidade facultativa é manifestada no português falado no Ceará.

Optamos por trabalhar com estas categorias embasados em Connolly (2014, p. 238), o qual nos diz que

Nada foi introduzido no EMC que o restringisse, em princípio, ao domínio gramatical. De fato, algumas características, notadamente o tratamento de múltiplas participantes do discurso, são claramente extensíveis à compreensão das trocas. A intenção, certamente, é que o EMC deve acomodar o contexto do discurso e não meramente contexto gramatical. (CONNOLLY, 2014, p. 238).

Conforme o exposto, vimos a relevância de lidarmos com informações oriundas das categorias extralinguísticas que poderão ser relevantes para a manifestação da modalidade facultativa no português falado no Ceará.

Estas análises ficarão mais claras nas seções a seguir, em que faremos o detalhamento de cada um destes resultados significativos estatisticamente.

5.5.1.1 A inter-relação do Componente Contextual com o Nível Representacional

Para a análise da inter-relação entre o Componente Contextual e o Nível Representacional do Componente Gramatical, fizemos o cruzamento entre ‘idade’, ‘sexo’ e ‘escolaridade’ com cada uma das categorias do Nível Representacional. A partir deles, observamos a significância estatística entre as categorias ‘sexo’ e ‘condições de realidade’, em que vimos uma tendência de o sexo masculino usar mais o modo *realis* em seu discurso, com 55,6% do total de ocorrências, de acordo com a Tabela 14:

Tabela 14 - Cruzamento entre ‘Sexo’ e ‘Condições de realidade’

Sexo	%	Condições		Total
		<i>Realis</i>	<i>Irrealis</i>	
Masc	Nº	70	15	85
	% em Sexo	82,4%	17,6%	100%
	% em Condições	55,6%	36,6%	50,9%
	% do Total	41,9%	9,0%	50,9%
Fem	Nº	56	26	82
	% em Sexo	68,3%	31,7%	100%
	% em Condições	44,4%	63,4%	49,1%
	% do Total	33,5%	15,6%	49,1%
Total	Nº	126	41	167
	% em Sexo	75,4%	24,6%	100%
	% em Condições	100%	100%	100%
	% do Total	75,4%	24,6%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Embora ambos os sexos enunciem mais o modo *realis*, quando tomados individualmente, vemos que as mulheres utilizam mais que os homens o modo *irrealis* (63,4% dos casos). Tal fato pode ser decorrente da situação em que os papéis sociais de mulheres e homens se encontram: geralmente o homem é voltado para ser realista e buscar a sua posição em sociedade, ao passo que caberia à mulher traçar metas e sonhos para a sua vida: a mulher demonstra, de acordo com os dados apresentados uma maior predisposição a

enunciar a modalidade facultativa no campo das possibilidades ainda não realizadas, das conjecturas, dos sonhos e planos, pois, como nos confirma El-Hadid (1996, p. 154), “No caso da espécie humana, no entanto, os limites da seleção causal da estrutura biológica ou do contexto sociocultural são ainda mais notórios, em virtude da magnitude da influência que é exercida pelo homem sobre o ambiente em que vive, implicando a contrapartida de uma substancial influência deste ambiente, social e culturalmente reconstruído, sobre sua biologia”. Vejamos o exemplo a seguir:

(54) E: e o meus zirmão todîu tudo passando dificuldade inorme’ sinto pena porque eu num posso ajuda da manêra queu quiria ajuda meus zirmãos’ mais um dia quem as:be se eu num vô chega lá’ peço a Deus que um dia **possa** chega lá’ mais que/ eu vô chega lá todfa/(+) com toda certeza’ cheguei até aqui’ uma coisa queu num tîa na:da’ (MLAF2E4-F).

Em (54), vemos um exemplo em que a entrevistada se mostra ainda não dotada da capacidade de alcançar seus objetivos. Entretanto, ao utilizar o modalizador facultativo ‘poder’ no subjuntivo, cria um cenário *irrealis* em que, num tempo futuro (“um dia”), as forças divinas irão ajudá-la e ela terá adquirido a capacidade de ter suas metas alcançadas.

O excerto a seguir traz a representação de como o sexo masculino geralmente enumera a modalidade facultativa, de acordo com os dados apresentados:

(55) **INF:** a juventude hoje é muito boa né”,
DOC: A facilidade né, pra estudo?
INF: tem facilidade né” (+) o meu lado eu não me interessei por mim (incompreensível) também não ACHEI difícil em ajudá ela quando ela partiu pra vontade dela’ eu sô pai não arrumei nada pra mim’ num vô arrumá pra os outros’ mas eu não’ a bem ela pode agradecê que se eu não deixá nada pra com/ (+) chegando a morrê não deixa nada pra ela só em tê deixado o sabê pra ela’ ela já tem muita coisa’ acho que foi muita coisa’ que eu não **pude** pegá né” por causa que:: mehmo meus pais não gostavam né” mehmo que quando eu comecei a estudá eles num achava bom né” tudo que eu aprendi foi por esforço meu mehmo’ (RDSF2E0-M).

Os entrevistados do sexo masculino mostraram-se com maior tendência a instalarem a modalidade facultativo nos seus discursos por meio de situações ocorridas com eles num tempo passado, como o caso (56), em que o falante descreve os motivos pelos quais precisou abandonar os estudos. A marca modal ‘poder’, colocada numa situação *realis*, mostra a incapacidade do falante em prosseguir com seus estudos em razão de uma série de fatores enumerados por ele.

5.5.1.2 A inter-relação do Componente Contextual com o Nível Morfossintático

Trazendo nosso olhar para a inter-relação entre o Componente Contextual e suas possíveis relações com o nível seguinte de análise, o Morfossintático, constatamos que, ao correlacionar a variável sexo com o tipo de expressão linguística, o sexo feminino foi responsável pela maior parte dos enunciados com sintagmas, ao passo que as palavras foram mais comuns entre o sexo masculino, obtendo, portanto, resultados significativos estatisticamente, conforme poderemos observar na Tabela 15:

Tabela 15 - Cruzamento de dados entre Sexo e Tipo de unidade linguística

Sexo	%	Expressão		Total
		Sintagma	Palavra	
Masc	Nº	13	72	85
	% em Sexo	15,3%	84,7%	100%
	% em Expressão	35,1%	55,4%	50,9%
	% do Total	7,8%	43,1%	50,9%
Fem.	Nº	24	58	82
	% Sexo	29,3%	70,7%	100%
	% Expressão	64,9%	44,6%	49,1%
	% Total	14,4%	34,7%	49,1%
Total	Nº	37	130	167
	% Sexo	22,2%	77,8%	100%
	% Expressão	100%	100%	100%
	% Total	22,2%	77,8%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Tal fato corrobora com a posição de Guy (2011), que nos mostra que as mulheres, geralmente, trazem uma maior complexidade linguística que os homens. “Nas comunidades onde as mulheres são mais socialmente conectadas com uma variedade de interlocutores, eles seriam mais propensos a ter acesso a inovações à medida que desenvolvem e avançar, e participar na construção de uma identidade de comunidade local via linguagem” (GUY, 2011, p. 184), ou seja, as inovações linguísticas lideradas por mulheres possuem mais chances de serem transmitidas para as próximas gerações (LABOV, 2001). Verificamos, portanto, a importância de se prosseguir com este estudo também sob o viés da Sociolinguística a fim de que possamos identificar se os sintagmas encontrados em nossa amostra se configuram em um caso de variação ou mudança linguística em relação à modalidade facultativa no português oral do Cariri.

Indo ainda por esse viés, analisamos a relação existente entre sexo e classes de palavras e, assim como o sexo feminino foi o responsável pela maior parte dos casos de modalidade facultativa manifestada em sintagmas, coube também às mulheres a maior parte dos casos de verbos plenos, substantivos e adjetivos.

Tabela 16 - Cruzamento de dados entre Sexo e Classes de palavras

Sexo	%	Classe					Total
		VP	VM	SB	AD	N.A.	
M	Nº	23	43	4	2	13	85
	% S	27,1%	50,6%	4,7%	2,4%	15,3%	100%
	% CL	44,2%	68,3%	40,0%	40,0%	35,1%	50,9%
	% T	13,8%	25,7%	2,4%	1,2%	7,8%	50,9%
F	Nº	29	20	6	3	24	82
	% S	35,4%	24,4%	7,3%	3,7%	29,3%	100%
	% CL	55,8%	31,7%	60,0%	60,0%	64,9%	49,1%
	% T	17,4%	12,0%	3,6%	1,8%	14,4%	49,1%
Total	Nº	52	63	10	5	37	167
	% S	31,1%	37,7%	6,0%	3,0%	22,2%	100%
	% CL	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	% T	31,1%	37,7%	6,0%	3,0%	22,2%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

O sexo masculino, de acordo com a Tabela 16, ficou responsável pela maior parte dos casos de modalidade facultativa manifestada por verbos modais, ou seja, o verbo poder, como descrevemos nas seções anteriores, foi o único modal encontrado em nossa amostra e, dos casos que analisamos, a predominância de sua enunciação ficou com o sexo masculino.

Outra categoria de análise referente ao sexo que se apresentou significativa fez menção ao cruzamento entre sexo e tempo verbal, que obteve resultados de acordo com a Tabela 30 (apêndice B), e traz à tona a seguinte realidade: das 65 ocorrências de modalidade facultativa no tempo presente, a predisposição maior para apresentá-las ficou com o sexo masculino, que utilizou este tempo verbal em 26,3% do total de ocorrências. O tempo pretérito, tanto o imperfeito quanto o perfeito, obtiveram uma tendência maior de enunciação pelo sexo feminino, respectivamente, com 6,0% e 4,8% de ocorrências. Conforme o exposto, vemos, portanto, que o sexo masculino busca priorizar suas capacidades e habilidades colocadas a ele no momento presente, ao passo que as mulheres a análise mais minuciosa de remeter-se a tempos anteriores ao enunciado, utilizando para isso os tempos verbais do

passado. Já o futuro do pretérito é mais presente nos enunciados masculinos, em que observamos uma predisposição maior deste sexo em utilizá-lo não apenas em seu próprio sentido de passado com projeção em um tempo futuro, mas também como termos vindos nas noções condicionais, que implicariam em situações no presente ou no futuro:

(56) a nossa escola deveria viabilizá' aleim da conscientização política' uma profissionalização verdadeira' e:: acima de tudo' para que isso funcione beim' a administração pública deveria' dá condições verdadeiras' para que esse jovem' a partir do momento' que saí da sua escola' que pará de estudá' que ele tenha condições de desenvolvê sua profissão' aí sim' agente **poderia** dizê que teríamos uma escola de qualidade (JNSF3E4-M).

O verbo 'poder' usado pelo falante ao dizer que, somente após a administração pública oportunizar o desenvolvimento dos jovens por meio de estímulos variados marca a modalidade facultativa orientada para o participante, pois "a gente", neste caso, inclui também o enunciador, que se consideraria apto a falar que sua sociedade teria uma escola de qualidade somente após uma série de ações que o poder público anteriormente deveria fazer. Ou seja: nessa condição *irrealis*, seriam necessárias ações anteriores para que, futuramente, implicasse numa "escola de qualidade". Nesse sentido, o verbo utilizado no futuro do pretérito ocasionou uma série de recursos importantes para instaurar a modalidade facultativa orientada-para-o-participante. O tempo 'futuro do pretérito', além de ter sido o menos enunciado pelos falantes em geral, mostrou as mesmas tendências de uso em ambos os sexos: um caso em contrado em cada.

A última das categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático diz respeito ao modo verbal, que também mostrou-se significativo durante o cruzamento de dados:

Tabela 17 - Cruzamento de dados entre Sexo e Modo verbal

(continua)

Sexo	Contagem	Modo			Total
		Indicativo	Subjuntivo	Não se aplica	
Masculino	Contagem	54	7	24	85
	% Sexo	63,5%	8,2%	28,2%	100%
	% Modo	61,4%	50,0%	36,9%	50,9%
	% Total	32,3%	4,2%	14,4%	50,9%
Feminino	Contagem	34	7	41	82
	% Sexo	41,5%	8,5%	50,0%	100%
	% Modo	38,6%	50,0%	63,1%	49,1%
	% Total	20,4%	4,2%	24,6%	49,1%

Tabela 17 - Cruzamento de dados entre Sexo e Modo verbal

(conclusão)

Sexo	Contagem	Modo			Total
		Indicativo	Subjuntivo	Não se aplica	
Total	Contagem	88	14	65	167
	% Sexo	52,7%	8,4%	38,9%	100%
	% Modo	100%	100%	100%	100%
	% Total	52,7%	8,4%	38,9%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Ao analisar a Tabela 17, chegamos à conclusão de que há uma tendência maior do sexo masculino em enunciar a modalidade facultativa com o modo indicativo, diferença esta bem menor que o encontrado no sexo feminino, já que as entrevistadas mostraram uma diferença de apenas 27 casos entre ambos os modos. Mesmo o sexo masculino tendo utilizado o modo subjuntivo sete vezes, assim como o feminino, como, dos 167 casos de modalidade facultativa, 54 foram entre os falantes do sexo masculino e no modo indicativo, essa distinção foi bem maior, mostrando uma tendência dos falantes em geral, especialmente os homens, em enunciarem a modalidade facultativa no modo indicativo.

A última das categorias em análise do Componente Contextual e seus possíveis cruzamentos com o Nível Morfossintático diz respeito ao nível de escolaridade dos entrevistados. Sendo assim, o cruzamento entre o nível de escolaridade dos participantes e o tipo de expressão linguística trouxe o seguinte painel para a nossa pesquisa:

Tabela 18 - Cruzamento de dados entre Escolaridade e Tipo de expressão linguística

(continua)

Escolaridade	Contagem	Expressão		Total
		Sintagma	Palavra	
E4	Nº	6	27	33
	% Escolaridade	18,2%	81,8%	100%
	% Expressão	16,2%	20,8%	19,8%
	% Total	3,6%	16,2%	19,8%
E3	Nº	9	38	47
	% Escolaridade	19,1%	80,9%	100%
	% Expressão	24,3%	29,2%	28,1%
	% Total	5,4%	22,8%	28,1%
E2	Nº	15	20	35
	% Escolaridade	42,9%	57,1%	100%
	% Expressão	40,5%	15,4%	21,0%
	% Total	9,0%	12,0%	21,0%

Tabela 18 - Cruzamento de dados entre Escolaridade e Tipo de expressão linguística
(conclusão)

Escolaridade	Contagem	Expressão		Total
		Sintagma	Palavra	
E1	Nº	6	24	30
	% Escolaridade	20,0%	80,0%	100%
	% Expressão	16,2%	18,5%	18,0%
	% Total	3,6%	14,4%	18,0%
E0	Nº	1	21	22
	% Escolaridade	4,5%	95,5%	100%
	% Expressão	2,7%	16,2%	13,2%
	% Total	0,6%	12,6%	13,2%
Total	Nº	37	130	167
	% Escolaridade	22,2%	77,8%	100%
	% Expressão	100%	100%	100%
	% Total	22,2%	77,8%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Em relação ao tipo de unidade linguística preferido pelos falantes, foi observado que os entrevistados do nível E2, entre 05 e 08 anos de escolaridade, foram os que mais utilizaram os sintagmas para expressar a modalidade facultativa, ao passo que o nível E3, como era de se esperar, foi o que mais utilizou as palavras. Destas, o nível E0 foi o único que não utilizou adjetivos para expressas a modalidade facultativa, ao passo que o nível E2, quando tomado como parâmetro os substantivos, foi o grau que mais os utilizou. Houve uma tendência geral do nível E3 em utilizar a modalidade facultativa por verbos, tanto modais quanto plenos, sequência seguida também pelos demais níveis.

Dando prosseguimento a nossa análise, veremos, a partir de então, os resultados significativos do cruzamento de dados entre os níveis Interpessoal e Representacional.

5.5.2 A *Inter-relação entre os Níveis do Componente Gramatical*

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente Gramatical é o responsável por obter as informações mentais oriundas do Componente Conceitual, além das trazidas pelo Componente Contextual e, de posse delas, transformar estes dados em uma expressão linguística compreensível em uma determinada língua. Para isso, eles passam por uma série de processos que, ao passar por cada um dos níveis da Formulação e da Codificação, acabam modificando sua estrutura inicial ou determinando uma ou outra forma específica para aquela determinada expressão. Com isso, as informações contextuais fariam com que, no Nível Representacional, o falante tomaria estas informações de inclusão do

discurso e ilocuções declarativas e formularia valores semânticos para a instauração da modalidade facultativa, tendo como alvo principal o participante do discurso, através de condições de realidade factuais e condições *realis*, ou seja, fatos ocorridos acerca das características do participante ou, pelo menos, o conhecimento por parte do falante de suas capacidades, incapacidades e potencialidades.

Assim, estas informações de cunho pragmático, semântico e discursivo chegariam ao Nível Morfossintático, no qual o falante irá codificá-las prioritariamente em palavras, sobretudo verbos, plenos e modais, no presente do indicativo, além de substantivos e adjetivos. A nossa segunda hipótese diz respeito às categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal, acerca da inclusão ou não inclusão do falante em relação ao valor facultativo instaurado no discurso.

No que concerne à inclusão, o falante teria uma maior predisposição a utilizá-la, tanto por meio de pronomes em primeira pessoa (valor [+inclusivo]) quanto em estratégias de distanciamento a fim de que não fosse identificado num primeiro momento sua inclusão perante o enunciado facultativamente modalizado (parâmetro [\pm inclusivo]). Já a não inclusão estaria sujeita ao discurso onde haveria nitidamente uma terceira pessoa ou em orações sem sujeito, o que seria menos frequente em relação a nossa categoria em estudo. Ao fazermos a análise estatística descritiva de nossa amostra percebemos uma tendência maior dos falantes quanto a inclusão no discurso, de modo que essa influência determinaria como se daria a formulação da modalidade facultativa na camada do estado-de-coisas, no Nível Representacional.

A terceira hipótese deste estudo, por sua vez, está amparada no Nível Representacional, em buscamos confirmar a premissa de que o falante irá utilizar a modalidade facultativa em seu discurso prioritariamente orientada para o participante, uma vez que há uma predisposição, no Nível Interpessoal, pela inclusão do falante no valor modal facultativo instaurado. Esta inclusão determinaria diretamente a escolha da condição de realidade, do tempo e modo verbal escolhidos para a manifestação da categoria, podendo até mesmo dar-lhe uma maior inclinação para a modalidade facultativa intrínseca ou adquirida.

5.5.2.1 A Inter-relação entre o Nível Interpessoal com o Nível Representacional

Ao analisarmos as categorias referentes ao Nível Representacional e confrontá-las com a única categoria de análise relevante no Nível Interpessoal, o comportamento do falante quanto a sua inclusão no valor facultativo instaurado, observamos que os resultados

significativos estatisticamente residiram em três aspectos que acabam determinando o surgimento da modalidade facultativa: existe relação direta entre: (i) Posição do falante e Alvo da modalidade facultativa; (ii) Comportamento do falante e Modalidade facultativa orientada-para-o-evento; (iii) Comportamento do falante e Modalidade facultativa orientada-para-o-participante.

Vejam a Tabela 19:

Tabela 19 -- Cruzamento entre Comportamento /Posição do falante e Alvo da modalidade facultativa

Posição	Contagem	Alvo		Total
		Evento	Participante	
Não-inclusivo	Nº	4	67	71
	% Comportamento	5,6%	94,4%	100%
	% Alvo	100%	41,1%	42,5%
	% Total	2,4%	40,1%	42,5%
Inclusivo	Nº	0	96	96
	% Comportamento	0,0%	100%	100%
	% Alvo	0,0%	58,9%	57,5%
	% Total	0,0%	57,5%	57,5%
Total	Nº	4	163	167
	% Comportamento	2,4%	97,6%	100%
	% Alvo	100%	100%	100%
	% Total	2,4%	97,6%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Os dados acima nos confirmam que a modalidade facultativa orientada-para-o-evento não ocorre em um comportamento inclusivo, pois para que ela venha a se manifestar, é necessária uma circunstância ou condição física específica de eventos e não de pessoas, pois Como vimos, dada sua própria natureza da modalidade facultativa orientada-para-o-evento, ela não se manifesta em um âmbito inclusivo. Entretanto, observamos também que, quanto à orientação para-o-participante, o comportamento inclusivo é determinante para a manifestação da modalidade facultativa.

Fazendo um desdobramento da Tabela 19, observamos que, dos casos de modalidade facultativa orientada-para-o-participante, o seguinte cenário se desenhou em nossa pesquisa, de acordo com o que observamos na Tabela 20:

Tabela 20 - Cruzamento de dados entre Posição do falante e Modalidade facultativa orientada-para-o- participante

Posição	Contagem	MFOP			Total
		Não se aplica	Intrínseca	Adquirida	
Não-inclusivo	Nº	4	22	45	71
	% Comportamento	5,6%	31,0%	63,4%	100%
	% MFOP	100%	37,3%	43,3%	42,5%
	% Total	2,4%	13,2%	26,9%	42,5%
Inclusivo	Nº	0	37	59	96
	% Comportamento	0,0%	38,5%	61,5%	100%
	% MFOP	0,0%	62,7%	56,7%	57,5%
	% Total	0,0%	22,2%	35,3%	57,5%
Total	Nº	4	59	104	167
	% Comportamento	2,4%	35,3%	62,3%	100%
	% MFOP	100%	100%	100%	100%
	% Total	2,4%	35,3%	62,3%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

A situação descrita na Tabela 20 traz a realidade de que a modalidade facultativa orientada-para-o-participante pode ocorrer tanto durante o comportamento inclusivo quanto o não inclusivo. Contudo, a tendência maior do comportamento inclusivo em instaurar a modalidade facultativa adquirida mostrou-se significativa estatisticamente, tanto em relação ao comportamento inclusivo quanto ao não inclusivo dos entrevistados. Este fato apresentado é relevante porque traça o perfil dos entrevistados como uma população que demonstra linguisticamente valorizar o aprendizado adquirido, ou seja, suas experiências de vida, suas vitórias e superações individuais:

(57) **DOC:** Você acha que isso é falta de apoio familiar ou isto é uma causa social, a violência?

INF: com certeza isso (+) é por um lado a falta de apoio família' porque vamos dizê' aqui tem muitos pais que não **sabem** lê' tem muitos pais que trabalham só em prol de **conseguí**/ vamos dizê o pão de cada dia' tem muitos pais analfabetos que num ajudam os filhos'(FCPSF2E4-M)

Em (57), por exemplo, ao argumentar sobre os motivos da violência, cita que há famílias cujos pais não possuem a capacidade de ler e escrever, mas mesmo assim procuram dar o melhor para os seus filhos dentro de suas possibilidades, ao passo que outras famílias, independentemente de suas capacidades, não os ajudam. O verbo 'saber' é o que marca a modalidade facultativa orientada para o participante, neste caso, os pais por meio da habilidade de ler em polaridade negativa. Embora haja esta habilidade que, no mundo de hoje, seria um requisito necessário a toda e qualquer função no mundo do trabalho, mesmo

assim esses pais que o entrevistado cita em sua fala saem diariamente de casa a fim de dar o melhor de si para as suas famílias.

5.5.2.2 Inter-relação entre as categorias do Nível Representacional

Após o cruzamento das categorias, constatamos uma relação existente entre as ‘condições de realidade’ e a ‘polaridade, conforme nos mostram os resultados vistos na Tabela 21:

Tabela 21 - Cruzamento entre ‘Condições de realidade’ e ‘Polaridade’⁸⁵

Condição	Contagem	Polaridade		Total
		Negativa	Positiva	
	Nº	6	35	41
<i>Irrealis</i>	% Condições	14,6%	85,4%	100%
	% Polaridade	8,0%	38,0%	24,6%
	% Total	3,6%	21,0%	24,6%
	Nº	69	57	126
<i>Realis</i>	% Condições	54,8%	45,2%	100%
	% Polaridade	92,0%	62,0%	75,4%
	% Total	41,3%	34,1%	75,4%
	Nº	75	92	167
Total	% Condições	44,9%	55,1%	100%
	% Polaridade	100%	100%	100%
	% Total	44,9%	55,1%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Ratificamos, tendo por base os dados acima apresentados, que a condição *realis* seria a mais propícia a enunciar a polaridade negativa: o falante cearense, quando entrevistado para esta amostra, mostrou-se com maior tendência a enunciar a polaridade negativa, mostrando-nos que seu pensamento da realidade que o cerca não é exatamente do modo como ele esperaria que fosse, o que acaba traduzindo-se em incapacidades que este falante passou a ter no decorrer de sua vida, ou mesmo em suas capacidades e habilidades (ainda) não adquiridas:

(58) **DOC:** E a questão do desemprego, o que é que você acha?

INF: nem sei como falá' né" o desemprego no mundo intêro é grande, ((barulho)) (RSOF1E0-M)

⁸⁵ Valor do teste *qui-quadrado*: 0,000

A situação que o falante nos mostra é a de não estar apto a dar uma opinião segura acerca do desemprego, de modo que, em sua insegurança sobre o que vai falar, justifica-se modalizando o discurso através da explicação prévia de *não saber falar*, traduzindo uma capacidade que, de acordo com o próprio falante, ele ainda não adquiriu. Já quando o falante enuncia a modalidade facultativa em condição *irrealis*, a polaridade positiva mostrou-se bem mais expressiva que a negativa, indicando que ele possui bastante entusiasmo quanto a expectativas para o futuro:

(59) **DOC:** É isso aí, seu A., o senhor tem planos para o futuro?

INF: meu futuro é o seguinte' enquanto eu puder trabalhar' trabalhar/ quando eu chegar na idade de me aposentar' se o apusento der vou viver do meu apusento, (-AAFF2E0-M)

O trecho acima ressalta bem os planos futuros deste falante, em que ele demonstra bastante otimismo em relação a possibilidade de aposentar-se e sustentar-se através de sua aposentadoria quanto tiver adquirido a incapacidade de trabalhar, em virtude de sua idade avançada. O verbo 'poder', neste caso, é o que marca a modalidade facultativa em seu discurso que, orientada para o participante, mostra claramente a sua inclusão no predicado.

Quanto ao parâmetro do alvo na modalidade facultativa, obtivemos resultados significativos estatisticamente em três cruzamentos: com a modalidade facultativa orientada-para-o-evento, com a modalidade facultativa orientada-para-o-participante e quanto à tipologia dos estados-de-coisas encontrados. Isto posto, analisaremos em conjunto os resultados das duas orientações de modalidade:

Tabela 22 - Cruzamento de dados entre Alvo e Modalidade facultativa orientada-para-o-participante

(continua)

Orientação	Contagem	MFOP			Total
		Não se aplica	Intrínseca	Adquirida	
Participante	Nº	0	59	104	163
	% em Alvo	0,0%	36,2%	63,8%	100%
	% em MFOP	0,0%	100%	100%	97,6%
	% do Total	0,0%	35,3%	62,3%	97,6%
Evento	Nº	4	0	0	4
	% em Alvo	100%	0,0%	0,0%	100%
	% em MFOP	100%	0,0%	0,0%	2,4%

Tabela 22 - Cruzamento de dados entre Alvo e Modalidade facultativa orientada-para-o-participante

(conclusão)

Orientação	Contagem	MFOP			Total
		Não se aplica	Intrínseca	Adquirida	
Evento	% do Total	2,4%	0,0%	0,0%	2,4%
Total	Nº	4	59	104	167
	% em Alvo	2,4%	35,3%	62,3%	100%
	% em MFOP	100%	100%	100%	100%
	% do Total	2,4%	35,3%	62,3%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Como os 4 (quatro) casos de modalidade facultativa orientada-para-o-evento encontrados foram encontrados no *corpus* dizem respeito apenas a condições circunstanciais, focaremos nossa análise na modalidade facultativa orientada-para-o-participante, que mostrou-se significativa na medida em que não apenas foi responsável por 97,6% dos casos, mas também em razão de sua subdivisão entre modalidade intrínseca e adquirida ter sido encontrada na amostra com um certo equilíbrio, de modo que 35,6% cabem a manifestação de capacidades e habilidades inerentes ao participante do discurso, ao passo que 62,3% dos casos foram enunciados enumerando capacidades e habilidades aprendidas ao longo da vida.

Outro contexto encontrado de significância estatística entre os dados residiu no cruzamento de dados entre o alvo da modalidade facultativa e a tipologia dos estados-de-coisas que, conforme analisado, teve maior propensão a ser enunciada facultativamente com os parâmetros positivos para dinamicidade e controle:

Tabela 23 -Cruzamento de dados entre “alvo da modalidade facultativa” e ‘tipologia dos estados-de-coisas’

Alvo	Contagem	ECs				Total
		Estado	Posição	Processo	Ação	
Participante	Nº	2	1	69	91	163
	% Alvo	1,2%	0,6%	42,3%	55,8%	100%
	% EC	100%	50,0%	97,2%	98,9%	97,6%
	% Total	1,2%	0,6%	41,3%	54,5%	97,6%
Evento	Nº	0	1	2	1	4
	% Alvo	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	100%
	% EC	0,0%	50,0%	2,8%	1,1%	2,4%
	% Total	0,0%	0,6%	1,2%	0,6%	2,4%
Total	Nº	2	2	71	92	167
	% Alvo	1,2%	1,2%	42,5%	55,1%	100%
	% EC	100%	100%	100%	100%	100%
	% Total	1,2%	1,2%	42,5%	55,1%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

De acordo com o observado, há uma maior propensão de surgimento dos estados-de-coisas dinâmicos quando a modalidade facultativa está orientada para o participante e, dentre estes, a ação obtém a maior quantidade de casos, pois, por ela trazer em si os parâmetros [+dinâmico] e [+ controle], indica claramente que a entidade enunciada possui plenos poderes sobre a capacidade/habilidade modalizada:

(60) mas eu num **pudia** fazê o que eu faço hoje' eu não **pudia** ajudá minha família' num era'' e hoje eu **tenho condições** pra tudo' eu **tenho condições** de vivê'
(ALAF3E2-F)

A informante em questão, neste exemplo, nos traz uma série de modalizações facultativas: no momento em que ela faz um quadro comparativo entre o tempo passado, que ela não era capaz de ajudar a sua família como queria, e o tempo presente, no qual ela havia adquirido essa capacidade, há um paralelo entre *não poder fazer o que faz hoje*, ou seja, *ajudar* a família, o que indica uma negação das ações específicas e, portanto, configurar-se-ia num processo, e *ter condições de viver*, verbo este que, no contexto utilizado pela entrevistada, diz respeito a sustentar-se bem, ser dificuldades, ou, como ela própria fala, “ter condições para tudo”. O verbo viver, nesta colocação, indica-nos uma ação, pois ela diz em sua resposta possui tanto a dinamicidade quanto o total controle de sua vida.

Os estados-de-coisas não dinâmicos, especificamente os tipos situação e posição, foram contemplados em nosso *corpus* em poucos momentos. Acreditamos que isso se deve à amostra escolhida, mais propícia a que os entrevistados falassem sobre habilidades e capacidades sob um viés mais dinâmico. Porém, dos casos ocorridos deles, vimos que o estado-de-coisas do tipo situação se inclina para os dois alvos, ao passo que o estado foi enunciado somente em orientação para o participante:

(61) **DOC:** Você anda nos ônibus, a noite só?

INF: eu ando cum cum as minhas amiga' minha turminha né'' aí já evita um pôco se você vai pum lugá distante' num tem amigo' então fica muito ruim porque Natal é eu num tem nenhum parente é a única pessoa queu conheço lá é este padi' e: eu acho que num dava certo também a gente ficá lá não porque eu num tem assim muito conhecimento cum ele' e fica muito difícil prá você vai assim num lugá desse' **não tem condições** de ficá lá' porque ou você quebra a cara' ou então você volta pá trás' e se um dia eu chegá a saí de minha cidade' queu num quero' EU num quero voltá JAMAIS pá trás' eu consiguí algo que me fortaleça né'' que passa assim alguma coisa assim de bom' né'' (RMAF1E1-F)

A explicação da informante acima sobre os motivos pelos quais ela não anda em lugares distantes exemplifica bem o contexto em que pode ocorrer um estado-de-coisas não

dinâmico orientado para o participante, pois ela não se sente capaz de permanecer em outra cidade por uma série de motivos enumerados por ela, os quais são decorrentes justamente dessa capacidade não adquirida de estabelecer-se em outro lugar, ou seja, de seu controle acerca da situação.

Outros valores significativos encontrados em relação ao Nível representacional dizem respeito à modalidade facultativa orientada-para-o-evento⁸⁶ e sua relação com os estados-de-coisas: dos quatro casos ocorridos, foi vista uma tendência maior do estado-de-coisas do tipo processo ocorrer em condições circunstanciais, já que dois ocorreram nele. Os outros dois casos foram uma ação e um processo.

Em relação à modalidade facultativa orientada-para-o-participante, que também teve valores significativos quando posta relacionada com o estado-de-coisas, obteve os seguintes resultados:

Tabela 24 - Cruzamento entre ‘Modalidade facultativa orientada-para-o-participante’ e ‘Tipologia dos estados-de-coisas’

MFOP	Contagem	ECs				Total
		Estado	Posição	Processo	Ação	
Adquirida	Nº	2	0	53	49	104
	% MFOP	1,9%	0,0%	51,0%	47,1%	100%
	% EC	100%	0,0%	74,6%	53,3%	62,3%
	% Total	1,2%	0,0%	31,7%	29,3%	62,3%
Intrínseca	Nº	0	1	16	42	59
	% MFOP	0,0%	1,7%	27,1%	71,2%	100%
	% EC	0,0%	50,0%	22,5%	45,7%	35,3%
	% Total	0,0%	0,6%	9,6%	25,1%	35,3%
Não se aplica	Nº	0	1	2	1	4
	% MFOP	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	100%
	% EC	0,0%	50,0%	2,8%	1,1%	2,4%
	% Total	0,0%	0,6%	1,2%	0,6%	2,4%
Total	Nº	2	2	71	92	167
	% MFOP	1,2%	1,2%	42,5%	55,1%	100%
	% EC	100%	100%	100%	100%	100%
	% Total	1,2%	1,2%	42,5%	55,1%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

A Tabela 24 mostra uma predisposição maior dos falantes a enunciarem a modalidade facultativa adquirida. Entretanto, tomados os estados-de-coisas individualmente, vemos que há a prioridade do processo sobre a ação, o que nos faz acreditar

⁸⁶ Valor do teste *Qui-quadrado*: 0,000

que isso ocorre porque o falante do Ceará demonstra valorizar em seu enunciados facultativamente modalidades a situação de aprendizado de determinada habilidade, seja de si mesmo ou de outra pessoa:

(62) **DOC:** E com quem o senhor aprendeu essa profissão?

INF: essa profissão' eu aprendi' com uma mulhé: (+) jardineira também' né'' aí eu fui trabalhá pra ela aí fiquei trabalhano' aí ela começou a me ensiná aí a gente naquilo gosta vai tomando gosto nas coisas' né'' então aquilo me me serviu/ que:: achei' que: dava certo' logo eu quero muito bem a planta' eu gosto muito de planta' eu gosto muito de plantá,

DOC: O senhor acha que... qualquer pessoa pode ser jardineiro?

INF: qualqué pessoa (+) **pode** sê jardineiro'contanto que tenha o bom gosto de:/.../

[[

DOC: Tem que gostar de planta, né?

[[

INF: tem que gostá de planta' se você faz uma coisa que num gosta' num dá certo (+) nunca dá certo' vai num tem gosto naquilo' num vai pra frente, (JRGF3E1-M)

O exemplo (62) mostra uma das maneiras pelas quais encontramos a modalidade facultativa neste *corpus*: o falante enumera a valorização que ele dá ao aprendizado. Mesmo que seja uma habilidade que inicialmente poderia ser considerada intrínseca, ele dá uma série de conhecimentos prévios que aquela entidade/pessoa deve ter para que, finalmente, possa ser considerada dotada de determinada habilidade. No exemplo em questão, a habilidade de ser jardineiro que, embora seja uma habilidade que qualquer pessoa possa ter, há várias etapas que esta pessoa precisa alcançar para que possa realmente tornar-se um jardineiro bom. À primeira vista poderíamos dizer que se tratava de um caso de modalidade facultativa intrínseca, pois logo no início é perguntado se qualquer pessoa poderia ser jardineiro, o que é confirmado logo em seguida. No entanto, ao analisarmos o contexto em que essa resposta é dita percebemos que, segundo a opinião do informante, é necessária uma característica anterior (no caso, gostar de plantas) para que qualquer pessoa se torne um jardineiro. Partindo desse comentário, a ação de gostar de plantas seria algo intrínseco ao indivíduo, portanto inerente a qualquer pessoa que seja jardineiro. Sendo assim, gostar de plantas é vista como uma capacidade intrínseca tomada como pré-requisito para qualquer pessoa adquirir a habilidade de ser jardineiro.

Em (63), temos uma outra nuance da modalidade facultativa, em sua faceta intrínseca, ou seja, que traz em si uma habilidade ou capacidade independente de outras ações, inerente ao indivíduo:

(63) **DOC:** Você seria um médico caridoso?

INF: com certeza' com certeza eu seria' porque: eu não sô: assim de classe média' eu sô de CLA:sse:: baixa' então' como eu sô de classe baixa' eu também poderia compreendê o que as ôtras pessoas da classe bai/ da classe baixa também passam, (JBXF1E3-M)

O exemplo anterior traz a modalidade facultativa bastante marcada, com o comprometimento do falante sobre o que está sendo dito (enunciado em primeira pessoa), pois o informante coloca-se intrinsecamente dotado da capacidade de ser caridoso e compreender os necessitados justamente por ser de origem humilde. Vale ressaltar, ainda que nesse exemplo encontramos a modalidade facultativa orientada para o participante pois o próprio enunciador é o alvo dessa proposição, relacionando ele mesmo a sua potencialidade de realizar o ato de ser caridoso.

Além destes, outro caso significativo em relação a modalidade facultativa orientada-para-o-participante residiu quanto ao seu cruzamento de dados com a polaridade⁸⁷:

Tabela 25 - Cruzamento de dados entre Modalidade facultativa orientada-para-o-participante e Polaridade

MFOP	Contagem	Polaridade		Total
		Negativa	Positiva	
Adquirida	Nº	54	50	104
	% MFOP	51,9%	48,1%	100%
	% Polaridade	72,0%	54,3%	62,3%
	% Total	32,3%	29,9%	62,3%
Intrínseca	Nº	18	41	59
	% MFOP	30,5%	69,5%	100%
	% Polaridade	24,0%	44,6%	35,3%
	% Total	10,8%	24,6%	35,3%
Não se aplica	Nº	3	1	4
	% MFOP	75,0%	25,0%	100%
	% Polaridade	4,0%	1,1%	2,4%
	% Total	1,8%	0,6%	2,4%
Total	Nº	75	92	167
	% MFOP	44,9%	55,1%	100%
	% Polaridade	100%	100%	100%
	% Total	44,9%	55,1%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Quanto à polaridade, embora haja um certo equilíbrio entre as quantidades enunciadas, sobretudo na modalidade facultativa adquirida, percebemos que, quando a modalidade facultativa intrínseca é manifestada, ela possui uma tendência maior em ser

⁸⁷ Valor do teste *qui-quadrado*: 0,014

enunciada na polaridade positiva, o que se justifica em virtude de habilidades intrínsecas serem naturais ao indivíduo, não havendo, necessariamente, um aprendizado prévio dela:

(64) **DOC:** Pretende estudar mais?

INF: eh:: pretendo' por sinal (+) e:u continuo istudano' porque: o meu objetivo é: chega (+) às portas da universidade' né'' chegá ao nível superiô' tendo em vista que a globalização hoje (+) (eh:) é uma das coisas que: o progresso tem chegado (+) vindo desde os países de primeiro mundo' até o:s país de: sigundo e terceiro mundo' **puderia** dizê até que o Brasil é um país já é: é de terceiro mundo' que embora (+) não seja considerado mais realmente é' e a globalização (+) FAZ cum que você (+) lute pa:ra: atingí: novos objetivos'(JAFF2E3-M)

A marcação da modalidade no trecho acima com o verbo “poderia” indica que o falante mostra-se capaz de dar a sua opinião sobre a situação em que o país se encontra, mostrando um caso de polaridade positiva, pois ele, ao mesmo tempo que julga-se capaz, mostra-se dotado desta habilidade ao dar a sua opinião sobre o assunto em questão, no caso, o lugar do Brasil perante à globalização.

Em relação à modalidade adquirida observamos uma tendência maior para a polaridade negativa. Explicamos esse fato em razão de o cerne da modalidade adquirida estar situado entre os estados-de-coisas processo e ação: como ela é uma modalidade que diz respeito a habilidades e capacidades que você pode adquirir no decorrer de sua vida, é natural que, no discurso, o falante englobe aptidões que ele tenha e como ele as adquiriu, aprendizados que ele não possui mas que espera em um tempo futuro aprender, ou mesmo ações que ele antes fazia mas que, por razões diversas, ele acabou adquirindo determinada incapacidade ao longo de sua vida, seja por idade, acidentes, traumas ou quaisquer outras questões. Isso confirma, automaticamente, os resultados obtidos em nossa Tabela 25.

Por fim, analisamos também a inter-relação existente entre a tipologia dos estados-de-coisas encontrados na amostra e as categorias dentro do próprio Nível Representacional seriam relevantes significativamente e vimos que o seu cruzamento com a polaridade se mostrou relevante.

Quanto à relação entre os EC e a Polaridade, observamos a seguinte configuração:

Tabela 26 - Cruzamento de dados entre Tipologia dos EC e Polaridade

EC	Contagem	Polaridade		Total
		Negativa	Positiva	
Ação	Nº	10	82	92
	% EC	10,9%	89,1%	100%
	% Polaridade	13,3%	89,1%	55,1%
	% Total	6,0%	49,1%	55,1%
Processo	Nº	62	9	71
	% EC	87,3%	12,7%	100%
	% Polaridade	82,7%	9,8%	42,5%
	% Total	37,1%	5,4%	42,5%
Posição	Nº	1	1	2
	% EC	50,0%	50,0%	100%
	% Polaridade	1,3%	1,1%	1,2%
	% Total	0,6%	0,6%	1,2%
Estado	Nº	2	0	2
	% EC	100%	0,0%	100%
	% Polaridade	2,7%	0,0%	1,2%
	% Total	1,2%	0,0%	1,2%
Total	Nº	75	92	167
	% EC	44,9%	55,1%	100%
	% Polaridade	100%	100%	100%
	% Total	44,9%	55,1%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

A partir da análise feita pela distribuição dos dados acerca do cruzamento entre os estados-de-coisas e a polaridade, observamos um dado interessante: se, por um lado, quando os falantes do Cariri enunciam os estados-de-coisas do tipo ação primordialmente com a polaridade positiva, acontece a situação exatamente oposta quando analisamos o processo, cuja maior parte dos enunciados indicam uma predisposição maior à polaridade negativa. Acreditamos que este resultado se deve ao fato de o processo ser um tipo de EC dotado de dinamismo, mas ainda não dotado de controle; sendo assim, o falante ainda não poderia realizá-lo, pois, se ele tivesse controle sobre sua ação, o EC seria, na verdade uma ação. Vejamos o exemplo a seguir:

(61) **DOC:** O senhor acha que o futebol na cidade ele tem apoio?

INF: não (+) tem não' o futebol do Crato poderia sê melhó' porque o futebol é:./ tira muita gente dos caminhos errados eh eh (+) o Vasco mesmo já tirô pessoas que num queria' porque era pessoa errada' mas a gente deu aquela força' aquele carinho' aquela pessoa e hoje a pessoa é ôtra' diferente (+) acho que os políticos deveriam olhá (+) não para o futebol' mas para o esporte em geral' acho que o esporte é lazê' é cultura' é saúde' quem prática esporte sempre é uma pessoa sadia' acho que falta isso nos (+) poderosos' agora eh eh tem aqueles grupos que num **pode** ajuda naquela ajuda firme' mas ajuda cum a quantia que **pode**' compra um ingresso' compra uma rifa' acho que tudo isso ajuda' né'' (RBFF2E2-M)

Neste exemplo, vemos o verbo ‘poder’ duas vezes, uma em polaridade negativa, indicando uma ação que não aconteceu (“ajudar naquela ajuda firme”), configurando-se num processo, e logo em seguida uma ação, mostrando o tipo de ajuda que pôde ser dada por esse time de futebol. Justificamos esse resultado em razão de o processo ser um estado-de-coisas em que o argumento 1 (sujeito) possui o dinamismo para fazer a ação designada no predicado, mas não possui ainda o controle sobre ela, o que faz com que ele fique um estágio abaixo da ação e, portanto, o propicie mais a dizer que não tem determinada habilidade/capacidade. Já a ação, por trazer em si tanto o dinamismo quanto o controle, proporcionam ao sujeito plenos poderes para executá-la, o que faz com que ela seja fatalmente mais predisposta à polaridade positiva.

Com isso, concluímos nossa análise dos cruzamentos significativos entre categorias dentro do Nível Representacional entre si mesmas. A seguir, faremos nossas considerações, respectivamente, acerca dos cruzamentos significativos entre o Nível Representacional e o Nível Morfossintático

5.5.2.3 A inter-relação entre o Nível Representacional com o Nível Morfossintático

Nesta seção, buscamos mostrar quais foram as relações significativas obtidas do cruzamento entre as categorias dos níveis Representacional e Morfossintático. Isto posto, verificamos significância estatística nos seguintes cruzamentos de dados: condições de realidade e as categorias de tempo e modo, respectivamente; modalidade facultativa orientada-para-o-participante e classes de palavras; modalidade facultativa orientada-para-o-participante e polaridade; estados-de coisas e classes de palavras e, por fim, o cruzamento entre os estados-de-coisas e a polaridade.

Passemos à análise de cada um dos resultados encontrados.

O primeiro enumerado aqui diz respeito ao cruzamento entre Condições de realidade e duas categorias de análise do Nível Morfossintático: tempo verbal e modo verbal, cujos resultados discutiremos a seguir, de acordo com o apresentado na Tabela 28 (em anexo), que exhibe os resultados da amostra quanto ao cruzamento de dados entre condições de realidade e tempo verbal.

Já descrevemos outrora as condições de realidade e vimos que o modo *realis* foi o predileto dos falantes do Ceará para expressarem a modalidade facultativa. Ao fazerem uso dele, há a preferência do tempo presente, o que confirma nossa explanação de que o falante, ao dizer suas habilidades ou de outro indivíduo, faz um julgamento com base nas

crenças que possui e enuncia, na maior parte das vezes, se ele as têm ou não as dispõe. O mesmo ocorre com a categoria *irrealis*, onde o presente também foi o tempo verbal preferido. Nesse ínterim, ao observar individualmente cada tempo verbal, vemos que o pretérito perfeito, dada semântica de ações concluídas em momento anterior ao da enunciação, fica totalmente determinado ao *realis*. Já o pretérito imperfeito, embora possa aparecer, mesmo que em menor escala, na condição oposta, também é relegado na maioria das vezes ao âmbito do realizado; já o futuro do presente, tempo verbal que ocorreu apenas duas vezes, além de não ser muito usual na fala do português cariense, esteve totalmente condicionado ao *irrealis*, assim como o futuro do pretérito.

No que concerne ao modo verbal utilizado pelos falantes do Cariri, observamos que há uma relação entre estas categorias de análise, como podemos visualizar na Tabela 27:

Tabela 27 - Cruzamento de dados entre ‘Condições de realidade’ e ‘Modo verbal’

Condição	Contagem	Modo			Total
		Indicativo	Subjuntivo	Não se aplica	
<i>Irrealis</i>	Nº	9	9	23	41
	% Condições	22,0%	22,0%	56,1%	100%
	% Modo	10,2%	64,3%	35,4%	24,6%
	% Total	5,4%	5,4%	13,8%	24,6%
<i>Realis</i>	Nº	79	5	42	126
	% Condições	62,7%	4,0%	33,3%	100%
	% Modo	89,8%	35,7%	64,6%	75,4%
	% Total	47,3%	3,0%	25,1%	75,4%
Total	Nº	88	14	65	167
	% Condições	52,7%	8,4%	38,9%	100%
	% Modo	100%	100%	100%	100%
	% Total	52,7%	8,4%	38,9%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Com base nos dados acima, concluímos que, nos casos em que o falante utilizava a condição *realis*, prevalecia em seu discurso o modo indicativo, ao passo que, quando o seu ato discursivo se desenrolava para a condição *irrealis*, ele possuía as mesmas chances de utilizar tanto o modo indicativo quanto o subjuntivo para manifestar a modalidade facultativa. Acreditamos que os casos de modo verbal indicativo favorecem a condição *realis* justamente por este ser relacionado diretamente ao campo das certezas, âmbito que inclui também o modo em questão, no âmbito do realizado:

(63) **DOC:** Devia ser muito prestigiada, porque é exatamente da produção rural, né que sai...

INF: é' DEVIA SÊ' devia sê muito bem prestigiada porque é quem produz' é QUEM SUA' É QUEM SOFRE' É QUEM **SABE** PRODUZI' porque lá nus laboratórios' eles não sintetizam a molécula de de ARROZ' não sintetizam a molécula de FEIJÃO' a do MILHO' a da FAVA' a do ANDU' de nenhum gênero alimentício' (JWPF3E3-M)

A modalidade facultativa nesta entrevista é marcada pelo verbo 'saber' que, em tempo presente do modo indicativo, traduz a capacidade dos trabalhadores rurais, pois, segundo o falante, são eles os que verdadeiramente são capazes de produzir o alimento porque o produzem e suam em sua labuta com a terra. Tal fato, para o falante, é algo totalmente no campo do realizado, pois ele possui a vivência deste fato. Já quando estamos lidando com a condição *irrealis*, por ela estar ligada diretamente às possibilidades, o que dará a ela o tom do modo verbal será justamente o contexto que o falante dará acerca do que ele estará dizendo. Há, por exemplo, a probabilidade um tanto remota de determinados fatos enunciados acontecerem, como no exemplo abaixo:

(64) **INF:** aí (incompreensível) nua bebedêzinha ali num dia de sábado' (+) (incompreensível) aí eu disse assim' MININO (+) se eu pudesse (+) o cruzêro tá já caíno' se fosse coisa queu chegasse lá e **pudesse** (+) aplumá ele' eu ia' mias pur causo queu num posso (+)/ aí eleh tavam tudo alí C.' D.' E.' (incompreensível) aí disseram assim' NÃO' QUERENDO Í NOÍS SE REÚNE AQUI e nós hamo' (JBRF3E0-M)

O falante em questão está relatando uma situação cotidiana de diversão com seus amigos, em que ele estava bebendo e disse aos colegas que, se fosse dotado dos requisitos necessários, ou seja de *capacidades* específicas, ele teria como ir até o time do Cruzeiro e "aprumar", endireitar o time em questão. Entretanto, ele não possuía tais capacidades e a marca linguística pela qual identificamos isso é justamente a utilização do subjuntivo.

Outro valor significativo foi encontrado na correlação entre a modalidade facultativa orientada para o participante e as classes de palavras analisadas em nossa amostra, conforme nos mostra a Tabela 31 (apêndice B), indicando uma significância de 0,002 entre as categorias 'modalidade facultativa orientada-para-o-participante' e 'classes de palavras'.

Embora haja ainda uma tendência maior de que a modalidade facultativa orientada para o participante seja enunciada com verbos modais⁸⁸, quando tomadas individualmente, percebe-se que os verbos plenos propiciam muito mais a modalidade facultativa adquirida que os modais, pois, enquanto estes obtiveram um total de 29

⁸⁸ Mais especificamente o verbo 'poder', como descrevemos nas seções anteriores.

ocorrências (17,4%) aqueles foram enunciados 42 vezes (25,1% do total). Isso se deve, sobretudo, ao verbo conseguir, que, ao lado do verbo poder, foram os dois verbos que mais marcaram a modalidade facultativa no português oral do Cariri:

(65) depois tentei fazê vestibulá' passei no vestibulá' só que era mais difícil fazê vestibulá:' a faculdade' porquê eu não tía condições' principalmente' pagá ônibus' e:: (+) dei aula particulá pá **podê** pagá meu ônibus (+) sempe táva dando aula' fu:i e: **consegui** fazê a faculdade' os trancos e barrancos' (MLAF2E4-F)

A modalidade facultativa veio marcada duas vezes em (66), uma vez por meio do verbo 'poder', o modal por excelência e marca principal não apenas da modalidade facultativa, mas também da maior parte da tipologia modal, e o outro caso com o segundo verbo que mais surgiu em nossa amostra, o verbo conseguiram, ambos inseridos em perífrases que nos dão a ideia de duas ações em condição *realis*, já que aconteceram em um tempo anterior ao da enunciação, e além disso possuem a feição de que uma acaba complementando a outra: para que ela pudesse adquirir a capacidade de concluir os seus estudos (fazer a faculdade), ela precisava deslocar-se e os meio para isso era "dando aulas particulares", para que ela obtivesse a capacidade de "pagar o ônibus" e assistir as aulas na universidade.

Também observamos relevância no cruzamento entre as 'classes de palavras' e a Tipologia dos EC, obtendo, de acordo com a Tabela 32 (apêndice B), as seguintes informações: quando os falantes enunciam EC do tipo 'ação', há uma tendência para que ele seja enunciado com verbo modal. A mesma situação ocorreu em enunciados do tipo 'processo', que foram enunciados com verbo modal em 16,8% do total de casos. Os casos de 'estado', encontrados tiveram uma ocorrência com verbo pleno e outra com adjetivo e, por fim, dos dois casos de 'posição', nenhum deles referiu-se à categoria palavra: ambos os casos encontrados foram de sintagmas.

A última das relações existentes entre as categorias dos Níveis Representacional e Morfossintático diz respeito ao cruzamento entre polaridade e modo verbal:

Tabela 28 - Cruzamento de dados entre 'Polaridade' e 'Modo Verbal'

(continua)

Modo	Contagem	Polaridade		Total
		Negativa	Positiva	
Não se aplica	Nº	30	35	65
	% Modo	46,2%	53,8%	100%
	% Polaridade	40,0%	38,0%	38,9%
	% Total	18,0%	21,0%	38,9%

Tabela 28 - Cruzamento de dados entre ‘Polaridade’ e ‘Modo Verbal’

(conclusão)

Modo	Contagem	Polaridade		Total
		Negativa	Positiva	
Subjuntivo	Nº	0	14	14
	% Modo	0,0%	100%	100%
	% Polaridade	0,0%	15,2%	8,4%
	% Total	0,0%	8,4%	8,4%
Indicativo	Nº	45	43	88
	% Modo	51,1%	48,9%	100%
	% Polaridade	60,0%	46,7%	52,7%
	% Total	26,9%	25,7%	52,7%
Total	Nº	75	92	167
	% Modo	44,9%	55,1%	100%
	% Polaridade	100%	100%	100%
	% Total	44,9%	55,1%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

De acordo com o descrito, há um certo equilíbrio entre a polaridade e o modo indicativo, pois a diferença entre a polaridade negativa e a positiva neste modo ficou em 1,2%, ou seja, apenas dois casos. Porém, quando analisada a situação em que se encontra o modo subjuntivo, vimos que todas as ocorrências deste foram em polaridade positiva, não havendo nenhuma negativa. Sendo assim, podemos chegar à conclusão de que, para a expressão da modalidade facultativa no português oral do Cariri, o modo verbal tem influência na polaridade.

Uma das conclusões que podemos tirar da análise destes dados é que o modo subjuntivo, por se tratar de algo que está no âmbito do *irrealis*, mostrou-se no *corpus* com tendências a enunciação com polaridade positiva, já que não houve nenhum caso de polaridade negativa com este modo verbal. Já o modo indicativo, por sua vez, como está inserido no campo do *realis*, pode enumerar habilidades e capacidades que o falante ou outro participante possua ou não possua, podendo vir tanto em uma quanto em outra polaridade.

5.5.2.4 Nível Morfossintático e inter-relações possíveis

Por fim, nossa hipótese formulada acerca da modalidade facultativa no tocante ao Nível Morfossintático referiu-se ao verbo como a principal expressão da modalidade facultativa no português falado no Cariri. Esta classe de palavras, por sua vez, mantém relação direta com as categorias de tempo e modo, o que poderia contribuir para a construção

da interação social por meio da linguagem. Com isso, observamos, de acordo com as tabelas anteriormente analisadas, os verbos foram os mais escolhidos pelos falantes ao manifestar a modalidade facultativa e, destes, os homens preferiram a utilização do verbo modal ao passo que as mulheres utilizaram mais verbos plenos e sintagmas para instaurar a modalidade facultativa no discurso. Vimos também que o tempo e modo preferido para estes verbos foi o presente do indicativo, o que casa com a nosso pressuposto de construção e manutenção da imagem dos participantes do ato discursivo e, assim como nos níveis anteriores, fizemos a análise estatística também das categorias referentes a este nível e, após as rodadas no programa SPSS e chegamos às seguintes conclusões: a primeira destas faz menção ao tipo de expressão linguística encontrada em nossa amostra, que, ao serem analisadas as categorias deste nível entre si, corrobora os resultados obtidos no Nível Representacional, de maneira que o os verbos, sobretudo os modais, possuem relação direta com a instauração da modalidade facultativa. Destes, quando examinamos suas principais características, temos o seguinte cenário:

Tabela 29 - Cruzamento de dados entre Tipo de expressão linguística e Modo verbal

	Contagem	Modo			Total
		Indicativo	Subjuntivo	Não se aplica	
Palavra	Nº	88	14	28	130
	% Expressão	67,7%	10,8%	21,5%	100%
	% Modo	100%	100%	43,1%	77,8%
	% Total	52,7%	8,4%	16,8%	77,8%
Sintagma	Nº	0	0	37	37
	% Expressão	0,0%	0,0%	100%	100%
	% Modo	0,0%	0,0%	56,9%	22,2%
	% Total	0,0%	0,0%	22,2%	22,2%
Total	Nº	88	14	65	167
	% Expressão	52,7%	8,4%	38,9%	100%
	% Modo	100%	100%	100%	100%
	% Total	52,7%	8,4%	38,9%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Dos modos verbais encontrados em nossa amostra, percebemos que os falantes do Cariri fizeram seu uso, prioritariamente, no modo indicativo, o que direciona à conclusão de que este, por ser o modo das ações certas em relação a um tempo específico (presente, passado ou futuro), acabam por confirmar todos os resultados obtidos nos níveis anteriores.

Quando tomados os parâmetros analíticos ‘Classe de palavra’ e ‘Modo verbal’, a situação apresentada confirma os dados apresentados na tabela anterior, de sorte que a

maior parte dos verbos modais que surgem na amostra ocorrem em modo indicativo, ou seja: de um total de 88 casos do modo indicativo, em 50 os verbos modais estiveram presentes, ao passo que os verbos plenos surgiram apenas 38 vezes. Já em relação ao modo subjuntivo, houve um maior equilíbrio, em que, das 14 manifestações deste modo, foram encontrados 8 casos de verbos modais e 6 de verbos⁸⁹.

Por fim, quanto às categorias relacionadas ao cruzamento das classes de palavras com as camadas inferiores da GDF, observamos significância também entre classes de palavras e modo verbal e classes de palavras e tempo verbal, obtendo o resultado de 0,000 no teste estatístico, o que é justificado pelo fato de a classe de palavra mais utilizada para a expressão da modalidade, em especial a modalidade facultativa, é o verbo, que por si só já traz intrinsecamente as noções de tempo e modo.

5.6 Síntese conclusiva

Neste capítulo, apresentamos a nossa análise quali-quantitativa das 167 ocorrências de modalidade facultativa encontradas nas 60 entrevistas escolhidas do *corpus* PROFALA com base em Carvalho (2007), assim, como a inter-relação entre as categorias de análise descritas em nossa Metodologia. A descrição dos resultados encontrados foi apontada com base em exemplos interpretados, tabelas de frequência e de cruzamentos de dados das categorias de análise descritas em nossa Metodologia.

Nossa análise buscou identificar como se dá a expressão da categoria modalidade facultativa, que, à luz dos pressupostos GDF e de outros trabalhos acerca da categoria, puderam ser explicitados e identificados com fins de identificarmos como o falante constrói uma expressão linguística facultativamente modalizada. Nossa sequência de análise iniciou com as frequências das categorias referentes ao Componente Contextual e ao Componente Gramatical, respectivamente, para, em seguida, obter por meio do cruzamento de dados com o auxílio do programa SPSS as possíveis relações entre o estes componentes, por meio dos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático.

Por conseguinte, desenvolvemos nosso ponto de vista acerca dos dados significativos estatisticamente encontrados na amostra, de forma que eles pudessem refutar ou confirmar nossas hipóteses de trabalho elaboradas para a execução desta pesquisa. O teste *Qui-quadrado* foi utilizado para elaborarmos estes cálculos que, com o auxílio do programa

⁸⁹ Cf. Tabela 35 (em anexo).

estatístico SPSS, de modo a identificar quais elementos do Componente Contextual trariam informações relevantes para o Componente Gramatical, informações estas que gerariam uma reação em cadeia em todos os níveis da Formulação e Codificação. Dentre estes, as escolhas feitas pelo falante na Formulação dos níveis Interpessoal quanto aos efeitos da inclusão ou não inclusão do falante em seu discurso iriam determinar, no Nível Representacional quanto às condições de realidade e quais aspectos semânticos irão determinar a Codificação Morfossintática por meio de expressões linguísticas, sintagmas e palavras quanto ao surgimento da categoria modalidade facultativa no português falado no Ceará.

6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, investigamos os aspectos principais que determinam o surgimento da modalidade facultativa no português brasileiro falado no Ceará, buscando analisar e descrever as suas principais marcas linguísticas e quais fatores contextuais determinariam o surgimento de expressões modais facultativas. Em busca desta descrição, apresentamos como hipótese inicial o fato de que o Componente Contextual teria uma grande influência sobre a exteriorização da modalidade facultativa, pois suas informações iriam causar efeitos em todos os níveis do Componente Gramatical.

Sendo assim, partimos para a análise dos contextos relevantes para a situação linguística analisada e, com base na Gramática Discursivo-Funcional e nos teóricos de base que estudaram a tipologia das modalidades, seguimos a estrutura *top down* de análise e identificamos os principais aspectos que proporcionam a manifestação da modalidade facultativa no discurso dos falantes cearenses.

No processo de caracterização da modalidade facultativa, era imprescindível a apresentação da distinção entre as formas linguísticas encontradas e os contextos de surgimento de cada uma delas a fim de sanar possíveis ambiguidades existentes. Com isso, iniciamos este trabalho com a identificação e caracterização da modalidade facultativa desde os primeiros estudos de cunho filosófico até sua feição atual e quais os processos teóricos pelos quais esta teoria passo a fim de que possamos delimitá-la e compreender quais são os seus limites e suas possibilidades, o que foi feito na Introdução deste trabalho até o terceiro Capítulo.

No Capítulo 4, dedicado à Metodologia, versamos sobre quais seriam os nossos procedimentos de análise e ponderações acerca do *corpus* PROFALA, em que detalhamos a amostra escolhida para o estudo e o detalhamento das categorias de análise, que foram testadas no capítulo seguinte, “Análise da Modalidade Facultativa no português do Ceará”.

No Capítulo 5 identificamos, com base na GDF, quais perspectivas seriam relevantes em relação ao Componente Contextual e identificamos que as variáveis idade, sexo e escolaridade como as mais relevantes para a instauração da modalidade facultativa no discurso. Neste capítulo, buscamos responder as questões de nossa Introdução, que nortearam toda a nossa pesquisa.

Quanto à primeira questão de pesquisa, (*Qual a relação entre o Componente Contextual e cada nível do Componente Gramatical (níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático) para a manifestação da categoria modalidade facultativa no português*

falado no Ceará?), vimos que, dos 167 casos de modalidade facultativa encontrados, 82 foram enunciados pelo sexo feminino e o restante (85), pelo masculino; a idade que mais utilizou a modalidade facultativa foi a faixa etária F2, na qual estão inseridos falantes de ambos os sexos com idades entre 25 e 49 anos, responsáveis por 80 ocorrências. A segunda faixa etária, com 49 ocorrências foi a F3, dos falantes a partir de 50 anos, e os falantes mais jovens (F1 – informantes entre 15 e 24 anos) foram os que menos expressaram-se facultativamente. Por fim, em relação à escolaridade, o nível E3 foi a que mais enunciou a modalidade facultativa. Já os analfabetos (E0), de todos os graus de instrução formal divididos na amostra foram os que menos empregaram a modalidade facultativa. Os dados também nos trouxeram outras informações relevantes sobre Componente Contextual: ele age diretamente sobre o Componente Gramatical trazendo informações relevantes para que os falantes possam dar prosseguimento ao Ato Discursivo, Tais informações mostraram-se relevantes, sobretudo a fim de caracterizar o sexo enquanto um fator determinante para identificar como se dá a modalidade facultativa no discurso. Embora não tenhamos encontrado em nosso *corpus* um termo exclusivo de um ou outro sexo, vimos que há tendências de uso de uma ou outra condição de realidade, ou do tipo de expressão linguística mais frequente em um ou outro, sexo, a saber: o sexo masculino, por exemplo, mostrou-se como mais tendencioso estatisticamente, a manifestar a condição *realis* em seu discurso durante a modalidade facultativa, ao passo que a condição *irrealis* possui maior relação com o sexo feminino. Seguindo ainda essa tendência, a categoria sexo foi determinante sobretudo em relação ao Nível Morfossintático, em que se observou que os falantes do sexo feminino tendem a enunciar a modalidade facultativa mais com sintagmas que o masculino. Quanto às classes de palavras, o sexo masculino prefere usar os verbos modais, ao passo que os falantes do sexo feminino utilizam mais os verbos plenos e, dos verbos, há ainda uma tendência significativa do sexo masculino em utilizar os tempos presente e pretérito perfeito. Esses resultados nos surpreenderam em virtude de esperarmos que as informações do Componente Contextual estivessem mais voltadas para os Níveis Interpessoal e Representacional.

O seguinte questionamento, (*Em que medida os aspectos relativos ao Nível Interpessoal condicionam os níveis Representacional e Morfossintático para a expressão da modalidade facultativa no português falado no Ceará?*), mostrou que, no Nível Interpessoal, o único tipo de ilocução apresentada foi a declarativa e, quanto aos parâmetros de inclusão/não inclusão do falante no discurso houve uma tendência maior para a inclusão, o que confirma nossas hipóteses iniciais de trabalho, pois a inclusão no discurso mostra uma

maior probabilidade de ser enunciada a modalidade facultativa orientada para-o-participante. Além disso, quanto aos padrões de inclusão do falante, observamos a necessidade de identificar marcas específicas de inclusão e não-inclusão a fim de sanar incoerências teóricas em relação a enunciados em que houvesse comportamento inclusivo ou não inclusivo do falante, identificamos, portanto, três parâmetros semântico-pragmáticos: [+inclusivo], [±inclusivo] e [não inclusivo]. Conforme sugerimos, o parâmetro [+inclusivo] foi o mais utilizado pelos falantes de nosso *corpus*. Quando passamos ao nível seguinte, o Representacional, vimos que os parâmetros [+ inclusivo] e [±inclusivo], por tratarem-se, respectivamente, de inclusão direta ou indireta do valor facultativo instaurado no discurso, foram tratados como inseridos semanticamente na modalidade facultativa orientada para-o-participante.

A terceira questão de pesquisa, (*Quais aspectos relativos ao Nível Representacional determinam a manifestação da modalidade facultativa no português do Ceará?*) trouxe uma situação relativamente esperada por nós no sentido de que, como a modalidade facultativa surge primordialmente no Nível Representacional, ela seria a mais complexa e, portanto, demandaria diversas situações em que haveriam muitas significâncias. Um fator, entretanto, não previsto em nossas hipóteses, entretanto, quantidade expressiva de enunciados modais facultativos em que estava presente a polaridade negativa, tendo sido responsável por 75 casos dos 167 encontrados. Este dado, portanto, nos inclinou a investigar se havia algum termo específico para tratar da incapacidade no português brasileiro, mas não foi encontrado nenhum indício de termo não usual para esta categoria. Entretanto, após a análise dos dados, verificamos a existência de relação entre ‘polaridade’ e as categorias relacionadas às ‘condições de realidade’ e modalidade facultativa orientada-para-o-participante, ao menos no que diz respeito ao Nível Representacional.

Outra situação problemática reside na definição dos parâmetros da modalidade facultativa orientada-para-o-evento a fim de identificar as distinções entre condições físicas e circunstanciais. Como encontramos poucos casos desse tipo de modalidade, acreditamos na importância de estudos posteriores específicos sobre este tipo de modalidade a fim de identificar com mais detalhes quais são as suas marcas e especificidades em língua portuguesa.

A penúltima questão norteadora desta pesquisa, (*Quais aspectos relativos ao Nível Morfossintático contribuem para a expressão da modalidade facultativa no português do Ceará?*), nos trouxe uma série de conclusões relevantes: assim como a categoria ‘sexo’ foi relevante para identificar como se dá a modalidade facultativa em seus aspectos

pragmáticos, os aspectos morfológicos encontrados para a sua manifestação foram os seguintes: essa categoria expressa-se por meio de sintagmas e palavras. Dentre os sintagmas, os encontrados foram ‘ter condições de’, ‘em condições de’ e ‘ter capacidade de’ que, como vimos durante a análise do Componente Contextual, são mais enunciados entre as mulheres. Já as palavras mais utilizadas foram os verbos modais, dentre os quais, no *corpus*, ocorreu apenas o verbo poder. Os verbos também obtiveram uma quantidade significativa de ocorrências e, dentre eles, os que surgiram indicando a modalidade facultativa foram ‘saber’ e ‘conseguir’. Todos os verbos mostraram grande tendência a se apresentarem no presente do indicativo. Outro fator significativo para este nível reside na relação existente entre polaridade e modo verbal, cujos resultados nos mostraram que, quando a modalidade facultativa é enunciada com verbos no modo subjuntivo, ela possui uma grande predisposição a ser positiva.

Por fim, nossa última questão (*Qual o tipo de alvo da avaliação modal facultativa (escopo) é mais frequente no português do Ceará?*) nos mostrou que, assim como nossa hipótese inicial, a modalidade facultativa orientada-para-o-participante foi a mais recorrente, pois dos 163 casos de modalidade facultativa orientada para o participante, 104 estavam no âmbito das capacidades adquirida e o restante (59 casos) de habilidades intrínsecas. Um fato que também chama atenção é a predileção pelos falantes do Ceará em enunciarem a modalidade facultativa adquirida, demonstrando linguisticamente que possuem tendência a valorizar a experiência de vida.

Quando analisadas as relações entre estas categorias estabelecidas, chegamos aos cruzamentos de dados com o SPSS que nos mostrou algumas correspondências significativas estatisticamente determinantes para o surgimento da modalidade facultativa no português falado no Ceará, dentre as quais podemos citar: a) o comportamento/posição do falante sobre o valor facultativo instaurado determina diretamente o alvo da modalidade na medida em que a inclusão aumenta a tendência para a modalidade orientada para o participante, ao passo que o comportamento não inclusivo é correspondente à orientação para o evento; b) a condição *realis* propicia a expressão da modalidade facultativa com os tempos verbais presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, prioritariamente no modo indicativo. Já a condição *irrealis* incentiva os verbos no futuro do presente e futuro do pretérito, além de ser mais conveniente ao modo subjuntivo; c) existe relação entre os estados-de-coisas dinâmicos (processo e ação) e o alvo da modalidade facultativa, sobretudo quando orientado para o participante em sua faceta adquirida; d) a modalidade facultativa orientada-para-o-participante prioriza o verbo para a sua expressão tanto no aspecto

intrínseco quanto adquirido; e) a modalidade facultativa orientada para o participante tende a possuir polaridade negativa quando em aspecto adquirido; já quando enunciada intrinsecamente, tem predisposição a vir com polaridade positiva; f) os estados-de-coisas do tipo ação tendem a aparecer com polaridade positiva; já os do tipo processo costumam aparecer mais em polaridade negativa; por fim, g) há uma tendência geral do modo indicativo sobre os demais tanto na polaridade positiva quanto na negativa; o modo subjuntivo, de maneira contrária, tem clara predisposição apenas à polaridade positiva.

Após a organização e interpretação dos dados, elencamos as nossas principais dificuldades para a descrição e análise da modalidade facultativa deste trabalho. Com base nessa seção, sugerimos como propostas para trabalhos posteriores sobre a modalidade facultativa em relação à caracterização de estruturas cristalizadas como “nascer para”, que aparenta trazer em si uma carga facultativa muito forte, voltada para habilidades e capacidades intrínsecas, entre outras. Além destes, outros fatores são relevantes para aprofundamento posterior: i) a análise e descrição da modalidade facultativa no contexto da tipologia dos estados-de-coisas não dinâmicos em outros *corpora* de estudo a fim de identificar se realmente há a predisposição do EC ‘posição’ surgir prioritariamente tendo como alvo o participante, como aconteceu em nossa pesquisa; e ii) a investigação de indícios existentes para verificar se há relação linguisticamente carcada entre orações condicionais e a modalidade facultativa.

Sendo assim, acreditamos que seja possível dar continuidade a esta pesquisa acerca da categoria em questão com fins de sanar as dificuldades de pesquisa encontradas e identificar, em outros contextos discursivos, as características encontradas que proporcionem a manifestação da modalidade facultativa do português falado no Ceará.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João de. **A categoria modalidade**. Ponta Grossa: Uniletras, 1988.
- ALTURO, Nuria, KEEZER, Evelien, PAYTARÓ, Luis. The interaction between contexto and Grammar in Functional Discourse Grammar: Introduction. **Pragmatics.**, nº 24, vol. 02, p. 185-201, 2004. Disponível em <https://goo.gl/nmtYCh>. Acesso em 02 mai.2018
- ALVES, Rosângela Jovino. A modalização nos discursos de uma autoridade política e de uma autoridade religiosa. **Revista de Ciências Humanas**. Viçosa (MG), vol. 07, nº 01, p. 37-67, jan/jun. 2007. Disponível em <https://goo.gl/WX1wjz>. Acesso em 20 mar.2017.
- AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BASTOS, Sandra Denise Gasparini; BRUNELLI, Anna Flora. A manifestação das diferentes modalidades no emprego do verbo modal *poder* em português e espanhol: análise do discurso e autoajuda. **Signo &Seña**, nº 22, dezembro/2012. Disponível em: <https://goo.gl/158gRW>. Acesso em 14201 mai.2017.
- _____. OLBERTZ, Hella. **Objective and subjective deontic modal necessity in FDG – evidence from Spanish auxiliary expressions**. In. **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam, Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BRUNELLI, Anna Flora. A modalidade na literatura de auto-ajuda. **Revista Alfa**. São Paulo, v. 02, n.47, p. 117-137, 2003. Disponível em <https://goo.gl/ESJwaT>. Acesso em 21 mar.2017.
- _____. **“O sucesso está em suas mãos”**: análise do discurso de autoajuda. 2004. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em <https://goo.gl/SdTT8q>. Acesso em 22 mai.2017.
- _____. ; DALL’AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. A qualificação do dever: diálogo entre a análise do discurso e a abordagem funcional. **Revista do GEL**. São Paulo, v.06, n.01, p. 179-190, 2009. Disponível em <https://goo.gl/JCv1yx>. Acesso em 21 mai. 2017.
- BUAINAIN, Antonio Marcio; MAIA, Alexandre Gori. O novo mapa da população rural brasileira. **Cofins**. São Paulo/Paris, nº 25, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10548?lang=pt#text>. Acesso em 02 nov. 2018.
- BYBEE, Joan, PERKINS, Revere, PALGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar: tense, aspec and modalitu in the languages of the world**. Chicago: The university of Chicago Press, 1994.
- CABRAL, Sara Regina Scotta; FUZER, Cristiane; TICKS, Luciane. Análise sistêmico-funcional como suporte para a leitura de têxtis: o caso da cerveja Devassa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 12, n. 04, p. 183-908, 2012. Disponível em <https://goo.gl/EKvHBB>. Acesso em 18 mai. 2017.

CARRETERO, Marta. Uma proposta de tipologia de la modalidad: la aceptación como categoria modal. **Dicenda. Cuadernos de Filología hispânica**. Nº 10. p. 40-61. Ed. Compleude: Madrid: 1991-1992. Disponível em: <https://goo.gl/pLEW45>. Acesso em 14 mai. 2018.

CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. 159f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2007.

CARVALHO, Janayna; CÔRTEZ, Priscila; MELLO, Estefânia; MELLO, Heliana. Prolegômenos sobre a modalidade. **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia, .01, p. 104-134, 1ª sem. 2009. Disponível em <https://goo.gl/nB6N6p>. Acesso em 20 jun. 2017.

CASIMIRO, Sérgio. **Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula**. 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2007. Disponível em <https://goo.gl/2r8Qe1>. Acesso em 20 mar. 2017.

CASTILHO, Ataliba T. de; CASTILLHO, Célia M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português falado vol. 02: níveis de análise linguística**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, p. 213-260, 1996.

CAVASSIN, Regina B. **A negação no português**. 1993. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de Santa Catarina. Curso de Pós-Graduação em Letras-Linguística, 1993. Disponível em <https://goo.gl/Eu5PbN>. Acesso em 10 set.2018.

CERVONI, Jean. **A Enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CONNOLLY, John. Context in Functional Discourse Grammar. **Alfa**. São Paulo, 51, v. 02, p. 11-33, 2007. Disponível em <https://goo.gl/qshMX5>. Acesso em 27 jul. 2017.

_____. The Contextual Component within a dynamic implementation of the FDG model: structure and interaction. **Pragmatics**. Reino Unido, 24, v. 02, p. 229-248, jun.. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/pNJWFZ>. Acesso em 07 ago.2017.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. Campinas: Ed. Pontes, 1991.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Et. Alli. Pressupostos Teóricos. In. **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Matos. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. **Gragoatá**. Niterói, n. 27, p. 155-168, 2º sem. 2009. Disponível em <https://goo.gl/xGWSe3>. Acesso em 21 mar.2017.

_____. Campos semânticos modais: a modalidade dinâmica. In: Juliano Desiderato Antonio. (Org.). **Estudos descritivos do português: história, variação, uso**. São Carlos: Claraluz, 2008.

_____. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Org.). **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe**. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2007.

DIK, Simon. **The Theory of Functional Grammar – Part 1: The structure of the clause.** Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

EL-HANI, Charbel Niño. Diferenças entre homens e mulheres: biologia ou cultura? **Revista USP.** São Paulo, nº 29, Março/Maio de 1996, p. 149-160. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i29p149-160>. Acesso em 02 nov.2018.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística II: princípios de análise.** São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2010.

FREITAS, Erasmo de Oliveira. **Modalidade no gênero webcomentário do jornal O Povo: efeitos de sentido e relação com o mídiu digital.** 2012. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em <https://goo.gl/yxodHR>. Acesso em 15 mar.2017.

GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise. **Uma descrição do comportamento dos advérbios modalizadores epistêmicos no português falado.** 1997. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1997. Disponível em <https://goo.gl/6GDthK>. Acesso em 14 mar. 2017.

_____. Distinções entre modalidade deôntica objetiva e subjetiva no português falado: o caso do verbo *poder*. **Confluência.** Rio de Janeiro, n. 46, p. 273-287, 1º sem. 2014. Disponível em <https://goo.gl/2e17ve>. Acesso em 14 mai. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Editora Atlas, 1987.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOMES, Regina Sousa. A modalização em reportagens jornalísticas. **Revista Diadorim.** Rio de Janeiro, Vol. 04, 2008. Disponível em <https://goo.gl/fZUdyZ>. Acesso em 18 mar. 2017.

_____. Uma abordagem semiótica da modalização na mídia impressa. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies.** Lisboa, n.03, p. 195-212, 2010. Disponível em <https://goo.gl/2HnKcT>. Acesso em 18 mar. 2017.

GUIRADELLI, Lisângela Aparecida; NOGUEIRA, Livia Maria de Sousa Maciel; SILVA, Janaina Dantas Ferreira da; SILVA, Priscila Gomes da. A Modalidade epistêmica nos discursos políticos. **Núcleo.** Ituverava, v. 08, n. 02, p. 353-368, 2011. Disponível em <https://goo.gl/9Tmxwd>. Acesso em 21 mar. 2017.

_____. **Assertividade no discurso da autoajuda: um olhar discursivo e funcional.** 2013. 132f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em <https://goo.gl/sz24JW>. Acesso em 15 mai. 2017.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa.** São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HENGEVELD, kees. Ilocution, Mood and Modality in a Functional Grammar of Spanish. **Journal os Semantics**. Amsterdam, v. 03/04, nº 06, p. 227-269, 1988. Disponível em <https://goo.gl/eXbwJQ>. Acesso em 11 jul. 2017.

_____. Layers and Operators in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**. Grã-Bretanha, n. 35, p. 127-157, 1989. Disponível em <https://goo.gl/8aEkjx>. Acesso em 04 set. 2017.

_____; DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Four types of evidenciality in the native languages of Brazil. **Linguistics**. Nº 03, 2015, p 479-524. Disponível em <http://www.degruyter.com/view/j/ling.2015.53.issue-3/ling-2015-0010/ling-2015-0010.xml>. Acesso em 06 nov. 2017.

_____; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional Discourse Grammar: a tipologically-based theory os language structure**. New York, Oxford, 2008.

_____; MACKENZIE, J. Lachlan. Alinhamento Interpessoal, Representacional e Morfossintático na Gramática Discursivo-Funcional. **Delta**. São Paulo, vol. 25, nº01, 2009, p. 181-208. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/delta/v25n1/a07v25n1.pdf>. Acesso em 02 nov. 2018.

_____; MACKENZIE, J. Lachlan. Grammar and Context in Functional Discourse Grammar. **Pragmatics**. Reino Unido, v. 02, n. 24, p. 203-227, 2014. Disponível em <https://goo.gl/EhFMKS>. Acesso em 20 jul. 2017.

HERSLUND, Michael. Subjective na objective modality. In: KLINGE, Alex; MÜLLER, Henrik. (ed.) **Modality: studies in form and function**. Londres: Equinox, p. 39-48, 2005.

Jespersen. Otto. **A Modern English Gramrnar on Historical Principles**. Londres: Alíen & Unwin, 1928.

_____. **The Philosophy of Grammar**. Londres:Alíen & Unwin, 1924.

KAPP-BARBOZA, Aline Maria Miguel. **Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. 165f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2017. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/151978>. Acesso em 18 ago.2018.

KLINGE, Alex. Where there is a will, there is a modal. In: KLINGE, Alex; MÜLLER, Henrik. (ed.) **Modality: studies in form and function**. Londres: Equinox, p. 169-186, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992. 4ª ed.

_____. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2011. 6ª ed.

LOPES, Maria de Fátima de Sousa. **Uma análise funcionalista da modalidade deôntica na coluna Confronto das Ideias no jornal “O Povo”**. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em <https://goo.gl/j2iSG5>. Acesso em 14 mai. 2017.

_____; OLIVEIRA, André Silva; PRATA; Nadja Paulino Pessoa. A expressão da modalidade deôntica em língua espanhola. **E-escrita**. Nilópolis, v. 04, n. 02, especial, 2013. Disponível em <https://goo.gl/hsd5qU>. Acesso em 07 mar. 2017.

LUCENA, Izabel Larissa. A expressão da evidencialidade: uma análise do discurso político. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v.01, n. 37, p. 93-102, jan./abr. 2008. Disponível em <https://goo.gl/kr9F3a>. Acesso em 21 mai. 2017.

LYONS, John. **Semantics – v. 02**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora, DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. R. Gramaticalização de “então”. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATSUMOTO, Aline Ramires Moraes. **A Modalidade epistêmica em transmissões jornalísticas ao vivo de extensa duração**. 2008. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, 2008. Disponível em <https://goo.gl/SnVC27>. Acesso em 18 mar. 2017.

MELO, Bárbara Olímpia Soares, SOARES, Maria Elias. O uso das formas de tratamento na região do Cariri – CE. In: VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa, 2009. **Anais**. João Pessoa: ed. Ideia, v. 01, 2009, p. 483-493. Disponível em <https://goo.gl/ghfbqt>. Acesso em 19 out. 2017.

MENEZES, Léia Cruz de. **Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa: um exercício de análise retórico-funcional**. 2011. 332f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em <https://goo.gl/vs76gS>. Acesso em 14 mar. 2017.

_____. Por um entendimento retórico-funcional da categoria modalidade em função argumentativa. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 09, n. 01, p. 47-56, jan./mar. 2012. Disponível em <https://goo.gl/4HpZkn>. Acesso em 11 jul. 2017.

_____. A função interpessoal no entendimento da modalidade deôntica. **Fórum Linguístico**. v.10, n.03, jul. / set. 2013. Disponível em <https://goo.gl/S3bTBq>. Acesso em 14 mai. 2013.

MÜLLER, Henrik. Categoricality and temporal Projection os Spanish modals. In: KLINGE, Alex; MÜLLER, Henrik. (ed.) **Modality: studies in form and function**. Londres: Equinox, p. 123-148, 2005.

NAGAMURA, George Henrique. **Análise funcional dos evidencias e modalizadores no discurso da autoajuda da saúde**. 2001. 89f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011. Disponível em <https://goo.gl/QAVML2>. Disponível em 18 mai. 2017.

_____. O tratamento da subjetividade na Gramática Discursivo-Funcional. **Revista do SELL**. Uberaba, v. 04, n. 01, p.01-20, Disponível em

uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/sell/issue/view/66/showToc. aCESSO EM 14 mai. 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão da Gramática Funcional. **Alfa**. São Paulo, n.36, p. 109-127, 1994. Disponível em <https://goo.gl/MW6TwL>. Acesso em 04 mai. 2017

_____. A Modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Vilaça. **Gramática do Português falado vol. 06: Desenvolvimentos**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, p. 163-200, 1996.

_____. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo, Ed. Contexto, 2016.

NORDSTRÖM, Jackie. **Modality and subordinators**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010

NUYTS, Jan. The modal confusion: on terminology and the concepts behind it. In: KLINGE, Alex; MÜLLER, Henrik. (ed.) **Modality: studies in form and function**. Londres: Equinox, p. 05-38, 2005.

_____. Modality: Overview and linguistic issues. In: KLINGE, Alex; MÜLLER, Henrik. **The Expression of Modality** Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

OLBERTZ, Hella. **Verbal Pereihrases in a Functionam Grammar of Spanish**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

_____. Periphrastic expressions of non-epistemic modal necessity in Spanish – a semantic description. In: GARADANA, M.; MONTSERRAT, S.; PUSCH, C. **From composite predicates to verbal preihrases in romance languages**. Amsterdam: Benjamins, 2016. Disponível em <https://goo.gl/RNxzFn>. Acesso em 27 fev. 2017.

OLIVEIRA, André Silva. **Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica**. 2017. 310 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28010>. Acesso em 05 mai. 2018

PALMER, F.R. **Mood and Modality**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2001. (2ª ed.)

_____. **Modality and English Modals**. Nova York, Routledge, 2013. (2ª ed.).

PARRET, Herman. Pragmática. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 07, p. 39-51, 1984. Disponível em <https://goo.gl/k7nHVZ>. Acesso em 09 ago. 2017.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neuza Terezinha. **Gramática, Teoria e Exercícios**. Editora FDT. São Paulo. 1996

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

M. R. Perkins: **Modal Expressions in English**. Londres: Frances Pinter, 1983.

PESSOA, Nadja Paulino. **Modalidade deôntica e Persuasão no Discurso Publicitário**. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em

Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em <https://goo.gl/iSVo2F>. Acesso em 14 mar. 2017.

_____. **Modalidade deôntica e discurso midiático:** uma análise baseada na gramática discursivo-funcional. 2011. 221f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em <https://goo.gl/g9coC9>. Acesso em 14 mar. 2017.

_____. A expressão da subjetividade em língua espanhola: uma análise funcionalista em artigos de opinião. In: Congresso Internacional da ABRALIN, 7, 2011, Curitiba. **Anais**. Curitiba, p. 3382-3392, 2011. Disponível em <https://goo.gl/2rNBJP>. Acesso em 07 mar. 2017.

_____. A categoria modalidade e a (in) determinação de fronteiras. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 1, 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo, 2008. Disponível em <https://goo.gl/YcujSD>. Acesso em 14 mai. 2017.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em llinguística. In: BENTES, Anna Christina; MUSALIN, Fernanda. **Introdução à Linguística:** fundamentos epistemológicos. São Paulo: v. 03, Cortez, 2011.

PORTNER, Paul. **Modality**. Nova York: Oxford, 2009.

PROCÓPIO, Eliabe dos Santos. **A expressão da modalidade deôntica no corpus brasileiro de língua espanhola (séculos XVI-XVII)**. 2013. 355f. Dissertação. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em <https://goo.gl/kQ1qWG>. Acesso em 14 mar. 2017.

ROSS, J. Auxiliaries as main verbs. In: **Studies in Philosophical Linguistics**. Evanston, 1969. Disponível em <https://goo.gl/udarrh>. Acesso em 01 ago. 2017.

SANTOS, Francisco Ednardo Pinho dos. **Restrições à atribuição de funções semânticas e sintáticas:** um estudo funcionalista sobre inadequações n construção do enunciado em redações escolares. 2010. 120f. Dissertação. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em <https://goo.gl/Mkyug8>. Acesso em 14 mar. 2017.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole: 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SIQUEIRA, Fabio; KARMEYER-MERTENS, Roberto; FUMANGA, Mario; BENEVENTO, Claudia. **Como elaborar projeto de pesquisa:** linguagem e método. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

SOARES, Maria Elias, SILVA, Klebia Erislane do Nascimento e, LOPES, Ana Keyla Carmo. Uma caracterização do gênero entrevista em situação de pesquisa acadêmica: grupo PROFALA. **Intersecções**. Jundiaí, v. 09, p. 171-186. Disponível em <https://goo.gl/s7LBA1>. Acesso em 18 out. 2017.

SOUSA, Raimunda Aurilia Ferreira de. **A cidade do Crato na rede urbana cearense:** papel e importância na dinâmica urbana do CRAJUBAR. 2015. 200 f. Dissertação

(Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2015. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17619>. Acesso em 04 nov. 2018.

SOUZA, Cibele Naidhig de. Análise de usos modais do verbo *dar* em entrevistas no português brasileiro. **Estudos linguísticos**. São Paulo, v.01, n. 45, p. 86-99, 2016. Disponível em <https://goo.gl/pWtFDG> Acesso em 14 mai. 2017.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já e aí* no português brasileiro**: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2009. 273f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em <https://goo.gl/wvcoU2>. Acesso em 02 mar. 2017.

STEFFLER, Adriano. **Os verbos modais no português sob uma perspectiva de traços funcionais**. 2013. 91f. Dissertação (mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Disponível em <https://goo.gl/VEiFfp>. Acesso em 18 mar. 2017.

TRAUGOTT, Elizabeth. Historical aspects of modality. In: FRAWLEY, William (ed.) **Modality: studies in form and function**. Londres: Equinox, p. 107-140, 2005.

ZIEGELER, Debra. On the generic argument for the modality of *will*. **English Modality: core, periphery**. *s.d.*

**APÊNDICE A - VALORES DO *QUI-QUADRADO* PARA OS CRUZAMENTOS
ESTATÍSTICOS REALIZADOS COM O SPSS**

Cruzamento das categorias de análise entre o Componente Contextual e o Nível Interpessoal

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Idade x Comportamento	0,581
Sexo x Comportamento	0,722
Escolaridade x Comportamento	0,468

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Cruzamento de dados entre o Componente Contextual e o Nível Representacional

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Idade x Condições	0,763
Idade x Alvo	0,404
Idade x MFOE	0,404
Idade x MFOP	0,042
Idade x EC	0,088
Idade x Polaridade	0,649
Sexo x Condições	0,035
Sexo x Alvo	0,294
Sexo x MFOE	0,294
Sexo x MFOP	0,594
Sexo x EC	0,565
Sexo x Polaridade	0,957
Escolaridade x Condições	0,098
Escolaridade x Alvo	0,944
Escolaridade x MFOE	0,944
Escolaridade x MFOP	0,306
Escolaridade x EC	0,186
Escolaridade x Polaridade	0,635

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Cruzamento de dados entre o Componente Contextual e o Nível Morfossintático

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Idade x Expressão Linguística	0,091
Idade x Classe de Palavras	0,114
Idade x Tempo	0,069
Sexo x Expressão Linguística	0,030
Sexo x Classes de palavras	0,012
Sexo x Tempo	0,013
Sexo x Modo	0,011
Escolaridade x Expressão Linguística	0,010
Escolaridade x Classes de palavras	0,168
Escolaridade x Tempo	0,147
Escolaridade x Modo	0,092

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Cruzamento de dados entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Representacional

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Comportamento x Condições	0,568
Comportamento x Alvo	0,019
Comportamento x MFOE	0,019
Comportamento x MFOP	0,048
Comportamento x EC	0,141
Comportamento x Polaridade	0,726

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Cruzamento de dados entre a categoria do Nível Interpessoal e as categorias do Nível Morfossintático

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Comportamento x Expressão Linguística	0,514
Comportamento x Classe de Palavras	0,116
Comportamento x Tempo	0,110
Comportamento x Modo	0,379

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Cruzamento de dados entre as categorias do Nível Representacional

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Condições x Alvo	0,983
Condições x MFOE	0,983
Condições x MFOP	0,980
Condições x EC	0,650
Condições x Polaridade	0,000
Alvo x MFOE	0,000
Alvo x MFOP	0,000
Alvo x EC	0,000
Alvo x Polaridade	0,221
MFOE x EC	0,000
MFOE x Polaridade	0,221
MFOP x EC	0,000
MFOP x Polaridade	0,014
EC x Polaridade	0,005

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Cruzamento de dados entre as categorias do Nível Representacional e as do Nível Morfossintático

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Condições x Expressão Linguística	0,971
Condições x Classe de Palavras	0,420
Condições x Tempo	0,000
Condições x Modo	0,000
Alvo x Expressão Linguística	0,890
Alvo x Classe de Palavras	0,328
Alvo x Tempo	0,948
Alvo x Modo	0,354

MFOE x Expressão Linguística	0,890
MFOE x Classe de Palavras	0,328
MFOE x Tempo	0,948
MFOE x Modo	0,354
MFOP x Expressão linguística	0,721
MFOP x Classes de Palavras	0,002
MFOP x Tempo	0,946
MFOP x Modo	0,319
EC x Expressão Linguística	0,034
EC x Classes de Palavras	0,009
EC x Tempo	0,975
EC x Modo	0,752
Polaridade x Tempo	0,089
Polaridade x Modo	0,002

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Cruzamento de dados entre as categorias do Nível Morfossintático

Cruzamento	Valor do <i>Qui-quadrado</i>
Expressão Linguística x Classes de Palavras	0,000
Expressão Linguística x Tempo	0,000
Expressão Linguística x Modo	0,000
Classes de Palavras x Tempo	0,000
Classes de Palavras x Modo	0,000
Tempo x modo	0,000

Fonte: Extraída do SPSS com base nas análises da autora.

APÊNDICE B - TABELAS 30, 31 E 32 COM CRUZAMENTOS ENTRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Tabela 30 - Cruzamento de dados entre Sexo e Tempo verbal

Sexo	Contagem	Tempo						Total
		Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Não se aplica	
Masculino	Nº	44	8	5	1	3	24	85
	% Sexo	51,8%	9,4%	5,9%	1,2%	3,5%	28,2%	100%
	% Tempo	67,7%	44,4%	38,5%	50,0%	75,0%	36,9%	50,9%
	% Total	26,3%	4,8%	3,0%	0,6%	1,8%	14,4%	50,9%
Feminino	Nº	21	10	8	1	1	41	82
	% Sexo	25,6%	12,2%	9,8%	1,2%	1,2%	50,0%	100%
	% Tempo	32,3%	55,6%	61,5%	50,0%	25,0%	63,1%	49,1%
	% Total	12,6%	6,0%	4,8%	0,6%	0,6%	24,6%	49,1%
Total	Nº	65	18	13	2	4	65	167
	% Sexo	38,9%	10,8%	7,8%	1,2%	2,4%	38,9%	100%
	% Tempo	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	% Total	38,9%	10,8%	7,8%	1,2%	2,4%	38,9%	100%

Fonte: extraída do SPSS com base nas análises da autora.

Tabela 31 - Cruzamento de dados entre Condições de realidade e Tempo verbal

Condição	Contagem	Tempo					Total
		Pres.	Pret.Perf.	Pret.Imp.	Fut.Pres.	Fu.Pret.	
Irrealis	Nº	9	0	3	2	4	18
	% Condição	50,0%	0,0%	16,6%	11,1%	22,2%	100%
	% Tempo	13,8%	0,0%	23,1%	100%	100%	17,6%
	% Total	8,8%	0,0%	3,0%	1,9%	3,9%	17,6%
Realis	Nº	56	18	10	0	0	84
	% Condição	66,6%	9,5%	11,9%	0,0%	0,0%	100%
	% Tempo	86,2%	100%	76,9%	0,0%	0,0%	82,3%
	% Total	54,9%	17,6%	9,8%	0,0%	0,0%	82,3%
	Nº	65	18	13	2	4	102
	% Condição	63,7%	17,6%	12,7%	1,9%	3,9%	100%
	% Tempo	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	% Total	63,7%	17,6%	12,7%	1,9%	3,9%	100%

Fonte: adaptada do SPSS com base nas análises da autora.

Tabela 32 -Cruzamento de dados entre Tipologia dos estados-de-coisas e Classes de palavras

Tipo de EC	Contagem	Classe				Total
		Verbo pleno	Verbo modal	Substantivo	Adjetivo	
Ação	Nº	31	35	5	2	73
	% EC	42,4%	48,0%	6,9%	2,7%	100,0%
	% Classe	59,6%	55,5%	50,0%	40,0%	56,0%
	% Total	23,8%	26,9%	3,8%	1,5%	56,0%
Processo	Nº	20	28	5	2	55
	% EC	36,3%	51,0%	9,0%	3,7%	100,0%
	% Classe	38,4%	44,4%	50,0%	40,0%	42,3%
	% Total	15,4%	21,5%	3,8%	1,6%	42,3%
Posição	Nº	0	0	0	0	0
	% EC	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100%
	% Classe	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Estado	Nº	1	0	0	1	2
	% EC	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	100,0%
	% Classe	1,9%	0,0%	0,0%	20,0%	1,4%
	% Total	0,7%	0,0%	0,0%	0,7%	1,4%
Total	Nº	52	63	10	5	130
	% EC	40,0%	48,5%	7,7%	3,8%	100,0%
	% Classe	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% Total	40,0%	48,5%	7,7%	3,8%	100,0%

Fonte: adaptada do SPSS com base nas análises da autora.